

Carl Du Prel

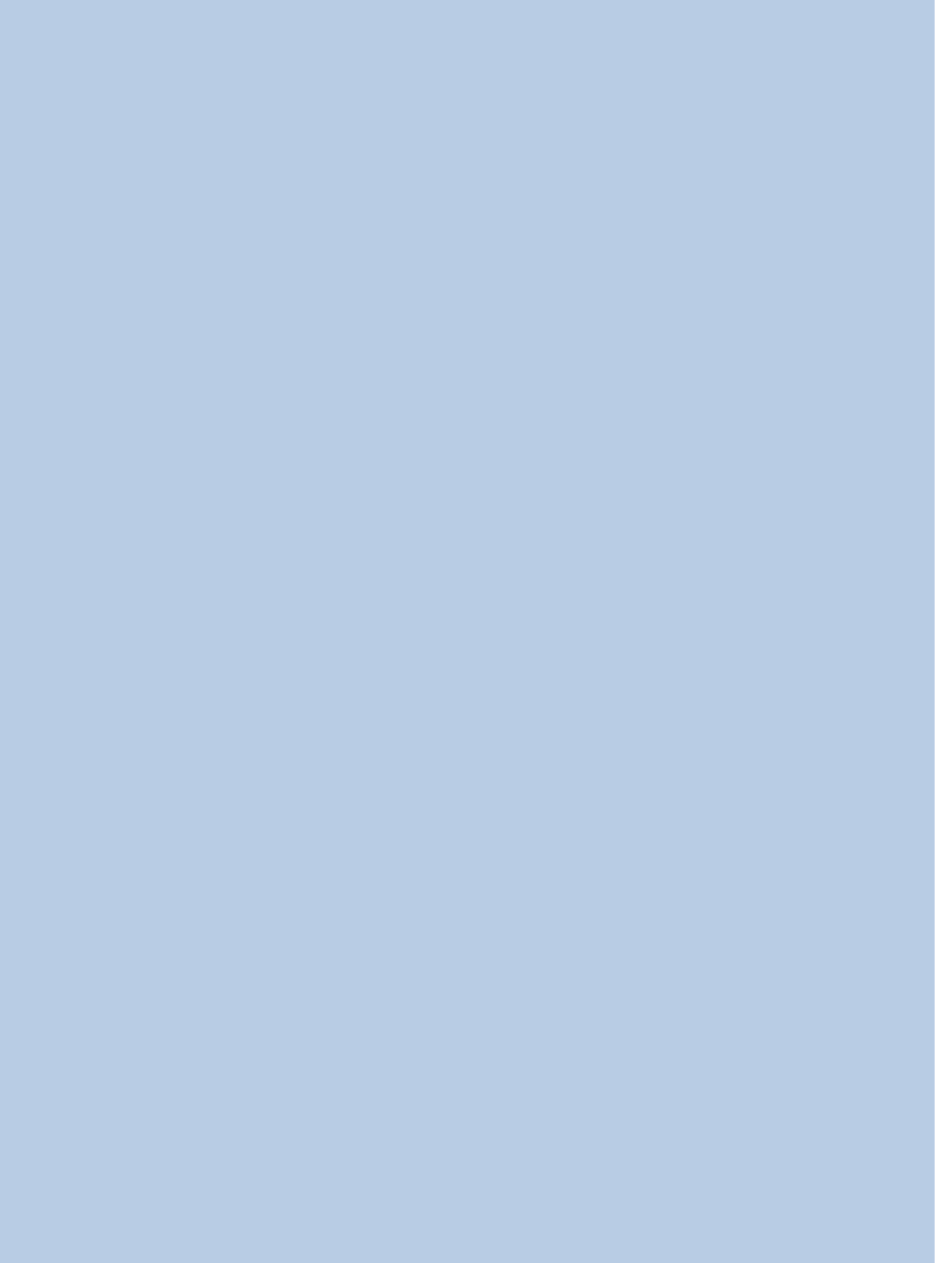
O Outro Lado da Vida

Título do original francês
La Mort et l’Au-delà



*Jonh Constable
O Cavalo Pulando*





Conteúdo resumido

O objetivo principal desta obra, conforme palavras do próprio autor, é “provar que possuímos uma alma e que esta pode destacar-se do corpo sem perder suas qualidades essenciais”.

Com base nas pesquisas experimentais efetuadas por eminentes cientistas de vários países, procura o autor demonstrar que se essa alma, assim separada do corpo, mesmo durante a vida humana, pode pensar e agir de maneira independente, estará então resolvido um dos problemas que mais afligem o ser humano: o do nosso destino após essa existência material – após a desagregação do nosso corpo físico.

Du Prel conclui ainda, por essas pesquisas, que as forças psíquicas do ser humano são equivalentes às do ser espiritual (destituído do corpo físico) e submetidas às mesmas leis e condições.

Sumário

Sobre o autor	5
Prefácio	6
I – A morte considerada como a passagem do homem para o estado ódico.....	8
II – O Além.....	33
III – A Vida no Além.....	51
Epílogo	102
Biblioteca de Estudos Psíquicos.....	104

Sobre o autor

O barão Carl du Prel nasceu em Landshut (Baviera), a 3 de abril de 1839. Foi oficial do Exército e recebeu o título de doutor em Filosofia pela Universidade da Tubinga. Em 1892 participou das célebres experiências de Milão, com a médium Eusápia Paladino, em companhia de Aksakof, Schiaparelli, Brofferio, Ermacora, Richet, Lombroso e Chiaia. Desencarnou em Heiligkreuz (Tirol), no ano de 1899.

A presente obra é a última que apareceu em sua vida, como coroamento da sua carreira. Escreveu também: “História da evolução do Universo”, 1876; “Os habitantes dos planetas e a hipótese nebular (Novos estudos sobre a evolução histórica do Universo)”, 1880; “A Filosofia mística”, 1883; “A doutrina monística da alma”, 1888; “Estudos no domínio das ciências ocultas”, 1890; “A descoberta da alma por meio das ciências ocultas”, 1894; e “A magia, ciência natural”.

Foi Carl du Prel um dos maiores pensadores modernos – um dos mais finos devassadores do “Incógnito”. Suas conclusões, de profundo rigor analítico, marcaram uma etapa na técnica de encarar os fenômenos metapsíquicos – ou do mundo transcendental, como ele diz.

Prefácio

Se for verdade, como afirma Kant, que o bem estar da humanidade depende da metafísica, é evidente que a questão da imortalidade tem para nós uma importância primordial.

Sua influência na vida social poderia manifestar-se claramente se as opiniões que os homens adotaram sobre esse grave problema não estivessem em absoluto assim divididas: a Igreja erige a imortalidade em dogma, sem nada provar; a Ciência Física nega-a; e finalmente na Filosofia encontramos defensores das duas opiniões.

Uma vez que há milhares de anos vimos fazendo tantos esforços intelectuais para obter a solução de um problema que tanto interessa a humanidade, sem nunca chegarmos a uma conclusão definitiva, temos de procurá-la tomando um caminho completamente novo.

Trata-se de provar que possuímos uma alma e que esta pode destacar-se do corpo sem perder suas qualidades essenciais. Para que essa prova seja universalmente admitida e a fé na imortalidade se torne um bem comum da humanidade, com influência sobre o bem estar geral, faz-se mister que a prova se diferencie de todas as outras dadas até aqui, que se revelaram ineficazes; consistirá essa prova em demonstrar, pela experiência, que a alma pode destacar-se do corpo, mesmo em vida do homem.

E se além disso for demonstrado que essa alma, assim separada do corpo durante a vida homem, age e julga de maneira diferente de quando está presa ao corpo, e que pode funcionar de maneira independente, então as divergências de opiniões terão que cessar, e resolvido ficará o problema da vida futura – problema para o qual ignoramos a solução e isto foi considerado de tal forma certo que não havia mais quem se desse ao trabalho de tentar erguer o véu.

Enquanto o homem permanecer na dúvida – se é uma criatura física e mortal ou um ser metafísico e imortal –, não terá o direito de gabar-se da sua consciência pessoal, nem de se limitar a ter a morte como um salto nas trevas. Isso não convém sobre-

tudo a um filósofo, cujo primeiro dever, segundo Sócrates, é o de conhecer-se a si mesmo.

Carl du Prel

I

A morte considerada como a passagem do homem para o estado ódico

Lucrécio compara o nascimento do homem a um naufrágio; as ondas nos lançam nus e abandonados em praias desconhecidas.

*Ut saevis projectus ab undis
Navita nudus humi jacet*

Por que razão e com que fim, emergidos do oceano das idades, fomos deixados nas ribas terrestres? Não o sabemos; e tudo quanto precede esse naufrágio nos é de tal forma desconhecido que consideramos o nascimento como o começo de nossa existência.

Chegamos à terra com uma consciência vazia, e os conhecimentos que no decorrer da vida essa inconsciência adquire só dizem respeito aos objetos com que entramos em relação. Mal sabemos se nos assiste o direito de fazer perguntas sobre o que aconteceu antes do nascimento e sobre o que haverá depois da morte; só temos noções do curto período que vai do berço ao túmulo. O homem dá-se como o rei da criação, mas o seu reino só compreende um dos astros mais insignificantes do firmamento. Orgulhamo-nos da nossa consciência pessoal, que nos torna superiores aos animais; mas sobre os animais, que não compreendem que são mortais, apenas temos a vantagem duvidosa de poder encarar a morte com segurança; e, embora tenhamos a noção da imortalidade, não estamos perfeitamente certos disso.

O problema da imortalidade comporta as seguintes questões:

- 1º- Possuímos uma alma imortal?
- 2º- Onde fica situado o Além?
- 3º- Que vida levará a alma no Além?

A Religião, a Filosofia e a história natural ocuparam-se dessas três questões; vamos expor sumariamente o que resultou das suas pesquisas.

As diversas religiões baseadas na Revelação sempre ensinaram que no momento da morte a alma deixa o corpo a fim de transportar-se para o Além e lá receber a recompensa ou a punição relativas à conduta terrestre.

A vida terrestre, portanto, seria tão somente um episódio passageiro, durante o qual devíamos nos aplicar na boa preparação para a vida futura, já que esta é eterna e aquela passageira. Esse ponto de vista coloca o interesse inteiramente na vida por vir; e quando a fé na imortalidade se torna universal, como na Idade Média, toda a civilização se ressentia disso, para bem ou para mal. Sem essa fé é impossível compreender os acontecimentos mais importantes da Idade Média, sem a excelência e o desenvolvimento da arte cristã nem a opressão do espírito pela inquisição e suas fogueiras. Em compensação, observamos em nossos dias que a influência da Religião, e com ela o poder da Igreja, se desvanecem cada vez mais; e se (coisa de que não duvidamos) essa dissolução continuar, o problema da imortalidade nada mais terá a esperar da Religião.

Passemos agora à Filosofia.

Na Idade Média a Filosofia estava a serviço da Igreja. A verdade dos dogmas religiosos procurava apoiar-se no raciocínio para adquirir maior importância; o resultado, porém, mostrou-se contrário à expectativa. Não foi possível estabelecer a esperada harmonia entre o dogma e a razão; a dificuldade agravou-se e a polêmica entre Bayle e Leibniz veio demonstrar o malogro da empresa.

Desde então, a Filosofia renunciou à aliança com a Teologia e tomou caminho independente: recusou-se a admitir a imortalidade baseada na revelação e procurou prová-la por meio de seus próprios princípios. Teve esperança de chegar a tanto por meio da análise psicológica, tentativa que não deu bons resultados. Efetivamente, nossa consciência só percebe as transformações do nosso corpo por meio dos sentidos, ao passo que, para provar a imortalidade, é preciso demonstrar que a alma é consciente mesmo sem o corpo.

A Filosofia, tanto quanto a Religião, não pôde, portanto, resolver o problema; e como não é de prever que descubra argumentos novos e mais convincentes, podemos dizer que nada há a esperar desse lado.

Com o nosso maior progresso no conhecimento da natureza, a solução do problema não deu nenhum passo de monta. A idéia da alma reduziu-se a uma função do corpo; a procura do Além nada deu de si. A aparência da abóbada celeste foi ampliada pela astronomia ao espaço infinito.

Parecia, portanto, que quanto mais as ciências físicas se desenvolvessem, menos a idéia da imortalidade tinha possibilidades de sobreviver. Sob o influxo dessa tendência do espírito, a humanidade concedeu importância cada vez maior à vida terrestre, em detrimento da do Além. Toda a civilização atual baseia-se ou resente-se dessa filosofia. A instrução intelectual fez progressos, mas a moral perdeu a sua base metafísica; daí o perguntarmos aonde nos levará esse afrouxamento da moral. É absolutamente claro que a polícia e o Estado nunca poderão obter moralidade pela força ou pela lei, porque o problema moral é apenas um problema metafísico. A moral só pode basear-se na fé na imortalidade; e como esta tem ainda o seu maior sustentáculo na metafísica cristã, compreende-se que, mal grado as suas tendências retrógradas, a Igreja ainda possui influência bastante para que as almas temerosas se lhe apeguem como à ancora que pode livrar a sociedade do naufrágio.

Impossível não concluir, com efeito, que sem a renovação da fé metafísica nós vogamos para a degenerescência geral, ainda que com o progresso das ciências físicas a civilização alcance o apogeu.

A extrema importância conferida à vida presente, na qual concentramos todos os nossos interesses, constitui a causa primeira das nossas misérias sociais. Só a crença numa vida futura nos melhorará. Se nos soubermos imortais, não mais consideraremos a vida atual como o nosso fim supremo; e só nesse caso teremos a nossa vida presente correlatada ao bem estar da vida futura, mesmo em detrimento da primeira. O egoísmo terrestre, que exclui o amor do próximo, poderia ceder lugar ao egoísmo

transcendental – e isso bastaria para melhorar as condições sociais, porque implica amor ao próximo; um cálculo bem simples mostraria que, se as relações pessoais continuam no Além, quem mais semeia aqui colhe melhor messe na vida futura.

Como, então, poderemos, dados os insucessos precedentes, reconquistar a crença na imortalidade? A Teologia limita-se a afirmá-la sem dar provas; a Ciência Física nega-a redondamente, e a Filosofia, segundo os seus representantes mais eminentes, de Platão a Schopenhauer, hesita entre o panteísmo e o individualismo. Na hora da morte, o sábio e o ignorante encontram-se no relativo à sorte que os espera depois do último suspiro.

Um de meus amigos passou pelo pesar de perder uma filha, o que lhe reavivou o interesse pela questão da imortalidade. Professor universitário, dirigiu-se aos colegas, catedráticos de Filosofia, na esperança de achar consolação em suas respostas. A decepção foi amarga: ele pedia pão; davam-lhe pedras; procurara afirmação, davam-lhe “talvez”.

Assim é que nos achamos diante dum puro escândalo científico, o da ignorância mais absoluta a reinar quanto à solução do mais importante de todos os problemas humanos. Swift, moribundo, exclamava que ia “dar um perigoso salto nas trevas”; cada um de nós ainda pode dizer o mesmo hoje. O homem mais instruído dos nossos dias, mesmo temperando a educação religiosa com a Filosofia e a Fisiologia, no fim de sua carreira na terra só pode concluir como Fausto: “Vejo que nada podemos saber sobre lá em cima.” E todavia esse homem não pode contentar-se com a negativa; não compreende os que renunciam a resolver o enigma; compreende ainda menos os que, exclusivamente preocupados com os interesses terrestres, nem sequer se dão ao trabalho de informar-se sobre a existência dum problema metafísico, e assim baixam a sua consciência pessoal ao nível da dos animais. Não se contenta esse homem com olhar a vida como hábito; não consegue sufocar em si a intuição inata duma outra vida que o assusta; e como as ciências oficiais não podem informá-lo sobre o Além, em vez de renunciar à pesquisa ele faz como Fausto: entrega-se à magia.

A magia era uma das disciplinas professadas nas universidades da Idade Média; hoje não a temos nos programas. O professor moderno, ao contrário de Fausto, considera a magia como superstição.

Não estará, entretanto, esse ocultismo que nossas universidades renegam demonstrado pelas duas premissas que até mesmo um fisiologista é forçado a admitir?

1º- Nossas ciências naturais ainda não disseram a última palavra, e a natureza esconde muitas forças e leis que ainda ignoramos.

2º- Essas forças não nascem no momento em que as descobrimos; não teriam sido descobertas se já não existissem.

Forçoso é concluir, logicamente, que há fenômenos naturais produzidos por forças desconhecidas, cuja natureza ignoramos. Esses fenômenos devem ter-se produzido em todos os tempos, em todos os países e em todas as fases da evolução científica. Também o nosso século tem os seus fenômenos ocultos, a sua magia, de que não se pode dizer que “talvez” exista, porque existe “necessariamente”. A magia tem por fim estudar as forças latentes que podem existir no homem e nas coisas, e determinar suas relações mutuas. O homem, a criatura mais complexa que conhecemos, deve ser considerado um microcosmo em que se acham concentradas todas as forças do macrocosmo. Possui necessariamente forças ocultas de que não tem conhecimento e que não pode empregar a seu talante, mas que pode fazer sair do estado de latência desde que conheça as leis que as regem. É assim, por exemplo, que os sonhos proféticos se apresentam espontaneamente, mas não podem produzir-se segundo o nosso desejo.

A Psicologia moderna engana-se em não querer absolutamente tomar em consideração as forças ocultas. Estuda só a de que temos consciência que podemos empregar à vontade. Não sendo mais que uma psicologia de experiências conscientes, só abrange metade do seu domínio. Nossa consciência, que se sintetiza no cérebro e se estende a todo o corpo por meio do sistema nervoso, não pode, de modo nenhum, informar-nos sobre a questão da

existência e da natureza da alma. Se a alma existe, temos de procurá-la fora da consciência cerebral; porque nela apenas achamos metade do que por definição é o homem. Como as forças ocultas do homem não nascem de sua natureza física, seu cérebro não pode ter consciência dessas forças; elas procedem necessariamente de um ser especial, do homem oculto – e eis aqui uma consideração muito importante para o problema da imortalidade. A Psicologia moderna, efetivamente, só trata da questão da imortalidade no que se refere ao homem considerado como ser físico; mas é forçoso abordar a questão do homem considerado como ser oculto. Desnecessário dizer que a Psicologia oculta parte da admissão da existência de um ser transcendental, que não participa das peripécias do corpo e, por conseguinte, não é influenciado pela morte.

Existe um mundo transcendental: o que não podemos perceber por meio dos sentidos físicos. Possuímos em nós um homem transcendental: parte de nosso ser que se acha além da consciência cerebral. O mundo transcendental, comumente chamado o Além, é tão real quanto o mundo visível, e as relações das coisas no Além estão submetidas a leis exatas, tal como se dá no mundo físico. É a essas leis exatas que o nosso ser transcendental (a nossa alma) está submetido, e são os fenômenos daí derivados o que o ocultismo estuda. A essa ordem de fenômenos pertencem o Sonambulismo e o Espiritismo – os dois principais domínios da magia moderna.

Como criatura terrestre, o homem compõe-se de alma e corpo. Embora a consciência cerebral só abranja metade do nosso ser, isto é, o corpo, torna-se evidente haver nele apenas um limite subjetivo, e é de supor que, em casos anormais ou extraordinários, esses limites possam ser transpostos. Ao verificar tais casos estaríamos em condições de adquirir algum conhecimento sobre as relações que possam existir entre as propriedades ocultas das coisas e o que há de oculto em nosso ser. Teríamos assim conhecimento, nesta vida, da natureza da nossa alma e do seu modo de existência no Além.

Isto se produz no sonambulismo; e já que podemos transpor a fronteira física para entrar no mundo transcendental, por que os

seres do Além não poderiam, eles também, transpor essa fronteira para entrar em relação conosco? Com o sonambulismo, penetramos no mundo dos espíritos; com o espiritismo, são os espíritos que penetram no nosso. Tal é a definição dos dois principais fenômenos da magia moderna.

Depois destas explicações, não se espantará o leitor de me ver sustentando que o velho problema da imortalidade e da vida futura, que permaneceu sem solução até nossos dias, é, entretanto, susceptível de encontrar solução baseada nas pesquisas novas. Logo, é à magia que temos de nos dedicar. Não achamos a solução na Psicologia física; devemos portanto procurá-la na Psicologia oculta. E é lá, com efeito, que a acharemos.

Cumprе insistir sobre o fato de que essa solução é necessária à humanidade para que o desânimo atual se substitua pela certeza que levanta os corações. Vemos os povos mais civilizados de hoje perderem a fé na vida futura ao mesmo tempo em que abandonam os dogmas religiosos. Vemos também que os negadores da fé, em vez de procurar apoio na Filosofia (que aliás nunca deitará raízes nas massas), caem nos braços do materialismo, o qual não se limita a ser uma convicção teórica, mas insinua-se na vida prática. A Ciência não tem podido combater essa corrente, e sua asserção de que a Psicologia e a Metafísica conseguirão um dia provar a imortalidade não traz remédio aos males do presente. Só o ocultismo tem forças para enfrentar o perigo; só o ocultismo dá ao homem o conhecimento de sua natureza metafísica e com ela a segurança de sua dignidade como ser imortal. O ocultismo não exige do ser pensante a fé cega em dogmas a que faltem provas; excita-o, pelo contrário, a servir-se de sua inteligência para examinar os fatos e tentar experiências psicológicas que provem a sua imortalidade. É, portanto, pelo ocultismo que o homem solverá, pessoalmente o problema a que a Religião, a Filosofia e as Ciências Físicas não puderam achar resposta, o problema de que depende a salvação da humanidade na Terra e ainda a sua salvação na vida futura, porque só saberá conduzir-se na vida atual com vistas à vida do Além aquele que tiver admitido a realidade desta última. Sem a semeadura aqui, não haverá colheita no Além.

Encaremos de início o problema da imortalidade: vamos prová-la com o auxílio de fatos experimentais.

O meio mais simples seria recorrer às experiências espíritas, já que elas provam a sobrevivência dos mortos; mas embora eu muito aprecie o valor destas provas, ainda não considero o espiritismo uma Ciência experimental, pois não podemos contar com o êxito absoluto de suas experiências. O homem vivo é um elemento mais seguro do que um desencarnado quando se trata de experimentação. Temos, pois, de basear nossas provas em fatos constatados pela experiência nos vivos.

Quando a homem morre, nenhum sinal exterior denuncia a separação entre a alma e o corpo. Vemos cessar um, mas não vemos surgir outro. Vemos a vida extinguir-se, a anestesia estender-se por todo o corpo, o qual, depois disso, se decompõe. Esse é o “*processus*” que a nossa experiência constata desde que o homem existe sobre a Terra.

Nada há aí, entretanto, que nos impeça de admitir que a morte tenha um reverso, um lado que só escapa às nossas experiências porque os nossos sentidos não o podem perceber, mas que, se existe, garantirá a sobrevivência da individualidade. É certo que a experiência nos prova a anestesia do corpo, mas não prova que esse anestésico corresponda à privação completa da faculdade de sentir, e se considerarmos os estados análogos, sentimo-nos tentados a negá-lo. Ficamos quase anestesiados durante o sono normal, e o sono hipnótico é acompanhado duma tal anestesia, que os médicos aproveitam-na para executar as operações cirúrgicas mais difíceis. A sensibilidade, entretanto, está apenas paralisada, não destruída, pois que se restabelece a si própria ao despertar. É preciso, portanto, que estudemos muito bem o sono, esse “irmão da morte”, sobretudo o sono artificial, extremamente parecido com a morte. Temos de estudar no homem vivo o em que se torna a sua sensibilidade quando mergulhado nessa morte aparente, e ver se a resposta à nossa experiência não poderia informar-nos sobre o em que se torna o princípio vital quando somos atingidos pela morte definitiva.

Estudada a questão relativa ao que se passa durante a anestesia do sono artificial, ficou provado que esse “irmão da morte”

possuía, efetivamente, um “reverso”, que havia escapado à observação científica por não ser perceptível aos nossos sentidos.

Foi sobretudo Albert de Rochas quem contribuiu para a solução do problema. Fez um estado especial da anestesia dos sonâmbulos e provou de modo indubitável que a anestesia do corpo não formava mais do que metade do processo, e que a outra metade, embora escapasse à nossa vista, se prestava também à experimentação. Provou que durante a anestesia a sensibilidade não é destruída, nem mesmo suprimida, mas simplesmente transferida “para fora” – exteriorizada!

Durante o sonambulismo. os *eflúvios ódicos* fogem do corpo do adormecido levando a sensibilidade, de sorte que a picada de uma agulha, que não é em absoluto sentida pelo corpo anestesiado, faz-se por ele sentida quando as camadas ódicas exteriorizadas recebem a picada. Essa experiência demonstra de modo claro que a supressão passageira da vida corporal se liga a um processo psíquico que é a *exteriorização de um princípio vital, o qual continua a sua existência independente do corpo, quando dele está separado.*

Essa experiência, feita com um ser vivo, esse fenômeno produzido artificialmente durante um estado que se assemelha ao da morte, nos dá direito indiscutível de supor que o mesmo processo se desenvolve depois da morte natural – visto que a alma se destaca do corpo.

Não posso mencionar aqui, mesmo sumariamente, as experiências que de Rochas empreendeu; indicarei apenas os escritos desse inigualável observador. Suas experiências, levadas a efeito com minuciosos cuidados, foram reconhecidas exatas por vários outros investigadores. Demonstraram que a nossa sensibilidade absolutamente não adere aos órgãos corporais, mas, pelo contrário, está concentrada no *Od* de que o nosso corpo se embebe. Esse *Od* pode exteriorizar-se durante a vida do homem, e a experiência prova que nesse caso ele guarda sensibilidade primitiva.

Temos, portanto, o direito de admitir que a exteriorização do princípio vital se dá igualmente depois da anestesia da morte;

podemos supor que ao morrer o homem ódico se destaca definitivamente do envoltório carnal. Damos assim um grande passo para a imortalidade; teremos achado um veículo independente do corpo, uma consciência independente dos órgãos físicos.

É verdade que as camadas ódicas exteriorizadas ainda não constituem uma alma. Para chegarmos até esta somos forçados a recorrer a outros fenômenos ocultos. Todos os eflúvios ódicos do homem vivo, quer se apresentem de modo espontâneo, quer pelo efeito da vontade, pertencem a essa categoria. Um dos primeiros fenômenos de que se ocupou o ocultismo foi o magnetismo animal, o qual prova que o *Od* exteriorizado é o portador da força vital. É preciso, portanto, admiti-lo como fazendo parte da alma, visto que o magnetismo tem por fim restabelecer a saúde em um corpo doente – “magnetizar é transferir força vital”.

Quis o acaso que fosse um médico, Mesmer, quem descobrisse o magnetismo animal. Por essa razão este foi encarado como ramo da Medicina e estudado em seus efeitos orgânicos. Mas como esses efeitos são muito variados e bastante complexos, a Medicina oficial recusou-se a admiti-lo, tornando-o objeto de discussões sem fim. Reichenbach transferiu o exame para o domínio da Física – e lá as provas foram menos sujeitas a controvérsias.

(Pode-se sumariamente constatar a realidade do magnetismo animal por diversos meios:

1°- as mudanças fisiológicas operadas no corpo do doente submetido à sua influência;

2°- os eflúvios luminosos que o magnetismo produz; os sensitivos vêem os luars ódicos num quarto escuro, quando em estado de vigília; os sonâmbulos os vêem no estado de sono, sem necessidade de recorrerem à câmara escura;

3°- diversos fenômenos de movimento que o magnetismo produz, como o desvio da agulha imantada, a rotação das mesas etc.;

4°- impressões registradas em chapas fotográficas. A questão tem sido muito bem tratada ultimamente, mas continua-se a negar o magnetismo como se nada houvesse sido verificado.)

Os médicos repetem, sem refletir e sem estudo da questão, que todos os efeitos do magnetismo não passam de produtos da sugestão. Sustentam que o doente não deve a cura a um fluido vital, mas simplesmente à influência de uma sugestão estranha. Objeção da mais alta ingenuidade, porque a sugestão não pode dar ao doente mais que uma idéia, um conceito; e a idéia por si mesma não pode produzir cura. Só o poderá fazer no caso do cérebro do doente dispor de bastante força vital para que a sugestão auxilie a condução dessa força vital para a parte do corpo que a necessita.

A cura pelo magnetismo animal opera-se por meio do fluido vital do magnetizador, por ele transferido a um organismo estranho. A cura pela sugestão opera-se graças ao fluido vital do próprio doente, fluido que a sugestão põe em movimento e encaminha para a parte enferma do corpo. Eis a diferença única entre os dois tratamentos.

Quem admite a possibilidade de obter uma cura por meio da idéia, sem nenhuma força ativa, intermediária entre o cérebro e a parte doente do corpo, tem que admitir também a possibilidade de efeitos sem causa. Impossível, portanto, substituir o magnetismo pela sugestão, a qual equivale a uma nova prova da realidade do magnetismo animal.

No magnetismo animal a alma se mostra inicialmente como força vital, como princípio da vida; mas certos fenômenos revelam que esse princípio vital é idêntico ao suporte da consciência. Observe-se isso que se chama relação entre o magnetizador e a pessoa magnetizada, ou, em outras palavras, entre a fonte ódica e o *Od* exteriorizado; há no fenômeno uma identidade de estado psíquico que só pode explicar-se por uma troca ódica.

Outros fenômenos ocultos igualmente provam a existência do fluido magnético, e podemos até dizer que o magnetismo animal é a chave da magia.

Tomemos, por exemplo, a transmissão do pensamento. Esse fenômeno dá-se, em geral, quando o paciente está mergulhado em sono magnético ou hipnótico; e dificilmente quando em estado de vigília. Trata-se aqui de fatos firmados por observa-

ções e experiências inumeráveis. A transmissão do pensamento seria um milagre, estaria fora da lei da causalidade, se não admittíssemos um agente condutor, como o fizemos para o magnetismo e a sugestão. O pensamento deve determinar uma vibração do éter, que, nascendo no cérebro daquele que pensa, se reproduz no do que percebe. A transmissão do pensamento não é, assim, mais do que uma espécie de telepatia ódica, e mesmo aqui vemos o espírito vital identificar-se com a alma pensante. Se negarmos os eflúvios magnéticos e não admitirmos serem eles os transportadores do pensamento, teremos uma telepatia sem intermediário, o que, como declarava Newton a respeito da gravitação, seria um absurdo.

Se, portanto, está provado que o princípio vital pode exteriorizar-se, é evidente que o homem pode projetar a forma vital de seu corpo: isto é, que as camadas ódicas exteriorizadas são capazes de reproduzir a forma física desse corpo.

Assim, graças ao magnetismo, e pouco a pouco, chegamos a compreender o corpo astral de que falam os místicos. Não é apenas a forma ódica e essencial do corpo humano, mas também o portador das forças ocultas que a magia do ocultismo nos revela.

O corpo astral denuncia-se em vida do homem pelas sensações ditas “de integridade”, que acompanham a amputação dum dado membro, tema que já desenvolvi em outra obra. A propósito, cumpre observar que vários magnetizadores admitem que podem influenciar seus doentes magnetizando a prolongação astral dos membros cortados. Teríamos a certeza dessa permanência da integridade da forma astral se se pudesse provar que ela também se manifesta no fantasma dos defuntos. Fidler escreveu sobre o tema. Numa sessão de grande importância realizada em Gotenburgo, fotografou-se o fantasma de um homem falecido na América, dizia ele, três dias antes. Tomadas as informações, constatou-se a veracidade da afirmativa. A fotografia era semelhante; apenas a pessoa em questão não usava barba em vida, ao passo que a fotografia mostrava a barba observada em sua materialização. Era uma barba ódica, que a navalha não cortava.

Um passo mais e depararemos fenômenos em que a exteriorização completa do corpo se torna visível. Isso se dá no “desdobramento”. Encontramos nos escritos da antiguidade muitas referências ao “duplo”.

Como já tratei deste assunto em outro livro, só lembrarei aqui um caso recente, muito bem certificado – o da jovem Emilie Saget, cujo corpo astral foi visto por todo um pensionato de meninas durante todo o tempo em que ela permaneceu nessa instituição. Geralmente o fantasma reproduzia os gestos da moça, mas agia às vezes de maneira independente; passeava, por exemplo, enquanto a moça estava no leito.

O corpo astral também se torna visível e age telepaticamente entre os moribundos ou pessoas de espírito violentamente agitado. Esses casos são de tal modo freqüentes que a Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres pôde reunir 700, todos observados em nossos dias.

É notável que o duplo, em seu estado de exteriorização, apresente semelhança chocante em sua maneira de ser e na aparição e desaparecimento como os fantasmas obtidos na sessão de materialização. Podemos concluir daí que o desdobramento é um estado provisório do que acontece no momento da morte, isto é, que a morte conduz à exteriorização do nosso corpo astral, o qual conserva a forma do nosso corpo físico.

Na experiência de Albert de Rochas, primeiro as camadas ódicas se exteriorizam, depois o fantasma se forma. Nas sessões espíritas constata-se muitas vezes que primeiro aparece uma luminosidade das proporções dum prato, uma espécie de bola luminosa, e disso pouco a pouco se forma o fantasma. Estas observações contemporâneas concordam inteiramente com as que encontramos no mais remoto livro de Fausto. Podemos, pois, concluir, como de resto outras obras o provam, que Fausto foi um médium que, de acordo com as idéias medievais, tomava o fantasma pelo diabo.

Essas bolas luminosas que precedem a aparição dos espíritos ou fantasmas aparecem em quase todas as histórias de almas de outro mundo, bem antes de surgido o espiritismo. Fala Plutarco

de um homem com catalepsia que voltando a si contava ter visto as almas dos defuntos como bolas luminosas, que rebentavam, deixando escapar a alma sob mais bela forma humana. Tertuliano conta da sonâmbula que dizia que a alma lhe aparecera sob forma visível e palpável, mas transparente. Em nossos dias o Doutor Baraduc adormeceu uma das sonâmbulas e procedeu à exteriorização da sua sensibilidade, até o ponto de fazer perder todo o conhecimento de sua pessoa terrestre. Quando lhe perguntou em que estado se achava, a sonâmbula respondeu que se sentia uma bola luminosa no meio das trevas. Durante as experiências feitas por de Rochas com o médium Laurente, disse este que seu duplo procurava tomar a forma de uma bola luminosa.

Quando Laurente foi adormecido ao mesmo tempo em que Mme. Mireille, viu o duplo dessa dama qual uma coluna luminosa que logo se transformou em bola, conservando uma espécie de cauda análoga aos cometas.

Todas essas experiências se acham, evidentemente, em conexão íntima; mas vemos sempre como última fase de exteriorização ódica a formação de um fantasma com forma humana. A certeza de que o corpo astral exteriorizado é suscetível de vida independente força-nos a apreciar as belas palavras do padre Steinmetz, que, vendo o duplo no jardim, sentado no seu lugar favorito enquanto se achava no quarto em companhia de alguns amigos, lhe disse, apontando-se primeiro com o dedo e depois indicando o seu duplo sentado no jardim: “Aqui está o Steinmetz mortal e lá Steinmetz imortal.”

A Fisiologia nos mostra que o processo vital do nosso corpo consiste numa renovação contínua dos átomos que o compõem; de sete em sete anos o corpo se renova completamente. O mesmo se dá com o corpo astral, que se renova pelos eflúvios ódicos submetidos a uma flutuação contínua. Eis porque por toda parte deixamos os indícios ódicos de nossa passagem. Conta-se que quando a senhorita Sagée deixava a cadeira, via ainda o seu duplo nela sentado.

Um passo mais na via das provas da existência do corpo astral e chegaríamos a constatar a sua objetividade por meio de chapas fotográficas.

Houve tentativas para fazê-lo. Cumpre notar que na prova não há necessidade do testemunho direto de nossos olhos, pois sabemos que a chapa fotográfica é mais sensível do que a retina humana e que registra impressões absolutamente imperceptíveis pelo nervo ótico. “Verificou-se que a fotografia do duplo reproduzia os gestos do médium”, diz o relato da experiência. Obtivemos o retrato do médium na pose que ele assumira 10 ou 15 minutos antes de aberta a objetiva, quando ele se achava a distância, entre a máquina fotográfica e o fundo. Examinada a fotografia obtida, verificou-se que o médium tinha deixado o seu duplo nesse ponto, em que poderia ter sido percebido por um vidente, caso lá houvesse um naquela ocasião. Em outro caso Curzio Paolucci tirou a fotografia de um grupo de 3 pessoas. Revelada a chapa, verificou-se por trás do grupo uma quarta pessoa. Era o duplo do auxiliar do fotografo que lá estivera, pouco antes da operação para arranjar a pose do grupo.

É certo que as pessoas de crenças ortodoxas, bem como os filósofos espiritualistas, ficarão decepcionados à idéia de que alma possui um corpo ótico. Como consideram a alma um puro espírito, têm que admitir que só nessa condição ela poderá viver no Além. Mas os fisiologistas lhes responderão que não se pode conceber espírito puro sem corpo, assim não pode conceber-se um espírito, uma força, sem base material. Não temos, com efeito, nenhuma noção de espírito puro, e a fotografia transcendental nos prova que um corpo astral pode existir aos nossos olhos. Todas as existências de que o ocultismo trata mostram-se unidas a um corpo astral, aparecem como um corpo definido, que em certos casos se condensa até o ponto de materializar.

Os antigos não chegaram a ter idéia do espírito imaterial. Os deuses, os bons e os maus demônios, assim como as almas dos mortos, sempre foram imaginadas com um corpo. Os gregos distinguiram um corpo interior do corpo exterior, e Platão, no Fédon, fala de um “*somatoid*” que a alma leva para o Além. Igualmente encontramos a doutrina do corpo astral entre os corifeus da Igreja. Diz Orígenes que nenhum ser criado é imaterial e Tertuliano chega a dar ao próprio Deus uma certa materialidade.

O corpo astral é também continuamente mencionado nas obras filosóficas. Leibniz diz “Creio, com a maior parte dos antigos, que todos os espíritos, todas as almas, todas as substâncias simples, ativas, estão sempre unidas a um corpo e que nunca existiram almas completamente desprovidas de corpo”. Fichte, o moço, fala igualmente de um *corpo etéreo*, e Heillenbach de um *meta-organismo*. É ainda a isso que São Paulo se refere quando fala em *corpo espiritual*; o que a vidente de Prévorst chama o *fluido nervoso* e os espíritas designam sob o nome de *perispírito*. Entre os antigos egípcios a designação do corpo astral era *Ka*; entre os Hindus *Sharira*. Os cabalistas diziam *Nephesch* e Paracelso o denominou *Evestrum*. Os ocultistas da Idade Média estavam de acordo sobre esse ponto: que o “fluido vital” penetra todo corpo humano, assim o homem contém o seu duplo etéreo – corpo astral que pode agir à distância. E finalmente, a credence atribui a todos os fantasmas um corpo que não projeta, isto é, transparente para raios luminosos.

A Ciência Física moderna negou o corpo astral entre os vivos. É verdade que há nisso um processo transcendental que escapa à nossa observação direta durante a experiência, da mesma forma que a exteriorização espontânea do corpo astral no momento da morte. Podemos, entretanto, controlar experimentalmente a marcha do fenômeno. O grande mérito de Rochas reside em ter aberto a rota em que a Ciência Física achará as provas experimentais da imortalidade.

Reichenbach mostrou que num quarto escuro os sensitivos se tornam hiperestésicos e podem, nessas condições, ver os eflúvios de diversas substâncias, especialmente as do corpo humano. Pode ser provocada artificialmente essa hiperestesia mergulhando no sonambulismo o paciente *A*. Esse paciente verá, então, os eflúvios que se destacam do paciente *B*. Se agora adormecermos magneticamente o paciente *B*, *A* verá formar-se em torno dele uma nuvem ódica, que se estratificará em camadas luminosas paralelamente à superfície do corpo. É verdade que o experimentador nada vê, mas se o paciente lhe indicar onde se acham as camadas ódicas, ele pode convencer-se de sua existência pela

sensibilidade que elas denotam quando cutucadas, pinçadas ou esfregadas de qualquer maneira.

Se o sono do paciente *B* torna-se mais profundo, então camadas ódicas se formam em torno de seu corpo e podem afastar-se dele a uma distância de vários metros. Essas camadas condensam-se pouco a pouco sobre os dois lados do paciente, a ponto de formar a metade de um fantasma que à sua direita, à distância de mais ou menos um metro, toma a forma do lado direito do corpo de *B* e parece de coloração azulada. A sensibilidade do paciente concentra-se agora nesse fantasma, que imita todos os movimentos do corpo material que acaba de deixar. O mesmo processo se dá do lado esquerdo; apenas o fantasma toma aqui uma coloração avermelhada. Depois de algum tempo esses dois fantasmas se reúnem fora do corpo carnal, formando um ser único, mas cada lado conserva a sua coloração respectiva.

Reichenbach pôde observar esses eflúvios polarizados, azul e vermelho, a se destacarem também das plantas, dos cristais e do ímã. Quem não for bastante sensível não pode ver o fantasma, mas pode senti-lo, porque o contato com ele produzirá uma sensação de frio e de sopro.

Os mesmos fenômenos são observados nas sessões espíritas. É, portanto, provável que as causas que os produzem sejam idênticas.

O paciente *B*, mergulhado assim num sono profundo, sente-se incapaz de movimento, mas pode, por efeito de sua vontade, dividir ou reunir as duas metades do fantasma e fazer moverem-se. É talvez isso o que se dá nos fenômenos de *bilocação* ou *trilocação*, de que há tantas referências na mística cristã e em outras. O corpo astral exteriorizado do paciente *B* pode ser remetido, por efeito de sua vontade, para um lugar remoto – e pode ter consciência do lugar onde se acha. Isto explicaria a clarividência dos sonâmbulos.

Como o corpo astral exteriorizado é imaterial, escusa dizer que pode passar através da matéria, que para ele não representa nenhum obstáculo: Pacientes há que podem acompanhar conscientemente o processo da exteriorização do corpo astral e descre-

vê-lo sem dificuldade. O coronel de Rochas não duvida que, se pudesse dar continuidade às experiências com os seus pacientes até o ponto de deixá-los em estado de anestesia total, obteria a condensação do corpo astral exteriorizado de maneira que este pudesse ser visto por todos os assistentes. Conhecendo, porém, os perigos que acompanham essas experiências, absteve-se de prosseguir, para não prejudicar os pacientes. Abandonava a experiência cada vez que o paciente parecia perder a força de falar e não podia mais tomar conhecimento das suas impressões.

Para não se ater exclusivamente às comunicações feitas pelos pacientes *A* e *B*, de Rochas promoveu outras experiências, capazes de o convencer e de confirmar as comunicações dos primeiros. Enfiando uma agulha no dedo do fantasma azul, pela relação magnética que existe entre este e o paciente, a picada foi transferida para o corpo adormecido. Apareceu no dedo do paciente um estigma no lugar exato em que a picada fora feita no duplo, e uma gotinha de sangue brotou. Outra vez quis controlar o relato feito pelo paciente sobre algo que este pretendia ver. De Rochas dirigiu a máquina fotográfica para o lado do fantasma azul, e a chapa revelada mostrou exatamente os sinais descritos pelo paciente *A*.

De Rochas obteve essas exteriorizações do corpo astral de pessoas vivas, seja por meio de passes magnéticos, seja adormecendo-as com auxílio de uma corrente galvânica, ou ainda com as máquina elétrica de Wimhurst. Fez também as experiências de trás para adiante, e então o fantasma inteiro se dividiu em duas metades que depois reentraram e desapareceram no corpo do paciente.

Outra vez adormeceu dois pacientes ao mesmo tempo: Mr. Laurent por meio de uma corrente elétrica e Mme. Mireille com passes magnéticos. Os dois pacientes adormecidos informaram-se então sobre a exteriorização do corpo astral um do outro. Laurent viu o duplo de Mme. Mireille, de uma brancura fulgurante. O fenômeno era invisível para de Rochas, que só teve a impressão de um sopro frio, o que o levou a fechar a porta, julgando tratar-se de uma corrente ar. Mas Mme. Mireille lhe disse que a sensação provinha do fato de o duplo ter-se colocado

ao lado dele. De Rochas pediu, então, que os duplos passassem de uma para o outro; essa experiência teve como efeito que, depois de despertarem, os dois pacientes se sentiram em grande simpatia mútua, ao passo que era justamente o contrário o que antes acontecia.

E desde então, além disso, eles se acharam em relação magnética. Quando se tocava em Mme. Mireille do lado direito, Laurent o sentia do lado esquerdo. Eram os lados que se haviam misturado durante o contato dos duplos.

A mesma simpatia vemos estabelecer-se entre os sonâmbulos e o magnetizador, entre o médium e o fantasma; puro efeito do intercâmbio ódico. Portanto, se os fantasmas espíritas estão sujeitos às mesmas leis que os fantasmas dos vivos, parece evidente que os primeiros são, de fato, o princípio vital dos defuntos.

As experiências do coronel de Rochas, tão extraordinárias e interessantes, ainda não vieram, infelizmente, ao conhecimento do público. Escreveu-me ele que não sabe quando poderá publicar o seu livro, que quer intitular: “Os fantasmas dos vivos e as almas dos mortos”. Mas os fragmentos que acabo de publicar revelam o objetivo último das suas experiências: a reprodução pela fotografia da exteriorização do duplo, ou do corpo astral dos vivos.

Essa exteriorização artificial não é mais do que a cópia do que se produz no estado natural do êxtase.

Cardano, que a partir dos 55 anos podia à vontade entrar em êxtase, descreve-nos da seguinte maneira essa exteriorização astral: “Quando entro em êxtase, tenho perto do coração como que o sentimento de que a alma se destaca do corpo; essa separação se reproduz em seguida por todo o corpo, sobretudo na cabeça e no cérebro.” Durante o êxtase, Cardano não sentia a gota que tanto o torturava no estado ordinário, porque toda a sua sensibilidade se exteriorizava.

Se examinarmos o que se passa no momento da morte, observaremos um fato semelhante ao que ocorre durante a exteriorização artificial, a saber: anestesia do corpo. Se partimos do axioma

de que não devemos multiplicar inutilmente demonstrações, teremos o direito de explicar a anestesia da morte de maneira idêntica à produzida pelo sono artificial. Já vimos que a sensibilidade não adere ao corpo físico, mas é imanente ao corpo astral.

Disso resulta que no momento em que se constata uma anestesia, produz-se ao mesmo tempo uma exteriorização. Vemos igualmente entre os moribundos produzir-se um fenômeno oculto observado entre a telepatia, a aparição à distancia de fatos demonstrados de modo incontestado nos Anais da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres, sob o título “Phantasms of the Living” (Fantasmas dos vivos) .

É característico de todos os fenômenos ocultos que eles só podem ser explicados pela exteriorização do corpo astral, ou pelos seus eflúvios. De todas essas demonstrações podemos concluir pela explicação da anestesia da morte como idêntica ao estado provisório dos sonâmbulos, isto é, pela exteriorização do corpo astral. Além disso, como vimos da experiência que no momento da morte o corpo fica inanimado, cumpre admitir um segundo processo, que não percebemos por ser transcendental: a desencarnação da alma.

A morte torna-se então a essência ótica do homem; porque o *Od* não é somente o portador do princípio vital, mas é também o portador da força organizadora, da sensibilidade, da consciência e do pensamento. É portanto, o ser psíquico inteiro que participa da exteriorização.

A Ciência Física tem o mérito de haver riscado o sobrenatural dos estudos sobre o Universo; mas ultrapassou os seus direitos querendo ao mesmo tempo negar o lado transcendente da Natureza. Seu erro refletiu-se na doutrina grosseira do materialismo, que só considera real o que pode ser verificado pelos sentidos. Mas o desenvolvimento biológico dos nossos sentidos, em todos os tempos, demonstra que a realidade não corresponde à percepção sensorial, e não temos nenhuma razão para crer que a realidade se limite ao círculo estreito do organismo humano. O transcendental foi e será sempre uma grandeza incomensurável – e não há razão para que se esgote com as formas criadas que existem.

A Ciência Física, negando o sobrenatural, mas reconhecendo o transcendental, recusar-se-á a admitir que o homem possa sobreviver como espírito puro; mas não pode recusar-se a admitir uma existência transcendental, se esse espírito mostrar-se revestido de corpo material. Tudo aqui depende da experiência, Pode ser que existam seres incapazes de condensação material suficiente para a percepção da retina; outros haverá, talvez, que não podem perceber o homem no seu envoltório material. O fisiologista tem o direito de negar que o homem se torne um ser sobrenatural depois da morte, mas não está impedido de admitir que nós nos revistamos numa forma transcendental. Negará que, ao morrer, o homem adquira um corpo novo; mas estudará a questão da imortalidade quando puder ser demonstrado que possuímos um corpo astral conservável depois da morte, isto é, quando escapar do corpo físico.

Se, portanto, possuímos faculdades ocultas que residem nesse corpo astral em estado latente, e essas faculdades se desenvolvem e se destacam assim que o liame entre o corpo astral e o corpo físico se relaxa, como no caso do sonambulismo, então o fisiologista admitirá que essas faculdades latentes permaneçam depois da morte e que o seu poder ganhe em intensidade, pois que, em lugar de um relaxamento do liame entre o corpo astral e o corpo físico, houve a separação, a exteriorização definitiva do corpo astral. Essa separação total corresponderia a uma transposição para outro mundo, e seria então o caso da continuação da nossa existência como seres transcendentais, na região transcendental deste mundo. O fisiologista que conhece os fenômenos de exteriorização não negará a aparição espontânea do duplo, e admitirá que podemos conservar essa faculdade e dela nos servirmos na hora da morte. Será, portanto, forçado a tornar-se espírita; e o materialismo, que nos ensina que a alma é um simples produto do organismo, perderá sua base quando ficar demonstrado que o organismo apenas serve de intermediário à alma, que nossa vida terrestre não é a única forma de existência, que não é, mesmo, a forma normal da vida; e que, capazes como somos de pensar e sentir sem a necessidade da mediação do corpo físico, podemos também dispensar inteiramente essa

mediação. Quer isso dizer que os problemas da imortalidade entram doravante para os domínios da Ciência Física. Tanto melhor, já que nem a Religião nem a Filosofia foram capazes de preservar a humanidade do materialismo teórico e prático.

A própria Igreja mostrou-se aliada do materialismo, protegendo numerosas instituições que não passam de exploração para os crentes, gravando de impostos o nascimento e a morte e abandonando as obras de beneficência aos cuidados de particulares e do Estado. Mas o fenômeno da exteriorização aniquilou completamente o materialismo e deu prova da imortalidade independente da Religião e da Filosofia – e até mesmo do Espiritismo.

Em todo caso a sobrevivência dos mortos e a possibilidade de comunicação com os defuntos permanecerão sempre em complemento das prova da imortalidade obtidas experimentalmente no homem vivo. O espiritismo, tal como se apresenta em nossos dias, não está a altura de sua missão, porque não se trata apenas de provar a aparição dos espíritos, é preciso dar provas de sua identidade. E antes de tudo surge a pergunta sobre se temos o poder de influenciar a vontade dos defuntos, porque o espiritismo ganharia muito terreno se pudessemos evocar os espíritos e regular as suas aparições.¹

Em vista da similitude transcendental dos espíritos e do nosso próprio ser interior, há mais facilidade para o encontro de solução se recorrermos a experiências com os vivos. É preciso primeiramente estudar em que condições psicológicas estes vêm aparecer os fantasmas dos vivos; examinaremos depois a questão da possibilidade de entrarmos em contato com os fantasmas dos defuntos nessas mesmas condições. Daríamos um grande passo para elucidar a questão da Psicologia transcendente se desse modo conseguíssemos relacioná-la ao espiritismo e constatássemos que a causa psicológica da exteriorização do duplo entre os vivos é a mesma que determina a aparição dos fantasmas espíritos, porque então a linha estaria traçada e a via indicada para a condução das experiências psicológicas com sucesso.

Possuímos inúmeros relatos sobre o desdobramento, e em todos observamos um sinal característico: é sob a impressão de

uma forte agitação moral, ou de uma preocupação intensa, concentrada numa idéia fixa, que vemos o duplo de um homem destacar-se do corpo físico. Eis porque tão freqüentemente sucede que o duplo apareça no lugar para onde o monoideísmo do pensamento, ou o sentimento, o dirigiram. Esse fenômeno só é raro porque parte da consciência cerebral e é preciso um choque muito forte para comunicar ao centro psíquico o meio de destacar-se do envoltório físico, e também que as ligações do ser físico com o ser astral estejam sensivelmente relaxadas.

Esse mesmo monoideísmo seria a causa da aparição dos fantasmas dos defuntos em lugares para onde os seus pensamentos os manda. Como já não possuem corpo físico, têm maior facilidade para transportar-se aos lugares para onde o desejo os impele.

Trata-se agora de examinar se podemos substituir esse ato de auto-sugestão monoideísta que produz a exteriorização do duplo, por qualquer coisa análoga. Possuímos uma série de provas de que a sugestão estranha pode produzir absolutamente os mesmos efeitos que a auto-sugestão. A sugestão estranha é um monoideísmo artificial com a vantagem sobre a outra de poder dar sugestões pós-hipnóticas, isto é, que não produzam efeitos num prazo fixado de antemão.

Poder-se-ia neste caso fazer uma sugestão pós-hipnótica a um moribundo, e essa influência psíquica daria evidentemente como resultado a aparição do fantasma do defunto em lugar e hora pré-indicados. Não há nisso mais do que a consequência lógica do fato da identidade entre a essência do fantasma dos vivos e a dos defuntos, e do valor igual do monoideísmo provocado pela auto-sugestão ou pela sugestão estranha. Já possuímos fatos que confirmam as conclusões acima expostas, mas o processo psicológico nunca foi bastante claro para nos permitir obter provas experimentais.

Tanto na literatura antiga quanto na moderna, como por exemplo, nos *Phantasms of the Living*, encontramos inumeráveis narrativas de casos em que, no momento da separação, ou sob a impressão intensa de um afeto profundo, uma pessoa promete a outra se mostrar depois da morte; e isso se realiza, seja na hora

da morte, seja algum tempo depois. Trata-se de sugestão pós-hipnótica estranha. São estes casos, todavia, bastante difíceis de reproduzir-se, porque a sugestão estranha pode desfazer-se – e no momento da morte o moribundo é ordinariamente monoideizado por outras impressões, não se recordando da promessa feita.

Tais experiências teriam mais probabilidades de êxito se o paciente se achasse em condições mais favoráveis à sugestão. Eis por que eu desejava que se desse quando a essência astral se acha impressionada por uma agitação auto-sugestiva, que pode, entretanto, ser substituída por uma sugestão estranha. A sugestão pode, em geral, ser empregada como alavanca para destacar as forças ocultas no homem – o que já provei em meus escritos anteriores. Para o homem astral é de todo indiferente que a sugestão seja pós-hipnótica ou póstuma, porque para ele a morte não é mais do que o episódio de uma desapareição visual, uma exteriorização ódica durante a qual ele se desembaraça do corpo. O nascimento e a morte não são antagônicos, pois cada nascimento é uma morte relativa, e cada morte um nascimento relativo. Nosso ser astral deve desaparecer com o nosso nascimento terrestre, para reviver em nossa consciência cerebral; depois, no momento da morte, reconquista a sua liberdade. Volta então à sua existência normal, enriquecido ou empobrecido, segundo a utilização que fez de sua vida terrestre, com vistas à vida futura. O ato da concepção nos dá a vida corpórea; ao nascimento a alma se reveste da consciência cerebral e por ocasião da morte o espírito readquire as faculdades ocultas.

A mudança da vida terrestre para a vida transcendental é tão grande que não podemos concebê-la nitidamente. Não podemos nos imaginar entrando num Céu tal como no-lo pintaram, nem no inferno como o entendemos, e de fato não mereceríamos um mais do que o outro. Estaremos desembaraçados de todos os males que aderem à nossa existência corpórea. Nossas concepções restringidas pelos estreitos âmbitos da vida dos sentidos ampliar-se-ão no Além. Nossa atividade, que não estará a serviço dum organismo corpóreo, terá campo de ação mais vasto, e como disporemos de um meio de locomoção astral, poderemos gozar de uma existência de tal forma superior a esta, que o símbolo da

borboleta deixando o casulo ficará longe da realidade. Tudo nos leva a presumir que no Além viveremos em uma comunidade de espíritos bem maior do que na terra, onde a humanidade mal inicia a formação de grupos solidários.

É também de prever que a moral seja lá superior à da Terra, e que o nosso lugar no Além seja tanto mais favorável quanto mais na Terra tivermos procurado viver beneficiando a solidariedade geral.

E pois que renasceremos para a vida graças à morte, diremos como Sócrates moribundo dizia a seu amigo Kriton:

“A Esculápio devemos a oferenda de um galo.”

II

O Além

Contemporâneos de um período em que a Religião e a Ciência se combatem ferozmente, vem-nos a tentação de negar justiça a uma e a outra, e olhamos esse conflito como proveniente da absoluta divergência de princípios entre os adversários – o que é erro.

Toda luta na natureza provém de um desvio do equilíbrio; mas a luta é ao mesmo tempo a tendência para readquirir esse equilíbrio com a criação de novas formas. O que se dá na Religião também se dá na Ciência. O antagonismo não existiu sempre; a causa do dissídio não é, em absoluto, diferença de princípios; e mesmo que a Ciência seja obrigada a destruir uma parte do edifício Religião, terá o cuidado de não lhe atacar as bases. Pelo contrario, as fortalecerá talvez sem o saber mas forçada a isso, impelida a isso pela lei do progresso, que é a sua.

Na origem de um novo sistema religioso vemo-lo sempre sustentado pela Ciência da época. A união, entretanto, dura pouco, porque a Religião, depois de rápido evoluir, congela-se em dogmas estreitos, ao passo que a Ciência marcha irresistivelmente para o progresso – e quanto mais avança, maior se torna o seu antagonismo com os dogmas; porém estes, que parecem imutáveis, em certo momento mudam, sofrem outra interpretação, o que faz com que a Religião de novo pise no mesmo terreno da Ciência.

É o caso do atual problema do Além. Ciência e Religião começaram acordes, na origem; veio depois a divergência total; mas à vista da nova interpretação do problema, pode ser que os adversários cheguem a acordo e o conflito cesse.

Uma Ciência que sempre exerceu grande influxo na solução do problema do Além e na constituição dos sistemas religiosos foi, sem duvida, a Astronomia. Para o homem primitivo a Astronomia era a simples percepção ótica, e ressentem-se disso as velhas concepções religiosas: o nosso planeta como o centro do

Universo, e “em cima” uma abobada celeste semeada de estrelas; no Céu, que essa abobada oculta, o primitivo colocava as Potências que tudo governam, e se ele admite a sobrevivência da alma, é lá que a põe depois dá morte.

O homem primitivo não tinha nenhuma idéia das dimensões do Espaço, não conhecia as leis que regem os astros, formuladas por Kepler. Quando ao cair da noite via aparecerem estrelas, julgava-as “de volta”; sua desapareição era para ele apenas um afastamento. O reaparecimento diário do sol era saudado como uma graça especial (não era considerado um movimento celeste). Encontramos a adoração do sol entre religiões mais antigas, adoração que os próprios romanos adotaram e mantiveram. Sob a influência de semelhantes noções astronômicas é perfeitamente natural que a Religião se tornasse geocêntrica e antropocêntrica. O dogma principal da Religião Cristã, “a Redenção da humanidade pelo filho de Deus”, deitou raízes numa época em que a Terra ainda era tida como o ponto central do Universo, e o homem o ser superior da criação, da mesma forma que se considerava o fenômeno da vida como peculiar ao nosso globo terrestre.

Copérnico, indo além da aparência ótica, deslocou a Terra da sua hegemonia, e continuando a sondar as profundezas do espaço, reduziu o papel da capital do Universo ao de uma modesta aldeia de província. Em seguida a análise espectral revelou-nos que o fenômeno da vida está espalhado por todo o Universo, de maneira que a humanidade perde muito da sua importância. Nessas condições não é admissível que a Religião do futuro, que estará de acordo com os conhecimentos astronômicos atuais, seja ou geocêntrica ou antropocêntrica – e a idéia de criação se substituirá pela da evolução.

O problema do “Além como lugar” também se baseou na aparência ótica. O Céu era colocado acima da abóbada celeste, e a transferência da alma para o Além, depois da morte, correspondia a uma ascensão. A Ciência astronômica destruiu esse conceito, com a demonstração de que no espaço infinito não existe nem alto nem baixo. Mas essa adaptação de nossas vistas ao progresso da Ciência não significa renúncia à crença no Além. Por toda

parte, e sempre, encontramos na consciência humana esse sentimento inato e indestrutível, que leva o homem a acreditar que fora e acima da marcha das coisas observáveis por meio dos sentidos deve haver outro estado de coisas imperceptível à nossa consciência cerebral; numa palavra, que a Física deve ter a sua metafísica. As ruínas dos templos de que não conhecemos nem mesmo o nome dos construtores, os milhares de igrejas e de campanários que cobrem a superfície da Terra, provam-nos que o homem, em seu foro íntimo, é um ser pensante, metafísico e consciente.

É verdade que esse pensamento e essa consciência criaram enorme massa de objetos e estes, por sua vez, possuem um fundo racional. Não encontrando a essência das coisas à natureza visível, a imaginação humana criou um mundo de símbolos alegóricos em que se representa a origem das coisas e sua evolução. Esses pressentimentos metafísicos concretizaram-se nas variadas e ingênuas formas que serviram de base aos sistemas religiosos – e que eram mais bem adaptados ao nível das massas.

A expressão mais pura de tais instituições aparece nos sistemas filosóficos dos gregos e romanos; estas vistas elevadas, porém, sempre ficaram inacessíveis ao entendimento do povo. Permanecerão, todavia, indestrutíveis no homem em geral, porque o homem se sente, pela sua natureza ligada a essa ordem de coisas metafísicas, e sempre se esforçará por examinar as relações existentes entre ele e a causa primeira. É verdade que os sistemas religiosos, firmados nessa base especulativa, nunca chegaram a tomar forma correta; mudaram pouco a pouco de aspecto para dar lugar a outras formas. O mesmo se dará no futuro, porque a lei da evolução terrestre não pode separar da natureza do homem a sua intuição metafísica. O esforço dos padres para congelar as religiões em formas fixas, pretensamente eternas, não paralisará a lei da evolução; pelo contrario, a decomposição ficará assim mais garantida, porque o que não pode resistir à análise e ao progresso científico deve necessariamente perecer. Com plena consciência podíamos dizer que os sacerdotes foram em todos os tempos os inimigos mais declarados das

religiões, pois sempre se bateram pela redução do sentimento religioso, inato e vivo, a dogmas inteiriçados e sem vida.

Os sistemas filosóficos que procuram explicar as relações do homem com o estado metafísico das coisas variam segundo as épocas. Mas, embora um desses sistemas encontrasse às vezes uma fórmula correspondente à verdade e à realidade, era sempre uma pedra apenas para o futuro edifício da verdade. O universo continua imenso e incompreensível. Os espíritos mais eminentes têm em vão tentado resolver o enigma; nenhum mortal conseguiu ainda levantar o véu de Ísis.

É verdade que podemos constatar um progresso lento, mas seguro, nessa evolução centenária dos sistemas filosóficos, mas quem não souber ver com perspectiva, tudo vê como obra de Sísifo – e não tem coragem de interessar-se. Chega o momento em que a humanidade desespera de jamais ver claro no problema metafísico. Perde, então, sua intuição metafísica, renuncia à Religião e a Filosofia e dedica-se exclusivamente ao estudo das coisas visíveis, só nelas encontrando satisfação. É certo que essa fase tem o seu lado bom e é mesmo necessária ao progresso da civilização; mas quanto mais esse sistema se desenvolve, mais se revela inimigo da civilização. Nosso século viu a Ciência Física desenvolver-se a um grau até então desconhecido; mas houve o reverso da medalha. Ninguém mais crê na metafísica; a Religião toma atitudes hipócritas; e a Filosofia sente o desprezo até das pessoas cultas. Tornou-se axiomático que só as coisas físicas valem a pena estudo; que as verdades só se encontram no caminho da experimentação e mesmo que é lá que se encontra a Verdade.

Reconhecemos de boa mente que os estudos dos substituintes da metafísica trouxeram muitas vantagens. Tornaram eles possível um grande bem-estar material e puseram as forças da natureza a serviço do homem. Em compensação, criaram uma tendência de só darmos importância às coisas visíveis e terrestres, com negação de toda metafísica – e há nessa atitude o maior dos perigos, qual seja o afrouxamento da moral. É absurdo pretendermos cultivar a moral e outros sentimentos idealísticos sem os quais a comunhão humana não pode subsistir como corpo solidá-

rio e tirá-los do seu chão natural: a metafísica. Nessas condições, a moral e esses sentimentos infalivelmente perecem e em consequência surgem as brutalidades e a indisciplina das massas. Vemos hoje como os crimes se multiplicam; como a brutalidade progride entre os estudantes e no Parlamento; constatamos a persistência do horrível crime da vivisseção, o qual mostra para onde nos conduziu o desenvolvimento apenas da inteligência, sem um fator moral que o guie.

Eis porque vale a pena indagar se temos o direito de pôr de lado o estudo da metafísica. Só teríamos esse direito no caso da metafísica fazer oposição ao estudo das ciências físicas; haveria então antagonismo, como o houve com os dogmas. Se a metafísica se ocupasse de um Além sobrenatural, então, sim, não teria mais probabilidades do que a Religião de entender-se com a Ciência Física, pois a Ciência só pode basear-se na lei de causalidade, e o “sobrenatural” foge à investigação: a Ciência só pode estudar o que é natural.

Antes de tudo temos, portanto, de examinar o que se entende por Além, para ver se o conflito entre a metafísica e as ciências naturais é real ou aparente, e se não poderíamos fazê-lo cessar dando uma definição mais clara e exata.

O fisiologista e o filósofo podem facilmente entender-se caso partam de um axioma comum: Só é possível encontrar a Verdade por meio da experiência. Mas, se são sinceros, deverão ao mesmo tempo perguntar: “Que é experiência?” De um lado temos o homem, o experimentador; de outro lado temos a natureza, ou o objeto a investigar. Não pode haver experiência se o objeto em exame não impressiona o experimentador; sem impressão não há experiência. Temos, pois, primeiramente, de indagar se recebemos impressões de tudo quanto se acha na natureza ou de apenas uma parte desta; em outros termos: será que possuímos tantos sentidos quanto o suficiente para registrar as forças da natureza? Essa pergunta recebe resposta negativa da Ciência, como da Filosofia – e é quanto basta para nos fazer voltar à metafísica.

Surge depois a segunda questão: De que maneira essas forças nos impressionam? Surgirão aos nossos sentidos tais quais são na realidade? A resposta é ainda negativa: Kant tornou-se pedra

angular da Filosofia por insistir na necessidade de estudar primeiramente o órgão experimentador antes de estudar o objeto a experimentar. Eis a essência da “Crítica da Razão Pura”. A Ciência Natural diz o mesmo: a impressão recebida das coisas depende do órgão que as observa, ou que as percebe; a vibração do éter traduz-se em calor quando reage sobre a sensação, e torna-se luz para os olhos. A experiência, portanto, não é absolutamente objetiva; muito pelo contrário, é subjetiva – não passa de experiência do nosso estado de consciência.

A experiência consiste em mostrar de que maneira os objetos reagem sobre uma certa organização: o homem. A experiência não nos diz o que o homem é; não nos diz tão pouco o que sejam os objetos que nos cercam. Nenhuma experiência pode resolver esses enigmas; apenas aprendemos a conhecer a maneira pela qual as impressões recebidas reagem sobre a organização humana, isto é, o modo de reação de um X sobre um Y. Quem pretende experiência mais exata desconhece os princípios elementares do raciocínio.

A extensão da nossa experiência está, portanto, circunscrita pela nossa organização. O número dos nossos sentidos e suas faculdades são limitados. Assim é que os nossos sentidos não são mais do que obstáculos, mais do que intermediários para favorecer nossa experiência. Nossa experiência é tão somente uma parte da verdade, mesmo de uma verdade muito relativa, pois só é verdadeira em relação à organização humana. Seres organizados de maneira diversa sustentariam que a nossa verdade é erro. Heráclito alegou que os nossos sentidos são mentirosos, e Protágoras nos disse: “O homem é a medida de todas as coisas, das coisas reais tais quais são, das coisas irrealis tais quais não são.” Nosso órgão intelectual, portanto, nos induz em erro sobre a maior parte dos nossos conhecimentos e falseia o pouco que se nos apresenta. O axioma de que a Verdade se baseia na experiência só nos serve como ponto de partida, porque a reflexão mostra que a experiência não faz mais do que nos conduzir para rota limitada das idéias subjetivas, sendo incapaz de dar-nos verdades objetivas. A Ciência Natural nunca pode, portanto, substituir a Filosofia, pois só estuda o que incide nos sentidos.

Impossível basear na experiência uma verdade objetiva, pois a experiência nunca poderá servir de fundamento para uma doutrina universal.

Para conhecer toda a verdade por meio da experiência seria preciso que o homem tivesse os sentidos necessários à percepção de todas as forças existentes na natureza, adquirindo o conhecimento das coisas tais como elas são, em vez de julgá-las segundo a impressão que recebe por intermédio dos sentidos.

Possuímos, pois, realmente, uma metafísica.

Tudo que é imperceptível aos nossos cinco sentidos, tudo que não reage sobre nossa organização – e é provavelmente muita coisa – tudo isso pertence ao domínio da metafísica. Não sabemos se nos faltam dez sentidos, ou se nos faltam cem.

Por isso não temos, em absoluto, necessidade de fugir deste mundo para achar a metafísica e, tal como vimos de apresentar o problema, achar-lhe-emos imediatamente a definição. O Além é tão somente um Além dos nossos sentidos; é o que nos é desconhecido neste mundo – problema da metafísica, pois não passa de um problema de conhecimento teórico.

Na crença ingênua dos povos o Além foi situado nas esferas superiores porque o homem considerava a Terra como o centro do mundo. Copérnico pôs fim a essa concepção errônea, ensinando as dimensões e a profundidade dos Céus. Arrebatou-nos o Além, deslocou o Céu; mas se colocarmos o Além neste mundo, ele permanecerá nosso, e ninguém no-lo poderá arrebatá-lo. A linha de demarcação entre o nosso mundo e o Além não é geométrica, mas sim traçada pelas nossas sensações.

Este mundo e o Além não estão próximos um do outro; estão, pelo contrário, incluídos um no outro de maneira que realmente possuímos um mal grado Copérnico. Nunca nos deram nenhuma prova de que vamos para outro lugar depois da morte. É preciso, portanto, até prova em contrário, que consideremos o corpo astral, que sobrevive à morte, como ainda residente neste mundo depois da desencarnação. Se os fantasmas e as materializações que o ocultismo moderno nos mostra são reais, devemos admitir que o Além é lugar de onde podemos voltar. Mais racional seria

então admitir que este mundo e o Além se acham no mesmo plano. Quem diz que os fantasmas “voltam”, emprega um termo gratuito; mais justo será dizer que seres até então invisíveis aos nossos olhos aparecem-nos sob uma forma visível. Esse fenômeno se dá por meio da condensação da matéria do corpo astral. Nós o observamos nas visões espíritas e para percebê-lo bastaria que tivéssemos uma intensidade maior de percepção.

O corpo astral é a essência do nosso ser; vemo-lo agir telepaticamente por intermédio de suas faculdades ocultas; vemo-lo tornar-se visível na exteriorização do duplo e nos casos de telepatia; podemos igualmente admitir que toda substância terrestre possui, como o um ser animado, uma substância metafísica. Existe, portanto, todo um mundo metafísico, que se confunde no espaço com o nosso mundo terrestre. Eis o que pretendia expressar o espírito de Estelle ao dizer: “Possuímos tudo quanto vós possuís; jardins e flores espirituais em abundância”. Nada mais desarrazoado do que pretender que só o homem possua uma essência metafísica, e quando por toda parte ouvimos repetir que só o homem possui uma alma imortal, ocorrenos a tentação de perguntar por que motivo esse privilégio se confere aos asnos de duas patas e não aos de quatro? É o nosso orgulho que nos dita esse pretensioso conceito, que a lei da evolução desmoralizou. Deixaremos de perguntar para que sítio seremos relegados depois da morte, quando soubermos que, longe de sermos admitidos num mundo metafísico, dele seremos expulsos. Uma vez estabelecido que os dois mundos se confundem, estará solucionado um problema dos mais embaraçantes, pois não temos mais necessidade de procurar um Além separado de nós pelo espaço.

É verdade que outros problemas substituirão esse, mas com o mérito de não serem criados pela imaginação.

Nada absolutamente sabemos da relação entre os nossos sentidos e o objeto transcendental que estudamos. Não sabemos em que proporção o mundo metafísico supera o físico. Podemos, portanto, perfeitamente, admitir *a priori* a existência da quarta dimensão de que falam grandes matemáticos e que eminentes astrônomos admitem. Vários fenômenos observados nas sessões

espíritas parecem prová-la. Outro problema surge ainda quando admitirmos na simultaneidade dos dois mundos o problema da reencarnação. Impossível apresentar provas a favor dessa hipótese, pois a reencarnação só seria necessária se os meios de progredir no Além não fossem suficientes. Por outro lado, impossível admitir que uma só vida terrestre baste para o aproveitamento de todas as vantagens que da vida corpórea podemos haurir e, se os dois mundos são entrelaçados, não seria voltar à terra uma necessidade.

Se conseguíssemos retornar à fé na sobrevivência no Além tão só por meio do raciocínio, teríamos dado um grande passo em prol do problema da moral, pois vemos que só por causa da moral é que a fé na imortalidade parece de valor.

A moral baseia-se na crença de uma metafísica, mas nunca em dogmas, nem mesmo na existência do Além. Para a moral é indiferente que nossas idéias evoluam para o panteísmo ou para o teísmo, ou que encaremos o mundo qual um formigueiro ou uma colméia.

Todas as religiões, não obstante as suas divergências dogmáticas, fizeram trabalho útil como educadoras da humanidade, embora só por tempo limitado; porque assim que o progresso científico prova a insuficiência de um dogma, a moral tem necessidade de admitir outra base metafísica. A vantagem pedagógica da Religião não reside, portanto, no dogma – sinal característico da divergência das religiões –; reside no ponto capital em que todas as religiões se unem, a saber: a crença na imortalidade. Se essa crença na imortalidade apoiar-se em pesquisas e experiências da Ciência Física, tornar-se-á universal; os homens darão mais importância à vida no Além e esforçar-se-ão por viver de modo a se beneficiarem na vida futura. Lao-Tse bem o reconheceu quando disse: “Desenvolverei a alma imaterial e então as gentes trabalharão, elas mesmas, na sua melhoria”.

Aquele, portanto, que conseguisse dissipar os errôneos pontos de vista humanos sobre a morte e a vida futura, seria um reformador com relação aos vícios sociais, proliferados graças à doutrina materialista. O amor ao próximo ganhará terreno mais depressa, se o homem vir-se, desde o presente, ligado à vida que

continuará no Além em vez de acenado com promessa de recompensas no céu ou ameaçado pelos rigores do Inferno. Se o mundo metafísico não é mais do que o lado interno e invisível do mundo físico, estaremos em liame contínuo com os seres que nos cercam no Além, como o estamos com os daqui de baixo; estaremos ligados ainda mais intimamente como mostrarei adiante. Quem mais benemerência acumulou na vida terrestre, mais vantagens colherá no Além, e dessa maneira o amor ao próximo e a futura felicidade pessoal ficarão unidos à lei de causalidade.

Se os sistemas religiosos deram ao mundo concepção errônea sobre o “lugar” do Além, também induziram o homem em erro quanto à relação terrestre com o Além. Encaram o nascimento como o início da vida e admitem que da morte uma nova existência começa no Além. Primitivamente a vida futura era considerada a continuação da vida atual. A Religião refugou esse conceito, mas o ingênuo o substituiu por noções cada vez mais indefinidas. Nunca foi tentada uma definição científica da questão. Abriremos, pois, os caminhos se tivermos uma nova explicação das relações do homem terrestre com o Além. Será necessário provar que o homem é, desde o presente, um membro do Além; que participa, aqui em baixo, por uma parte de seu ser, da ordem metafísica das coisas. Não nos tornamos seres metafísicos depois da morte, porque o somos desde já, embora inconscientemente. Cumpre demonstrar que há em nós uma substância que sobrevive ao desaparecimento do corpo físico, e que possuímos uma consciência metafísica independente da consciência cerebral. O corpo astral, munido de sua consciência transcendental, preenche todas essas condições. Possuímos, realmente, um corpo metafísico e uma consciência transcendental – fato já provado pela experiência, em casos excepcionais, é verdade, mas muito bem constatados. Teremos, portanto, uma prova científica da imortalidade se abrangermos o homem no seu conjunto, isto é, como ser terrestre e físico e como ser transcendental e metafísico. Teremos de estudar o corpo com a sua consciência cerebral e o inconsciente por meio do qual o homem deita raízes no mundo metafísico.

A asserção de que o homem possui um corpo mortal e uma alma imortal não constitui certeza científica mormente quando a alma é considerada como idêntica à consciência cerebral. Cumpre separar essas duas concepções. A consciência terrestre surge no momento da união da alma com corpo, e limita-se a registrar as impressões que objetos provocam sobre esse corpo físico. A alma possui a sua consciência própria – consciência adaptada ao mundo metafísico, e de nenhum modo efêmera; essa consciência requer um veículo, que é o corpo astral. Devemos, portanto, considerar nossa consciência transcendental como fazendo parte do nosso ser metafísico, e a consciência cerebral como pertencendo, em toda a sua extensão, ao corpo físico e dependendo exclusivamente da nossa organização. Os esforços feitos, como o de “achar a alma”, por meio de análises da consciência cerebral, deviam necessariamente abortar – o resultado foi, finalmente, o materialismo. O caminho novo consiste em provar a existência de uma substância independente do corpo físico e de uma consciência em nada idêntica à consciência cerebral – a qual responde às influências do Além. Esta psicologia, que é a do ocultismo, faz-se a única que pode conduzir-nos à crença na imortalidade.

Encontramos uma substância semelhante no estado de êxtase, que com muita freqüência é acompanhado da exteriorização total do corpo astral; durante esse estado se dá a supressão completa da consciência cerebral e a aquisição espontânea de uma consciência transcendental que nos informa sobre o Além, isto é, sobre o lado que desconhecemos. Vivemos, portanto, ligados ao Além, mas sem consciência disso; não entraremos lá unicamente depois da morte. O êxtase não nos confere um corpo astral e uma consciência transcendental; apenas os faz sair do estado latente em que se acham. Se, portanto, dispomos de faculdades transcendentais que podemos fazer agir sem o concurso do corpo físico, é claro que também podemos fazê-las funcionar quando não tivermos mais corpo – e abre-se aqui uma porta científica para os fenômenos chamados espíritas.

Encarando claramente a relação de lugar e tempo entre o homem e o Além, ganhamos um ponto de partida para responder ao “como” da vida futura. Não deixamos o mundo terrestre no

momento da morte; nele permanecemos – mas em um estado transcendental. Perdemos o corpo físico e a consciência cerebral, mas conservamos o corpo astral e a consciência transcendental, que nos unem às coisas da natureza transcendental. Mas como durante a vida corpórea não tivemos consciência do que iríamos ver depois da morte, a impressão é de termos sido transportados para outro mundo.

Se continuarmos a só nos ocupar da Psicologia física, jamais chegaremos à crença na imortalidade, porque jamais evitaremos o escolho de que fala Bossuet: “A sociedade entre a alma e do corpo faz com que o corpo nos pareça alguma coisa do que é; é a alma, alguma coisa menos.” Justamente o contrário se dá na Psicologia do ocultismo – e portanto só lá encontraremos a imortalidade. Estamos ainda muito no começo dos estudos ocultistas, mas o já conseguido basta para dar um alicerce científico aos problemas do Além e da vida futura. Ao passo que a Psicologia física ganha cada vez mais em amplitude e em certeza, a Psicologia oculta ganha terreno. Suas provas crescem de valor à medida que ela avança no campo experimental.

A doutrina religiosa de que o homem vive no Além como puro espírito é necessariamente errônea, mas embora sejamos forçadas a abandonar o ponto de vista, nada perderemos na troca. Toda força implica um portador; as faculdades da alma também o exigem. A alma pode existir sem corpo físico, mas não pode existir sem corpo transcendental. Sem corpo ela não poderia agir. Uma alma pura sem portador estaria condenada à contemplação eterna – à inatividade eterna.

Examinando os fenômenos do ocultismo vemos, com efeito, que nunca são produzidos por uma força imaterial; pelo contrário, todas as funções da alma se exercitam por intermédio de uma substância transcendental. Reichenbach deu a essa substância o nome de *Od*, e demonstrou que o *Od* é visível e palpável para os sensitivos. A doutrina do *Od* constitui, portanto, a Física do ocultismo. Quando um sonâmbulo estuda o interior do seu corpo, é uma luz transcendental que o ilumina. Quando um sonâmbulo descreve os sintomas da presença de um homem, só se pode explicar esse fenômeno de identidade psíquica como conseqüên-

cia de um intercâmbio ódico. Quando um magnetizador transmite seus pensamentos para o cérebro do paciente adormecido, o fenômeno só pode dar-se por meio de vibrações ódicas que ecoam no cérebro do paciente. Quando um magnetizador cura a doença do paciente, é que lhe transmite o seu fluido ódico, portador da força vital. Quando um hipnotizador enfoca a concentração ódica sobre uma parte especial do corpo e nela consegue fazer brotar um estigma, ou uma forma plástica que corresponda à sugestão, o *Od* funciona como portador da força que executa no organismo do paciente a idéia concebida pelo hipnotizador. Isso acontece com as mulheres grávidas, influenciadas por objetos que as impressionam vivamente.

No sonâmbulo, que age telepaticamente, admitir-se uma comunicação imaterial seria um absurdo científico; o fenômeno só pode ser explicado pela ação dos eflúvios ódicos de seu corpo astral, projetados à distancia por um ato de vontade.

Quando um moribundo aparece a parentes que estão longe, é a vontade do moribundo que cria alucinação no perceptor. Nesse caso também o portador do pensamento será o *Od*. Se o moribundo aparece de modo visível, será isto em consequência da exteriorização do corpo astral.

Numa palavra, todos os fenômenos da Psicologia transcendental decorrem da Física transcendental. Verificamos que os fenômenos produzidos pela alma durante sua união com o corpo físico submetem-se a uma lei exata; e como esses efeitos e essa atividade oculta não passam da imagem do que a alma vai ser no Além, é evidente que esse Além está submetido à mesma lei de causalidade – e pode desde já ser estudado pelo ocultismo. Encontramos no ocultismo uma definição do espaço, do tempo e da causalidade mais exata do que a que nos dá a metafísica religiosa. Sentimo-nos mais próximos do tempo e do espaço; a linha de demarcação que nos separa do Além não é mais uma fronteira; reside em nossos sentidos, e com ela desaparece o obstáculo que separa nossa forma terrestre de nossa essência metafísica. A consciência cerebral não conhece a essência metafísica das coisas objetivas e nossa consciência pessoal nenhuma noção possui da nossa essência metafísica. Como a linha de

demarcação é puramente subjetiva, não há dizer que o Aqui e o Além sejam lugares separados um do outro, porque na realidade se confundem um no outro. A existência transcendental não se segue à vida terrestre, mas coexiste com ela. Kant definiu o espírito como o ser que pode existir num espaço cheio de substância material, e nós vemos essa definição constatada pelas experiências espíritas: o fantasma atravessa as paredes e desaparece através do assoalho. Mas temos de aplicar essa definição a todo o mundo dos espíritos, ao mundo transcendental em toda a sua extensão, porque esse mundo se acha incorporado ao mundo físico e visível, embora só tenhamos consciência deste último. Não seríamos, aliás, capazes de sentir os fenômenos da Psicologia transcendental se não fôssemos, na vida terrestre, seres metafísicos. Esses fatos, portanto, nos servem de provas para constatar que a existência transcendental e a existência terrestre são simultâneas.

O ocultismo pode definir o Além; os sistemas religiosos não podem. À pergunta: “Onde fica situado o Além?” o ocultismo responde com estas palavras: “O Além não é mais do que este mesmo mundo sob outro aspecto; a vida futura já começou aqui.” Para pintar o modo de existência dessa vida futura o ocultismo recorre aos fenômenos sonambúlicos e ao êxtase; e na Física transcendental recorre à doutrina do *Od*. Quanto mais progredimos no estudo das ciências ocultas, mais as definições do Além se tornarão claras. Voltaire ainda tinha o direito de dizer que a metafísica era o romance da alma; hoje, porém, estamos defronte de uma metafísica experimental.

Vimos que o Além é o mundo terrestre invisível ao organismo do homem. Mas para organismos opostos ao nosso o mundo físico seria o Além. Se tomarmos isto em conta, somos forçados a concluir que a nossa Física seria para eles a Física transcendental, como a sua Física é transcendental para nós. As leis da Ciência Natural são operantes tanto no Além como aqui; a lei da causalidade rege o mundo transcendente, como rege o mundo físico. Toda metafísica é, portanto, uma metafísica em algum lugar; não o apanágio exclusivo da Religião. O Além não é o país dos milagres; apenas um lugar de ciências naturais desco-

nhecidas. Não é preciso dizer que um ser adaptado a um meio diferente do nosso aprenderá a conhecer outras leis, outras forças da natureza além das nossas, e que se beneficiará com elas; de maneira que as leis causais dos dois mundos não são idênticas, mas se completam. Se há professores entre esses seres e um dos nossos fenômenos físicos se apresentasse subitamente aos seus olhos, eles o negariam como absurdo e impossível, pois tais fenômenos estariam em contradição com as leis que conhecem, da mesma forma por que os nossos professores encaram como impossíveis os fenômenos da Física transcendental. Decorre ainda desse argumento que se um ser do Além em nosso meio não se sentir absolutamente à vontade, não poderá agir diretamente sobre as coisas que o cercam – o que fará com que o seu campo de ação não tenha amplitude. Consideramos os fenômenos espíritas como muito limitados em sua expressão; mas não há motivo para julgarmos os comunicantes pelas suas comunicações: esses fenômenos não nos informam sobre a natureza do Além, nem sobre a natureza dos seus habitantes. Devemos portanto concluir, em relação ao Espiritismo, que é impossível observar fenômenos espíritas puros: serão sempre fenômenos condicionais, participantes da natureza de dois mundos diversos e que repousam em mútua transigência das leis da casualidade que os regem.

Os fenômenos espíritas estão submetidos a leis absolutas, mas diferentes das que regem a Terra. Às vezes é necessário, para que as primeiras possam desenvolver-se, que sejam as últimas suprimidas ou anuladas. Se os fenômenos espíritas nem sempre correspondem às nossas leis terrestres, respondem à causalidade do Além. Na própria Física terrestre temos casos em que uma lei anula outra; quando, por exemplo, a gravidade é suprimida pela atração magnética, ou quando o efeito de uma composição química é anulado por uma corrente elétrica.

O Além é, portanto, uma parte do mundo terrestre que não impressiona a nossa organização física. Não existe uma metafísica que produza milagres, mas existe uma metafísica baseada em outra forma de causalidade. Toda metafísica não passa de Ciência desconhecida. Eis porque todos os investigadores sérios das

ciências naturais deviam, preliminarmente, estudar o ocultismo. Constitui grave erro dos fisiologistas mostrarem-se inimigos declarados desta Ciência; desse modo ficam na ignorância de uma disciplina complementar da Ciência Física. É verdade que o ocultismo lida com forças ignoradas da Física atual; mas a sua causalidade tem o mesmo valor que as experiências físicas dos laboratórios. As forças ocultas, além de se prestarem à investigação, podem adquirir valor prático. Um fisiologista acharia nas casas mal-assombradas verdadeiras minas de Ciência Natural desconhecida; descobriria lá novos problemas – coisa de especial interesse para o investigador honesto.

Durante as sessões espíritas de Milão, de que em outro lugar já falei, a médium Eusápia Paladino foi posta numa balança ligada a um aparelho registrador, e constatamos que o seu peso diminuía às vezes de 10 quilos, e aumentava depois de cerca de 2 quilos. Também observamos, em sessões espíritas, a levitação do médium e a de numerosos objetos da sala. Crookes chegou a fazer experiências de grande exatidão, com todas as cautelas científicas necessárias, e pôde medir a força psíquica transferida para objetos inertes. Os que levianamente motejam essas experiências nada mais fazem do que revelar ignorância; e o investigador que tais fenômenos rejeita por não corresponderem às leis que ele estudou e às quais está habituado, age de modo muito pouco científico. Um investigador consciencioso, que testemunhe fenômenos de levitação, deve dizer de si para consigo: “Não há dúvida que isto é maravilhoso; mas, como absolutamente não há milagre, acho-me, sem dúvida, diante de uma força ainda desconhecida, que tenho de estudar, porque é fato da mais alta importância para a humanidade. Uma força que supera a lei de gravidade, muda a gravitação em levitação, é de molde a produzir total revolução na tecnologia humana. Que a lei do peso possa ser transgredida, temos a prova no magnetismo mineral, que em sua essência não é menor enigma do que a lei do peso. Uma vez que vários fisiologistas admitem a hipótese de que a lei do peso seja um caso especial da atração elétrica, não será impossível que se possa mudar a gravitação em levitação pela inversão dos pólos. Temos, portanto, o direito de considerar reais

os numerosas relatos que possuímos sobre a levitação dos faquires, dos santos, feiticeiras e dos médiuns. Devemos preparar-nos para encontrar por toda parte, e sempre, fenômenos extraordinários e incompreensíveis, pois as forças da natureza já estavam em atividade muito antes de começarmos a estudá-las. Enquanto o nosso saber for apenas parcial, sempre encontraremos em nosso caminho fatos que não corresponderão às teorias existentes. Pois é um fato desses que encontramos na levitação; seu estudo é, pois, da maior importância – e não seria impossível encontrar nele a solução completa do problema aerostático.

Esse seria o raciocínio do naturalista sério e consciencioso; os seus argumentos têm o mesmo valor para todos os fenômenos ocultos, os quais são da maior importância para a Ciência Natural, porque são produzidos por forças desconhecidas que podem reformar inteiramente as condições sociais. Mas o naturalismo superficial despreza os fenômenos ocultos; dá muito trabalho isso de assistir a sessões espíritas e esse naturalismo é bastante ilógico para, embora admitindo a existência de forças desconhecidas, negar o efeito da atividade dessas forças.

A Ciência não pode, de maneira nenhuma, firmar aliança com a metafísica religiosa: de um lado está o dogma – de outro a experimentação científica; de um lado está o milagre – de outro a causalidade. São contrastes inconciliáveis. Mas se a metafísica contentar-se de ser transcendental em vez de sobrenatural; se permanecer metafísica e não se arrogar o direito de combater a causalidade, procurando, ao contrário, ampliá-la, então a sua aliança com a Ciência Natural não só se tornará possível como de vantagem para as partes. Quando estiverem de acordo sobre as questões fundamentais, a Ciência Natural não terá necessidade de fazer nenhuma concessão que fuja dos seus princípios. Poderá admitir os fenômenos transcendentais, porque não os verá contrários à lei de causalidade; poderá ensinar que a realidade nem sempre corresponde à percepção do todo; que os nossos sentidos são freqüentemente obstáculos opostos à nossa consciência intelectual; que a experiência só nos dá verdades relativas, pois está condicionada às impressões do nosso organismo; que para outros seres e outros organismos o tempo e o espaço se mostra-

rão sob outras formas e aspectos. Considerado o Além do ponto de vista de uma teoria experimental, a Ciência Natural pode admiti-lo sem hesitação, pode mesmo admitir que o mundo transcendental e o mundo físico se aproximarão cada vez mais em consequência do progresso biológico e científico em geral e que os fenômenos transcendentais de nenhum modo contrariam as leis da Ciência Física:

Se, portanto, a metafísica apresenta como problema o transcendental, e a Ciência Natural apresenta o problema da experimentação metódica, e se ambas concordam em substituir o sobrenatural por um transcendental de causalidade ainda desconhecida, então as duas ciências poderão caminhar juntas e firmar uma aliança cujos resultados serão imensos. Até o grande problema filosófico sobre a moral encontrará solução nessa aliança; porque as abstrações mais profundas, as leis mais extensas que se referem a todos os fenômenos imagináveis, devem achar-se igualmente no mundo transcendental. A grande lei da conservação da força existe de direito quando se trata da nossa transposição deste mundo para o Além, e a nossa vida no Além dependerá do emprego que tenhamos feito da nossa vida terrestre.

Os leitores acharão talvez que minha definição do Além é um pouco magra; mas, embora eu possa admitir que o reino da metafísica é incomensurável e maravilhoso, não me animei a medir-lhe a extensão; apenas indiquei o ponto da praia onde podemos embarcar – e de onde devemos partir para explorar o interior.

III

A Vida no Além

A resposta à pergunta “Qual o gênero de vida que nos espera no Além?” foi sempre: *ignoramus, ignorabimus!* A própria Igreja, que deveria ter o maior interesse em informar-nos a esse respeito, guarda uma prudente reserva. Fala de um Céu para os bons, de um Inferno para maus; mas nunca achou outra imagem para pintar o Céu além da dos anjos que tronam sobre nuvens, cantando suas aleluias; e quanto ao inferno, pintou-o com cores de tal forma abomináveis que a descrição nos inspira mal estar. Como além disso, o Céu está reservado para os “eleitos”, que são em número muito reduzido, ao passo que o inferno é destinado à grande maioria dos seres, de modo a estar superpovoado, conclui-se que o inferno é o lugar principal do Além; e Vanini tem razão de dizer que o diabo, bem mais do que Deus, influiu na criação do mundo. Vanini morreu na fogueira, o que não impediu que a maior parte dos crentes se recusem a crer num Deus cruel, que pune faltas temporais com um castigo eterno. Essas concepções do Céu e do Inferno se desvanecerão por si mesmas; mas então nos acharemos diante de um Além vazio, ou pelo menos indefinido – a não ser que outras noções venham substituir as que se apagarem.

A Filosofia, mesmo a que admite a imortalidade, nunca procurou preencher esse vácuo, e o silêncio que observa quanto a qualquer descrição do que poderia ser a vida futura prova que não achou base sobre a qual pudesse estabelecer a definição do Além. A Filosofia vedou o caminho a si mesma, aceitando de Descartes uma errônea definição da alma. No caso de considerarmos a alma como espírito puro, não podemos imaginar a sua aliança temporária com o corpo e muito menos compreender qual a sua sorte depois de separada do corpo. A Filosofia por muito tempo desprezou o único domínio onde podíamos encontrar a verdadeira definição da alma e de seu modo de existência após deixar o corpo. Esse domínio, o único que nos salva do “*ignorabimus*”, é o ocultismo. Se o estudarmos, teremos o direito

de esperar a solução do problema. O ocultismo nos mostra que a alma não é somente uma consciência, mas um ser ativo, que a morte não é exclusivamente uma transformação, mas que guardamos depois da morte alguma coisa que já possuíamos na vida; é que possuímos uma alma dotada de forças ocultas próprias e não aderentes ao corpo físico. As faculdades ocultas da alma, como a clarividência e a telepatia, são, durante a vida terrestre, dons latentes que a consciência cerebral não percebe, que se revelam nos êxtases e estados análogos e são tanto mais intensos quanto o corpo físico mostra-se mais anestesiado.

Eis porque podemos supor que por ocasião da morte, quando a alma está inteiramente separada do corpo, ela poderá livremente dispor de suas faculdades ocultas; e isso nos permite não só definir o modo de existência da alma libertada de seus entraves, mas ainda conceber que sua vida em tais condições se torne tão rica e elevada que vida terrestre lhe parecerá um simples sonho.

É verdade que não devemos considerar as funções da alma como sendo a própria alma – o que fez Descartes. As faculdades ocultas exigem um agente e esse agente é o corpo astral. Por toda parte em que encontramos na terra um fenômeno oculto, trata-se do corpo astral exteriorizado; ou então dos seus eflúvios. Quando a Filosofia enriquecer-se na escola do ocultismo, não manterá mais o silêncio sobre a vida do Além, e quanto mais estudar o corpo astral e suas faculdades, melhor poderá esclarecer o “como” da vida futura.

Da mesma forma que o ocultismo demonstra cientificamente a possibilidade do desdobramento, também dá uma definição científica da vida futura. Enquanto a Igreja concede aos crentes a liberdade de imaginar o Céu cristão segundo o gosto pessoal de cada um, o ocultismo, pelo contrário, dá a esse problema uma base física. Que o homem transcendental seja ódico ou etéreo, que o *Od* seja um éter universal modificado ou só empregado como veículo, é coisa que não importa: o corpo astral possuirá sempre as qualidades do éter, e suas faculdades físicas dependerão da essência do éter. Se o calor e a luz, a gravitação, a eletricidade e o magnetismo são o resultado das vibrações do éter, o corpo astral deve participar de todos esses fenômenos; e se é

uma qualidade do éter poder atravessar a matéria e propagar suas vibrações com velocidade prodigiosa, então é preciso que essas qualidades também sejam inerentes ao corpo astral. Este deve poder atravessar as paredes, deve poder desaparecer pelo assoalho e as distâncias terrestres não representam nenhum obstáculo à sua aparição.

A vida intelectual do corpo astral depende igualmente de sua natureza etérea. O homem só percebe as vibrações do éter por intermédio dos sentidos, ao passo que o corpo astral percebe uma impressão direta da essência ódica das coisas e, por sua vez, as impressiona. O fisiologista poderia de certa maneira, *a priori*, estipular as faculdades do corpo astral, e as experiências feitas com fantasmas de vivos e desencarnados deveriam corresponder a essas conclusões teóricas. Vemos fantasmas dos vivos manifestarem-se essencialmente por meio do éter; os fenômenos do espiritismo, que são semelhantes, hão de provir de um ser de natureza etérea. E como esse fantasma já fez parte do homem terrestre, é preciso que suas faculdades ocultas provenham da mesma fonte. Não é um fato significativo que os inúmeros relatos que temos sobre os sonâmbulos, as feiticeiras, os possesos e os santos apresentem o mesmo fenômeno observados no espiritismo? O barão de Hellenbach escreveu a respeito um estudo interessante, que bem merecia uma edição em separado.

Se as faculdades ocultas do homem são idênticas às dos fantasmas espíritas, temos o direito de concluir que elas têm um agente idêntico. A magia demonstraria, portanto, que o nosso invólucro de carne contém um corpo astral. Esse invólucro nos permite agir materialmente; já o nosso corpo astral, por exceção, nos permite agir magicamente. Os fantasmas, pelo contrário, possuindo apenas o corpo astral, só podem agir magicamente – exceto nas “materializações”. Muitas coisas que para nós são impossíveis não o são para eles; em compensação, o que podemos fazer fisicamente não é possível para eles.

Se, portanto, a essência do homem terrestre for um corpo astral dotado de consciência transcendental, temos o direito de concluir que, quando o corpo astral se exterioriza pela morte, deve conservar as mesmas faculdades que possuía em estado

latente durante a vida corpórea, faculdades que só se revelavam nos casos excepcionais do êxtase. As forças anormais deste mundo são, por conseguinte, as faculdades normais do Além. A magia é, nestas condições, a Física do Além. Eis porque achamos tantas analogias entre os fenômenos sonambúlicos e os espíritas.

Uma sonâmbula fez certo dia a descrição do seu estado e depois, ao despertar, manifestou-se pesarosa de não conservar a lembrança do que dissera; mas acrescentou: “verei tudo uma segunda vez após minha morte”. Ela, portanto, considerava o seu estado sonambúlico idêntico ao que teria depois da morte. Isso é muito comum entre os sonâmbulos. A sonâmbula Kramer, quando nesse estado, dizia freqüentemente que se achava do outro lado, ou no Além. E a mudança de percepção equivale a uma mudança de mundo, e o ingênuo nisso vê uma mudança de lugar, e se julga em outro mundo.

A sonâmbula Peterson, pessoa sem nenhuma instrução, menciona igualmente o acréscimo de intensidade das faculdades sonambúlicas depois da morte. “Assim como posso dizer de antemão qual será o estado imediato da minha doença, assim também prevejo as gradações do meu sono lúcido. O meu estado de clarividência está para a lucidez perfeita apenas a um passo – que eu não tenho direito de dar. Logo que a luminosidade se transformasse em clarão – e esse seria o caso se o impulso continuasse – eu chegaria à lucidez perfeita, mas ao mesmo tempo ao fim de minha vida terrestre.

Uma das sonâmbulas do doutor Kerner repetia com freqüência que o homem ao morrer torna-se magnético e clarividente. Os espíritos nos dizem absolutamente a mesma coisa.

Dois espíritos apresentaram-se um dia à vidente de Prévorst, que não gostava muito desses visitantes: “Por que vindes à minha casa?” – perguntou-lhes. Ao que os fantasmas responderam, muito judiciosamente: “Mas és tu que estás em nossa casa!”. Isso mostra que a vidente havia sido transportada para o Além pelo efeito de sua vida mágica, achando-se então em relação com os habitantes do Além. Um sonâmbulo dizia ao conselheiro de estado Bahrens que o mundo material existe

apenas para o que é material; que o ser espiritualizado vê a essência das coisas, isto é, um mundo organizado, luminoso, no invólucro material; que, numa completa espiritualização, a matéria não é mais nem pesada nem opaca; que então só se distinguem os corpos pela luz que encerram, e essa luz é diferente segundo o seu estado de perfeição. No homem ela possui o seu maior valor. Como nada se perde, um ser luminoso nunca poderá perder-se. Isso equivale a dizer que no sonambulismo o homem entra em relação com as coisas internas e ódicas, e vê tudo como fenômenos luminosos, tal como os sensitivos vêm no quarto escuro. O éter nervoso entra em relação com o éter universal.

Faremos bem em interrogar os extáticos sobre o estado de êxtase. Eles podem, melhor do que qualquer outra pessoa, informar-nos sobre o seu próprio estado. E se é verdade, como dizem os sonâmbulos, que o sonambulismo é uma antecipação do estado futuro, então não devemos mais espantar-nos com a analogia notada entre o sonambulismo e o espiritismo; tal analogia é mesmo necessária.

Os sonâmbulos têm a visão do mundo em que vivem no estado corpóreo, mas suas relações são diferentes, porque percebem sem ser por intermédio dos sentidos. São clarividentes e, quanto maior é a sensibilidade mais claro eles vêm. Foi o que Reichenbach constatou com os sensitivos. Assim também nós vemos no espiritismo que os fantasmas são clarividentes. Quando, durante as sessões num quarto escuro, objetos flutuam no ar, eles evitam todos os obstáculos – como os morcegos de Spallanzani – e vão em direção dos assistentes. Comunicações escritas produzem-se em ardósias cuidadosamente embrulhadas, e a escrita é por tal forma nítida que devemos admitir que alguém via com clareza ao traçar essas linhas. Crookes perguntou certa vez à inteligência que se manifestava se podia ver o conteúdo do quarto onde ele se achava. A prancheta respondeu afirmativamente. “Podes ver e ler o conteúdo deste jornal?”, perguntou de novo Crookes, colocando a mão sobre o *Times*, mas sem lançar nele os olhos. A resposta foi ainda afirmativa; ao que Crookes, cobrindo com o dedo uma palavra, ao mesmo tempo em que virava as costas ao jornal, acrescentou: “Se podes dizer qual a palavra sobre a qual coloquei

o dedo, acreditarei em ti.” A prancheta traçou lentamente e com alguma dificuldade, mas muito distintamente, a palavra “*however*”. Crookes verificou que, com efeito, era essa a palavra que o seu dedo cobrira.

Os sonâmbulos chegam a pedir o escuro quando se trata de ler as cartas escondidas, e essa experiência daria melhores resultados se não se cometesse o erro de dobrar a carta no envelope fechado. Se uma carta dobrada fosse fotografada por meio dos raios X, teríamos as letras a torto e a direito, e como os sonâmbulos lêem por meio certos raios análogos, parece-nos que só podem ler corretamente se não houver dobragem, ou superposição de escritas. Quando, nas sessões espíritas, pedimos que nos toquem a mão ou a fronte, sentimos o toque exatamente no lugar indicado e sem nenhuma hesitação, mesmo na mais completa obscuridade. Durante uma sessão espírita em Viena, pedi mentalmente que me puxassem a orelha esquerda, e como não sentisse nada, que puxassem o nariz; nada ainda; pedi então que puxassem a orelha direita. Puxaram-me então consecutivamente a orelha esquerda, o nariz e a orelha direita, sem hesitação e com a segurança de uma pessoa que está vendo claro. Esse caso ainda prova que os espíritos, como os sonâmbulos, são clarividentes e capazes da transmissão do pensamento. O pequeno sonâmbulo Richard contou um dia o sonho no qual seu irmãozinho estava imerso naquele momento, e durante outra sessão o espírito, olhando para o médium adormecido, disse que ele sonhava estar a caminho da África. O médium, ao despertar, constatou a exatidão da observação.

Possuem, portanto, os sonâmbulos, como os fantasmas, o sexto sentido – o sentido ódico – e, como se dá com os sensitivos, é essa a faculdade que decide sobre a simpatia e a antipatia. Todos mostram antipatia por certos metais; os sonâmbulos não gostam que outras pessoas os toquem, só o seu magnetizador lhes é simpático. O mesmo se dá com os fantasmas. A primeira palavra que Cristo dirigiu a Maria Madalena, ao aparecer-lhe depois da ressurreição, foi: “Não me toque.”

O intercambio ódico, que se opera quando o magnetizador hipnotiza o sonâmbulo, estabelece entre eles uma relação graças

à qual todas as impressões do agente são sentidas pelo paciente. Quando o sonâmbulo sente fome, pode, por um certo tempo, sentir-se saciado se o magnetizador comer. Essa relação magnética também existe entre o médium e os espíritos, pois as camadas ódicas exteriorizadas do médium são a “matéria de condensação” dos espíritos. Quando no decurso de uma materialização um fantasma diz ter fome, poderá satisfazer-se se o médium comer alguma coisa. Eis por que é impossível estudar com sucesso o espiritismo sem o conhecimento prévio do sonambulismo. As tolices e brutalidades de que são culpados os pseudo “desmascaradores” dos médiuns baseiam-se na ignorância dessas relações magnéticas.

Vemos casos bastante numerosos em que os fantasmas escrevem em língua desconhecida do médium, e fazem comunicações de que o médium não pode ter conhecimento – e só nesses casos o fenômeno é verdadeiramente espírita. A escrita direta aparece igualmente no animismo; pode ser produzida pelo fantasma dos vivos. Conhece-se o caso do capitão de navio que vê no seu camarote um fantasma escrever numa lousa estas palavras “Rume para noroeste.” O capitão obedeceu, e pouco depois encontrou um navio desarvorado, com a equipagem extenuada. Um dos passageiros era extremamente parecido com o fantasma que se apresentava ao capitão, e quando lhe pediram para escrever as palavras “Rume para noroeste” verificou que a escrita era idêntica à deixada na lousa. É possível, entretanto, com os sonâmbulos e também com os fantasmas, produzirem-se escritas diretas sem a exteriorização dos seus duplos.

A materialização das mãos ou do fantasma inteiro pode ser produzida pelo animismo tão perfeitamente quanto o é pelo espiritismo. O aparecimento e desaparecimento do duplo mostram ainda a absoluta analogia com a dos fantasmas espíritas. Falei disso em outro lugar e também encontramos grande número de casos deste gênero na coletânea “Os fantasmas dos vivos”. Esse duplo não é mais do que o fac-símile etéreo do homem vivo – e é o que sobrevive à morte.

Toda manifestação psíquica, ou oculta, seja proveniente dos vivos ou dos desencarnados, está submetida a condições seme-

lhantes, e vão de encontro os mesmos obstáculos. É que em suas operações os fantasmas estão circunscritos por leis físicas que lhes permitem apenas um limitado raio de ação; nenhum dos dois está organizado de maneira a mover-se no mundo material. Tomemos como exemplo as comunicações por meio de pancadas, tão submetidas a riso como sendo fenômenos absurdos. Escusa dizer que uma alocução eloqüente seria melhor; mas isto só é possível por meio da materialização, e quando o ser astral consegue esse meio de comunicar-se, substitui, com efeito, as pancadas pela manifestação verbal. Observam-se também os sonâmbulos a produzirem à distancia, animicamente, pancadas. A mulher do professor Morgan tinha uma criada sonâmbula, à qual ordenou que se transportasse para uma casa distante. A criada declarou-lhe que se achava lá e havia dado uma violenta batida na porta para anúncio da sua presença. Tomadas informações respeito do fato, constatou-se ser perfeitamente certo. O dar pancadas, nesse caso, nada tinha inepto; era o único meio que a sonâmbula dispunha para agir nas condições físicas apresentadas.

Se essa criatura viesse a morrer levando consigo tais faculdades, poderia tornar conhecida a sua presença pelo mesmo processo de comunicação. Isso só seria um fenômeno absurdo se os fantasmas não estivessem submetidos, em suas ações, a leis físicas. A ação extracorpórea dos sonâmbulos é também incorpórea; por conseguinte não pode diferir da dos mortos.

A Vidente de Prévorst também se anunciou a seus amigos ausentes por meio de pancadas. Pedia-lhe Kerner um dia para anunciar-se desse modo em casa dele. Certa noite em que todos na casa dormiam, Kerner e a esposa a sós, sentados à mesa, ouviram seis pancadas, não sobre um móvel qualquer, mas no ar, no meio do quarto. No relatório lido perante o tribunal de Fedworth constatou-se, da mesma forma, que as pancadas em questão eram um efeito físico oriundo da ação telepática de um ente vivo.

A ação à distancia, junto à clarividência, também se encontra entre os sonâmbulos e os fantasmas espíritas. Certa vez um negro magnetizou uma menina a quem pediu para ir ver o que

faziam na casa dele. A menina respondeu-lhe que via na cozinha duas pessoas ocupadas no preparo da comida. Perguntou-lhe o negro se podia anunciar a sua presença a essas pessoas, ao que ela respondeu afirmativamente, e garantiu ter tocado numa das pessoas. Mandada imediatamente uma delegação à tal casa para verificar o fato, uma das pessoas que estavam na cozinha confessou que um fantasma acabava de tocá-la. A sonâmbula Susette garantiu poder transportar o seu “espírito” para o lugar que lhe aprouvesse. Anuncia sua visita ao doutor Stuffli, apareceu-lhe no quarto vestido de “peignoir” e lá apagou uma vela. É o que também fazem os fantasmas, pois que a luz é um obstáculo às manifestações ocultas. Tomadas as necessárias informações em casa dos pais de Suzette, declararam estes que o corpo da moça permanecera durante todo aquele tempo estirado na cama, feito um cadáver.

Aksakof, portanto, tem razão de perguntar se não podemos explicar muitas histórias de almas do outro mundo como efeitos de uma ação à distancia produzida pela força psíquica dos vivos. Em muitos casos é isso justamente o mais provável. Sobre o poeta Lenau, diz Kerner o seguinte: Vou mencionar um acontecimento que prova quanto o corpo etéreo de Lenau estava pouco ligado ao corpo físico. Certo dia em que jantou conosco, subitamente, à sobremesa, caiu em silêncio, empalideceu e ficou-se imóvel na cadeira. Mas na sala vizinha, que estava deserta, escutamos vidros se entrechocarem; e produziram-se rumores, como se alguém andasse por lá. Chamamos Lenau pelo nome, perguntando-lhe o que acontecia. Lenau despertou, como se saísse de um sono magnético, e quando lhe contamos o ocorrido, respondeu:

“Isso me acontece com muita freqüência; minha alma fica como que saía fora do corpo”.

Muitas vezes nos defrontamos com fenômenos de almas do outro mundo que se assemelham aos produzidos pelos fantasmas, e não passam de ação à distância, emanada das forças psíquicas dos vivos. Uma garotinha de 8 a 9 anos encontrava-se na cozinha com o professor de Física Barthe, de Carcassonne, quando todos os utensílios de cozinha foram espalhados e jogados para todos

os lados por uma força invisível; uma acha de lenha em chamas foi lançada fora do fogão. A moça “elétrica”, Honorine Séguin, viu um dia suas saias intumescerem-se e comprimirem-se de encontro a uma cadeira vizinha. Quando lhe tocavam nas saias, estas desentumeciam-se, mas inchavam de novo assim que o toque cessava. Observei os mesmos fenômenos em Milão, com Eusápia Paladino.

Outro caso, que prova ainda mais claramente a causa psíquica radicada no animismo, é o da sonâmbula que anunciou de antemão os fenômenos que tinha intenção de produzir. Aproximando-se o fim do seu período sonambúlico, declarou que o seu espírito não mais poderia, doravante, afastar-se do corpo, e nada mais teria a fazer com as coisas transcendentais. Só poderia “brincar de alma do outro mundo”, e fa-lo-ia à noite, para convencer sua mãe de que os “espíritos” realmente existem. “Depois planeou pregar uma peça numa de suas amigas. A mãe ouviu pancadinhas e a amiga despertou de noite e, sobressaltada: alguém tinha lhe puxado o braço. Essa sonâmbula disse antes de morrer: “Se esta noite, às três horas, me virem fraca a ponto de parecer no fim, saibam que morrerei antes que alguma coisa estale e se quebre em meu quarto – e assim mesmo só deixarei o meu corpo algumas horas depois disso.” Às três horas da madrugada um vidro de remédio partiu-se em pedaços ruidosamente, mas a sonâmbula só morreu às quatro. Outra sonâmbula, cuja mãe quis durante a noite ir à cozinha preparar-lhe o chá, disse que desejava acompanhá-la. A mãe sabia o que isso significava e pediu-lhe que nada fizesse a fim de não assustá-la. Quando a mãe chegou à escada, sopraram-lhe a vela, embora não houvesse nenhuma corrente de ar na passagem; ao voltar para o quarto foi incomodada por vários outros fenômenos psíquicos, como um roçar de papel que parecia acompanhá-la, e quando abriu a porta pareceu-lhe que alguém lhe passava à frente. De novo junto à filha, esta lhe perguntou se a havia notado durante a sua ausência.

De outra feita, o irmão e a irmã dessa sonâmbula, incumbidos de atendê-la enquanto a mãe dormia, recusaram-se a despertar esta última; mas a sonâmbula, que só queria ser tratada por sua

mãe, forçou-a a levantar-se, perseguindo-a com os seus fenômenos. Um pão, que se achava à lareira, saltou no ar, e um vidro de remédio dançou na mesa, com mais coisas que lá se achavam. E finalmente a irmã foi levantada no ar com a cadeira em que se sentava. Este último fenômeno aconteceu-me em Viena durante uma sessão espírita. Vê-se, portanto, que a ação psíquica à distância, causada pelo animismo, apresenta os mesmos “absurdos” que os fenômenos espíritas. É que ambos têm um agente comum – o corpo astral, cujo campo de ação é limitado.

Podemos seguir esse paralelismo até nos menores detalhes. Nas histórias de almas penadas é freqüente falar-se em portas que se abrem subitamente. É ainda um fenômeno muitas vezes tido à influência da força psíquica dos vivos. Encontramo-lo descrito na história da mística cristã, quando as portas das igrejas se abrem à aproximação de um santo. Ao imperador Maximiliano contou o abade Tritheim que um dos seus companheiros, que era sonâmbulo, levantava-se à noite e por onde passava as portas se abriam por si mesmas diante dele. Jacolliot conheceu um faquir que abria ou fechava portas ao seu talante.

Também portas se abriam diante do magnetizador Du Potet, sem que ele pudesse explicar a causa do fenômeno, mas como os eflúvios ódicos facilmente se destacam dos magnetizadores, não é extraordinário que esse fenômeno se produzisse com Du Potet, que era um magnetizador de muita potência.

Aksakof emprega o termo animismo para designar as ações da força psíquica proveniente dos vivos. Estes têm necessidade do corpo astral para a produção de tais fenômenos – e nisso os sonâmbulos e médiuns se encontram. Mas é necessário que nuns e noutros o corpo astral primeiramente se destaque do corpo físico, antes que possa produzir os fenômenos psíquicos, ao passo que os fantasmas dos desencarnados não defrontam esse obstáculo. Isso cria uma certa nuance nas funções psíquicas – mas de qualquer forma o paralelismo essencial subsiste, porque todas necessitam do agente principal: o corpo astral. Eis porque seria extraordinário que em suas operações psíquicas os desencarnados mostrassem outras faculdades além das que se produzem pela força psíquica dos vivos. Nesse caso eles deveriam

adquirir depois da morte novas faculdades, o que constitui suposição absolutamente gratuita; ao passo que parece muito natural que conservemos depois da morte as mesmas faculdades que possuíamos durante a vida terrestre.

Consideremos, por exemplo, a mais simples das funções psíquicas, o magnetismo, isto é, a transmissão da força vital pelas radiações do corpo astral. O magnetismo pode emanar de um magnetizador, ou, melhor ainda, de um sonâmbulo, mas de preferência emana de um fantasma. O efeito é mais ou menos eficaz, mas permanecerá sempre o mesmo, a saber: uma transmissão da força vital. A mãe de Mr. Jenken, parálitica do lado esquerdo, foi magnetizada pela mão de um fantasma no decorrer de uma sessão com o médium. O fantasma começou passando-lhe a mão do lado esquerdo; depois tomou a mão da doente na sua; em seguida estendeu o braço. Ela sentiu como se uma corrente elétrica lhe percorresse o corpo; oito a dez minutos depois a paralisia estava curada e ela pôde novamente servir-se de sua mão e de seu braço.

O cônsul geral Léon Fávre, irmão de Jules Favre, fez perante a Sociedade Dialética de Londres uma descrição da doença que o havia torturado durante quarenta anos. Depois de experimentar todos os tratamentos com os médicos de maior renome, sem conseguir a mínima melhora, sarou com os passes magnéticos de um fantasma.

Um dos efeitos magnéticos mais poderosos é aquele com que os faquires produzem o crescimento forçado das plantas.

Isso se efetua pelos eflúvios do corpo astral, emanados em virtude do estado extático em que os faquires se encontram durante a operação. O espiritismo depara-nos casos semelhantes. Durante uma sessão com a médium d'Espérance, vinte espectadores testemunharam o seguinte fenômeno: uma garrafa cheia de água misturada com areia achava-se diante de um fantasma acorocado. Sob a influência magnética desse fantasma foi visto surgir da boca da garrafa uma planta, que atingiu pouco a pouco a altura de vinte polegadas e se desenvolveu numa bela *Ixora Crocata*, de corola com quarenta pistilos e rodeada de algumas folhas.

É preciso igualmente admitir uma radiação dos eflúvios do operador na transmissão do pensamento comunicado aos sonâmbulos, assim como para a sugestão mental que os hipnotizadores transmitem aos seus pacientes. Vemos os fantasmas seguirem a mesma regra com relação aos seus médiuns, no fazê-los dizer ou escrever o que eles têm a comunicar. Encontramos analogia entre a “voz direta” do espiritismo e a ecolalia² dos hipnotizados. A escrita automática produz-se entre os sonâmbulos pela auto-sugestão; entre os hipnotizados, pela sugestão estranha; e entre os médiuns, pela sugestão do espírito. Os médiuns músicos cantam e tocam sem que nunca hajam aprendido.

O canto automático dos hipnotizados não passa de um caso especial da ecolalia; e quanto a tocar o piano, Peronnet conseguiu levar uma hipnotizada, que nunca tivera estudos, a executar algumas peças. Pôs a mão esquerda sobre a cabeça da paciente, tocou uma música com a mão direita: ela repetiu sem errar uma só nota.

O hipnotizador pode transformar o paciente em outra pessoa, de tal forma que esta se esqueça da personalidade própria e represente o papel da pessoa sugerida. O espiritismo apresenta esta analogia na possessão. Nos processos de feitiçarias encontramos pessoas que foram envenenadas pelo hálito de uma feiticeira – o que é compreensível, porque em toda influência magnética é o agente psíquico que representa o papel principal. Crusius, na sua “Crônica Sueca”, menciona o caso do assassinado que apareceu ao assassino, e soprando sobre ele matou-o com o hálito venenoso dos mortos. Jacolliot fala do faquir Cowindasamy, que levou água a estado de ebulição apenas conservando a mão sobre ela. Conta-se ainda que numa casa mal-assombrada de Stockwell foi vista a água de uma cuba borbulhar e depois ferver. Provavelmente foi uma mão invisível que produziu o fenômeno. Vê-se que há inúmeras analogias entre a magia e o espiritismo.

Vimos que as mesmas condições se impõem nas duas linhas de fenômenos para a produção de ações psíquicas, e também verificamos que os mesmos obstáculos restringem o campo de ação de ambas. Porque é preciso ter em mente que a magia não é,

em absoluto, um milagre; mas simplesmente uma Ciência Natural ainda desconhecida, baseada em leis desconhecidas. E isto, tanto para as faculdades ativas como para as passivas, tanto para o operador como para o receptor. Na Idade Média a erva de S. João era tida como remédio contra a influência dos espíritos; daí o nome que lhe deram de *fuga daemonum*. Não sei se os seus eflúvios ódicos possuem as propriedades que lhes são atribuídas, mas encontramos o seu análogo no sonambulismo: John Morrison, que era dotado de segunda vista e queria livrar-se disso, sustenta ter-se curado levando, cosida na gola de seu casaco, a erva hipericão. Uma vez que por esse meio a influência do *eu transcendental* sobre sua consciência cerebral era anulada, pode-se admitir que também impediria a influência dos espíritos estranhos. Teríamos assim mais uma prova da identidade do nosso *eu transcendental* com o fantasma desencarnado.

Quando foi perguntado a Richard, durante o sono magnético que ele anunciava como último, se tornaria a ver o “homenzinho” – como ele chamava o seu *eu transcendental*, respondeu: “Nunca mais num sono magnético, mas algumas vezes em sonho, e sempre que eu tiver necessidade.”

As influências espíritas sobre os médiuns acham-se igualmente limitadas há um tempo preciso e a partir desse termo se manifestam só muita espaçadamente e enfraquecidas. O fantasma Katie King disse a William Crookes na sua aparição final que, estando finda a sua missão, ela voltaria mas sob forma invisível e só se comunicaria com o seu médium a intervalos mais ou menos longos e por meio da escrita automática. O médium, porém, poderia vê-la quando lhe agradasse, durante o sono magnético.

Quando na Idade Média se faziam preparativos para evocar os espíritos, o conjurador tinha o cuidado de traçar de antemão, sobre o assoalho, um círculo mágico, para garantir-se contra os fantasmas que não deviam transpô-lo. O círculo mágico já era conhecido dos caldeus. Pedro de Aponia escreveu: *Circuli sunt munimenta quaedam quae operantes a malis spiritibus reddunt tetos*. Agripa também disse: *Qui malos daemolaes adjuram, circulo sese communire solem*: Giordano Bruno, o emérito filósofo da arte oculta, queimado por heresia em Roma em 1600,

constatou o mesmo fato, sem poder explicá-lo: *O quanta virtus est intersecutionibus circularum et quam sensibus hominum occulta*. Para esclarecer esse fato acharemos talvez uma analogia no sonambulismo, recordando-nos da linha magnética traçada pelos magnetizadores diante do paciente. Este se choca ali como contra um muro que de maneira nenhuma pode transpor. Seria esse, talvez, o meio de refrear os sonâmbulos quando se metem a passeios noturnos. Os sonâmbulos de Robiano acompanhavam-no por todas as sinuosidades dos caminhos que percorria; mas se, com a sua vara, traçava na estrada uma linha, paravam imediatamente, não podiam transpor essa barreira e vários entravam em catalepsia, ao tocar obstáculos.

Toda superstição contém um grão de verdade. O efeito do círculo mágico deve, pois, ter sua razão; eis por que nos aconselha Kant a não acreditarmos em tudo o que as gentes dizem, mas também a não imaginarmos que suas palavras sejam totalmente destituídas de fundamento.

Os sonâmbulos, como os fantasmas, possuem o dom da clarividência; sua vista atravessa a matéria – os raios X nos dão o símile físico disso; uns e outros possuem da mesma forma o dom da previsão e da lucidez. Seria grave erro imaginarmos que o magnetizador pode outorgar o dom da clarividência ao sonâmbulo, quando magnetiza. Poderá, no máximo, despertar um dom inato que se acha em estado latente – e torná-lo consciente. O sono provocado desloca o limiar da percepção e faz com que uma parte do subconsciente penetre na consciência cerebral. Também a morte pode, até certo ponto, dotar-nos dessa faculdade maravilhosa; porque a morte limita-se a romper a união entre o corpo astral e o corpo físico, e os véus que envolvem as faculdades latentes caem logo como por encanto. Eis por que observamos que a lucidez ocorre com freqüência logo depois da morte. Kerner nos conta do moribundo que procurava falar e não conseguia proferir palavra. Algumas horas mais tarde o morto apareceu à vidente de Prévorst e comunicou-lhe o que quisera dizer no momento da morte. Era um conselho à mulher, a respeito da filha, cujo futuro o inquietava. Quatro semanas depois uma

telha caiu sobre a cabeça dessa menina, que ficou seriamente ferida, restabelecendo-se depois de uma operação.

São comuns os casos em que a lucidez, e em geral as faculdades ocultas, se revelam com a aproximação da morte. Isto prova que não é depois da morte que as adquirimos, mas que a morte as torna mais intensas. O conselheiro de estado, barão Coussay, nos conta que foi despertado na noite da morte de sua mãe pelo uivar de um cão. Lançando um olhar à janela, viu o fantasma de sua mãe, que morava a 30 quilômetros de lá se dirigia para ele. Falou-lhe e predisse as coisas concernentes aos seus negócios, tudo posteriormente confirmado. As faculdades ocultas não têm necessidade de ser ensinadas aos sonâmbulos ou aos fantasmas – o que prova serem inerentes à nossa natureza.

O paralelismo constante entre os sonâmbulos e os fantasmas mostra que é trabalho perdido querer estudar o espiritismo isoladamente, como se faz quase sempre. O espiritismo sozinho não nos pode dar a solução definitiva da vida no Além. Seu estudo isolado pode até dar-nos uma falsa concepção do estado de depois da morte, se não nos convenceremos de que os espíritos manifestantes se acham numa esfera estranha, em que, pela sua natureza, só podem mover-se e comunicar-se em condições especiais e restritas, e que a sua verdadeira vida no Além deve ser completamente diferente da nossa.

Devemos fazer a mesma reserva para as funções ocultas dos vivos; essas funções também não podem bastar para informar-nos sobre a vida no Além. Unicamente quando conjugamos as duas séries de fenômenos é que eles se completam e se esclarecem reciprocamente. A quem quer experimentar, torna-se indispensável conhecer as duas espécies de fenômenos. A Psicologia transcendental e a transcendente se completam; entre elas só existem diferenças de grau. Mas, mesmo quando estudássemos as duas espécies reunidas, jamais conheceríamos outra coisa senão o modo de agir de uma inteligência que sai do seu elemento natural e penetra num meio material. As experiências só nos informam sobre esse ponto, e as conclusões que delas podemos tirar com relação à vida futura não valem mais do que as de um peixe dotado de inteligência, que julgasse da natureza do homem

terrestre pela conduta de um mergulhador a trabalhar no fundo do oceano. Não podemos saber como os seres transcendentais operam quando se movem no seu elemento próprio, liberto de todo entrave corpóreo e material; de sorte que a nossa experiência é insuficiente para arquitetarmos uma metafísica. Os espíritas crentes supõem que podem preencher a lacuna com as revelações do Além feitas pelos espíritos, mas os espíritos que voltam ao mundo material também não revelam a sua verdadeira natureza do ponto de vista intelectual, de modo que esse gênero de literatura não tem valor real.

É preciso, portanto, que nos limitemos a constatar o fato. Uma vez que entre os vivos as funções psíquicas e ocultas se produzem pela exteriorização do corpo astral, ou pelos seus eflúvios, temos que admitir que no momento da morte, quando o corpo astral está definitivamente exteriorizado, os mesmos fenômenos devem necessariamente produzir-se. Essa conclusão é suficiente para dar à questão da imortalidade uma base científica; se a isso acrescentarmos um estudo comparativo do animismo e do espiritismo, junto a um estudo das psicologias transcendental e transcendente, possuiremos, para o “como” da vida futura, uma base científica passível de ser ampliada, aprofundada e desenvolvida. O paralelismo dessas duas psicologias se presta admiravelmente para alicerce de uma metafísica experimental, porque nos mostra que podemos exigir dos espíritos os mesmos fenômenos que pedimos aos sonâmbulos, e que os sonâmbulos podem imitar ou executar o que vemos os espíritos fazerem. Como os sonâmbulos têm de enfrentar obstáculos antepostos pelo seu corpo material, não poderão, com certeza, medir-se inteiramente com os espíritos; mas estamos convencidos de que a Ciência conseguirá aperfeiçoar as experiências de Albert de Rochas, feitas sobre o corpo astral exteriorizado, seja de um vivo, seja de um desencarnado.

Estabelecido isto, vamos entrar agora na terceira fase – a que deve resolver o nosso problema de modo definitivo. Recapitulando: tivemos até aqui de contentar-nos com as informações da Igreja no que concerne à resposta sobre a questão do Além e da vida futura. A Igreja não nos apresentou mais do que dogmas,

sem nenhuma prova, muito pouco satisfatórios e que nos arrepiam o sentimento. A Filosofia deu-se a muito trabalho para provar a imortalidade, mas errou o caminho, querendo prová-la pela Psicologia consciente. Quanto ao lugar e ao modo de existência no Além, nem se animou a propor a questão. Diante do que há de melhor no gênero, impossível não lamentarmos que uma questão de tamanha importância tenha sido tratada com tão escassa competência; seus autores procuram uma solução que só pode ser encontrada no ocultismo, domínio a que eles jamais quiseram se chegar. É perfeitamente natural, nessas condições, que nem a Igreja nem a Filosofia tenham podido impedir que a humanidade, farta dos dogmas e afirmações sem provas, tenha abandonado a partida e se voltado para o materialismo como a última âncora de salvação. Só o ocultismo pode hoje trazer remédio ao mal, agora que ele se afirma em experiências.

O sonambulismo e o espiritismo são, aliás, ramos científicos capazes de um desenvolvimento por tal forma elevado, que nos é impossível apreciarmos devidamente a sua importância. Os nossos conhecimentos do Além tendem a tornar-se cada vez mais exatos e claros. Vários experimentadores negaram a teoria espírita, mas, admitindo a realidade dos fenômenos, vêem neles exclusivamente o efeito de uma força psíquica emanada dos médiuns, sem nenhum concurso dos espíritos.

É o que Schindler professa na sua *Vida Oculta*; e Perty, no seu livro sobre os *Fenômenos Místicos*. Este último, todavia, depois de longa experiência, certificou-se da realidade dos fenômenos espíritas e confessou-o em escritos ulteriores. Também Hartmann explica todos os fenômenos que se dão nas sessões espíritas como provenientes dos médiuns; mas suas obras trazem um conhecimento muito imperfeito da questão.

Esses experimentadores poderiam imaginar, lendo as provas que eu aduzi sobre a identidade dos fenômenos produzidos pelos sonâmbulos e pelos espíritas, que eu lhes endosso os seus modos de ver, e que ficou provado que o animismo explica o espiritismo. A tese parece plausível, mas as premissas são enganosas. Seria justo dizer que se pudéssemos dar aos médiuns corpos astrais capazes de exteriorizarem-se, eles equivaleriam aos

espíritos manifestados numa sessão espírita; mas isso ainda não resolve inteiramente a questão. As experiências de Albert de Rochas provaram que os homens vivos possuem um núcleo vital que pode destacar-se do corpo e, assim separado do seu invólucro físico, permanece vivo, sentindo e pensando. Temos, pois, o direito de concluir, inicialmente, que por ocasião da morte o corpo astral destaca-se definitivamente do corpo físico. Acharmos, portanto, no animismo um primeiro elemento de prova da imortalidade, e ainda uma primeira prova em favor do espiritismo. O corpo astral, exteriorizado no momento da morte, pode não só servir-se de suas faculdades ocultas, como quando vivia no seu corpo físico, como ainda usá-las mais fácil e amplamente. Os fenômenos espíritas são, portanto, a priori, muito mais prováveis do que os fenômenos ocultos do sonambulismo – hoje só negados pelos ignorantes. Resta-nos apenas uma dúvida, a saber: se os desencarnados procuram servir-se das suas faculdades ocultas. Estamos persuadidos de que eles experimentam esse desejo. Não é provável, com efeito, que a morte destrua todos os laços psíquicos que nos prendem à Terra.

É verdade que ela transforma as nossas opiniões e faculdades, tornando-as ocultas; mas certamente não muda a nossa substância psíquica; isso seria subversivo para a lei de conservação da força: Qualquer liame que prenda o desencarnado à Terra que ele acaba de deixar pode levar para lá os seus pensamentos. Aqui entra em cena o espiritismo, fitando, como provas, inúmeras experiências desse gênero. Da semelhança dos espíritos com os homens terrestres conclui o espiritismo que se trata de gente falecida, e o conteúdo das comunicações prova, em não poucos casos, que os autores são personalidades conhecidas. Essa questão da identidade dos personagens já provocou muitas discussões.

No fundo não se pode, realmente, querer mal aos espíritas admirados de que continuem a duvidar da realidade da aparição dos mortos, ou “espíritos”, tanto mais que os seus adversários só contrapõem argumentos a fatos cem vezes constatados e provados – e argumentos sem fundo nem razão. É verdade que algumas vezes o espiritismo exagera o valor das provas e não reco-

nhece de modo suficiente a dificuldade da identificação. A prova da imortalidade não implica, necessariamente, a possibilidade, ou mesmo a certeza, das comunicações com os defuntos. A circunstância de os espíritos se assemelharem aos seres terrestres não é, positivamente, uma prova de que eles tenham estado anteriormente encarnados num corpo terrestre. Os fatos espíritas poderiam ser verídicos sem que os mortos neles representassem um papel; outros seres poderiam apresentar a mesma forma sem nunca terem passado pela fase da existência terrestre. Se quiséssemos considerar todos os seres do mundo astral como espíritos desencarnados, voltaríamos à crença geocêntrica da qual felizmente a astronomia nos libertou, e a colocaríamos na metafísica, onde absolutamente não cabe. O homem é a figura principal na Terra, mas não o é, certamente, em todos os sistemas da Via Láctea. No Além não passará de uma personagem, de uma forma acessória.

As entidades do Além não serão, sem dúvida, inferiores às daqui, mas outras pode haver que pertençam exclusivamente ao Além. Talvez existam entidades que possam tomar todas as formas desejadas, de acordo com a sua vontade. Na magia do homem terrestre já observamos a superioridade do espírito sobre a matéria. Assim o estigma religioso, ou hipnótico, e as marcas de nascimento, produzidas por uma tensão de espírito ou impressão muito viva, causam deformidades ou desvios do tipo normal do homem.

Durante nossa existência terrestre, na qual a matéria bruta prevalece, a vida espiritual é dominada pela matéria; mas dar-se-á o inverso quando o corpo astral estiver desembaraçado do invólucro físico. O espírito reinará e poderá dar à plástica matéria ódica a forma que lhe aprouver. Vemos moribundos mostrarem-se telepaticamente na situação em que se achavam antes de deixar a Terra. O espírito do moribundo aparece, por exemplo, com a ferida sangrenta que lhe vai causar a morte próxima, e conhecem-se ainda outros fatos telepáticos em que os eflúvios ódicos exteriorizados assumem a forma que o pensamento do operador lhes imprime. Wesermann nos fala, por exemplo, das experiências que tentou para sugerir sonhos artificiais a ausentes.

Num desses casos aconteceu que a pessoa em vista ainda não se encontrava deitada e sim sentada no quarto com um de seus amigos. Wesermann tinha decidido que essa pessoa veria em sonho uma dama de seu conhecimento, e o resultado foi que o receptor e o seu amigo viram o fantasma dessa dama entrar no quarto, inclinar-se diante deles e logo desaparecer.

Seria, portanto possível que também o fantasma formado pelos eflúvios de um médium tomasse a forma de seus pensamentos. Papus conta o caso em que diversos experimentadores tomaram parte numa sessão espírita e viram um fantasma que em tudo dava a impressão de ser um “espírito”. Verificou-se, porém, que o fantasma não era mais do que o fac-símile de um quadro que o médium contemplara pouco antes e lhe causara viva impressão; os eflúvios do médium haviam conservado essa impressão. O corpo astral é sempre o agente único, tanto da força vital como da força organizadora, durante a vida e mais ainda depois da morte. Eis por que os eflúvios ódicos tomam a forma do agente. O doutor Teste adormeceu sua sonâmbula Rosália e, atendendo aos desejos dos assistentes, de que ela visse uma garotinha, olhou para uma cadeira vazia e nela depositou, por assim dizer, o seu pensamento. Fez entrar então, a sonâmbula, a qual declarou ver a pequem Hortênsia sentada na cadeira. O experimentador fez a sonâmbula sair novamente; pegou a cadeira, mudou-a ora para aqui, ora para ali, e por fim fez Rosália entrar de novo. Esta disse estar vendo seis garotinhas e indicou todos os lugares onde momentaneamente estivera a cadeira. Quando Teste lhe perguntou, durante o sono magnético, qual a causa do fenômeno, ela respondeu que ao deslocar a cadeira ele havia deixado por toda parte um rastro do seu fluido, embebido da forma da garotinha. Esse mesmo fenômeno, os eflúvios ódicos que tomam a forma do pensamento, deve ter o seu análogo no espiritismo. Encontramos toda uma longa série de fatos telepáticos, semelhantes ao mencionado, em que o moribundo mostra-se com uma ferida sangrenta. É ordinariamente o defunto que se revela a seus parentes em trajes característicos, ou que se faz reconhecer por alguns sinais particulares, identificadores do espírito com a pessoa que ele representa. Quando o médium dá

aos eflúvios a forma dos seus próprios pensamentos, o caso é de animismo.

Nos fenômenos de origem espírita o fantasma reveste forma, ou figura, absolutamente desconhecida do médium; mas estes casos implicam a necessidade de admitir que uma inteligência estranha passa manipular a seu talante os eflúvios do médium. Se verificarmos, além disso, que o médium é desconhecido dos assistentes, e que a fotografia tirada durante a sessão foi mais tarde reconhecida por pessoas não participantes da experiência, neste caso podemos admitir como provada a identidade da pessoa que se manifestou. Numa carta temos um símile disso. A letra pode ser parecida com a de um amigo nosso sem que a carta seja dele; só pelo sentido do texto podemos saber se a carta vem realmente desse amigo.

Aksakof nos dá um caso bem característico da identidade das forças psíquicas dos vivos com as dos defuntos, e que nos esclarece quanto ao ponto de junção entre o animismo e o espiritismo. Numa sessão realizada em Cleveland nos Estados Unidos, o médium falou em alemão, língua que desconhecia. O fantasma manifestante deu-se como a mãe de Miss Brent, uma das pessoas que assistiam à sessão. Ora, a mãe de Miss Brent residia na Alemanha, e tudo quanto disse confirmou no espírito da moça a convicção de tratar-se realmente de sua progenitora. Tempos mais tarde um amigo da família apareceu em Cleveland com notícias da Alemanha; contou que a mãe de Miss Brent, gravemente enferma ao tempo da sessão, havia caído em letargia, e voltando a si contara ter estado na América, onde falara com a filha num grande salão em que a viu rodeada de muitas pessoas. Se neste caso Miss Brent tem o direito de concluir pela identidade do fantasma com a pessoa de sua mãe, então Aksakof está certo ao dizer que essa verificação de identidade seria válida se o manifestante fosse um desencarnado. Ora, o espiritismo apresenta inúmeros casos deste tipo.

É preciso que insistamos sobre este ponto capital, que demonstra a identidade das faculdades dos vivos e dos mortos, e prova irrefutavelmente que o sonambulismo não é mais do que o

espiritismo deste mundo – e o espiritismo é o sonambulismo do Além.

O escritor russo Solowiew conta o que se segue: “Era quase meia noite quando, subitamente, senti em minha mão um impulso irresistível para escrever. Tomei de um lápis e pedi a uma senhora da minha amizade, ali presente, para fazer o obséquio de colocar a mão sobre a minha a fim de aumentar a força. Juntos escrevemos, então, o nome “Vera”. Perguntamos que Vera se manifestava e nos ditaram o nome de uma jovem parenta minha. Tínhamos estado durante algum tempo em relações tensas com a sua família, mas tudo se consertara. Ficamos espantados com essa manifestação e insistimos na pergunta se era mesmo Vera quem se comunicava. A resposta veio o logo: “Sim, estou dormindo, mas vim aqui dizer-vos que nos encontraremos amanhã no jardim de verão.” Solowiew não pensou mais no caso. No dia seguinte, entretanto, passou com um amigo pelo tal jardim, no qual entrou sem objetivo preciso, e lá encontrou Vera com a família. Indo à noite à casa de Vera, sua mãe contou-lhe que a filha se maravilhara, como de um milagre, ao vê-lo no jardim, porque pela manhã havia contado tê-lo visto em sonho e ter-lhe dito que se encontrariam às três da tarde naquele jardim. A experiência foi repetida e Vera anunciou sua visita para o dia seguinte, às duas horas. Temos aqui um caso de animismo absolutamente idêntico aos que se dão com os médiuns escreventes (Solowiew tivera ocasião de magnetizar Vera por várias vezes, de maneira que existia uma certa relação entre ambos). Perty e Marryat também contam vários casos de comunicações por meio da escrita automática entre vivos .

Encontram-se na História fatos de evocações de vivos. Porfírio conta de um sacerdote egípcio do templo de Ísis, em Roma, que evocou o “gênio” de Plotino, o qual, com efeito, apareceu em forma astral. Um empírico, de nome Schrepfer, em ciências ocultas, parece ter cultivado essa arte – conhecia-lhe os perigos. Também Albert de Rochas acentua esses perigos. Conta Horning que durante uma sessão espírita um dos presentes, que perguntara mentalmente se sua mãe, moradora a várias léguas, de lá podia se comunicar. Sem demora o médium escreveu automa-

ticamente algumas linhas que eram bem da letra da senhora – e o sentido traía a mentalidade dessa senhora. Em outra sessão evocou o espírito de um vivo, ao qual pediram para dirigir uma carta à família S.. Essa carta chegou, de fato, pelo correio. Não possuímos ainda sobre esta questão experiências em número bastante grande; mas no dia em que os fatos forem devidamente constatados, poderão ser de muita utilidade prática para os nossos juristas. No momento não aconselho isso, para que não se riam mim.

Kant formulou a suposição de que “a alma humana se acha, ainda nesta vida, ligada simultaneamente a dois mundos” e, falando do estado posterior à morte, disse: “Quando, afinal, a união da alma com o corpo físico cessar com a morte, a vida no Além não será mais do que a natural continuação da ligação que a alma teve com o corpo durante a vida cá em baixo”. Em outros termos: a vida inconsciente cá em baixo é a vida consciente do Além. A suposição de Kant, de que ainda na vida terrena sejamos “espíritos” (embora disso não se tenha a consciência cerebral) e que as faculdades ocultas dos espíritos são idênticas às faculdades ocultas dos vivos, constitui hoje fato constatado pela experiência, pois o duplo exteriorizado dos vivos e o espírito dos defuntos se manifestam de maneira idêntica, pelos médiuns escreventes ou falantes.

Outra prova de que a Psicologia transcendente não passa de continuação da Psicologia transcendental é o fato de que podemos despertá-las da mesma maneira. Para tornar mais claro o que digo é forçoso que, antes de qualquer coisa, comparemos o efeito da sugestão e da auto-sugestão dos sonâmbulos com o dos espíritos. A sugestão não difere de uma simples idéia pela sua essência, mas sim pela maior intensidade – que lhe dá a força motriz superior.

Somos de natureza polidéica; eis por que nossas idéias se acham em contínua luta pela experiência. A sugestão pelo contrário é uma idéia isolada que exclui qualquer outra que a embarace. Possuímos, portanto, em grau supremo a tendência inerente a toda idéia de realizar e tomar corpo. O monoideísmo segundo sugestão recebida se torna uma alucinação ou uma ilusão e se ela

contém o impulso para executar uma ação, não conhece absolutamente nenhum obstáculo nem influência contrária. Todas as forças e faculdades daquele que se encontra sob o jugo de uma idéia monoidéica concentram-se nesta. A mesma coisa acontece sob a influência da auto-sugestão. Essas idéias podem apresentar-se espontaneamente quando passamos de um estado para outro; é o caso, por exemplo, de quando ao adormecermos fixamos a atenção numa idéia que prevalece sobre todas as outras e somos levados pela consciência cerebral ao estado de sono. O processo realiza-se mais facilmente se a idéia for causada por uma emoção. Essa emoção exprime-se de modo diferente conforme a causa residir numa idéia abstrata ou numa idéia ativa, ou ainda nas duas ao mesmo tempo. Se alguém adormece preocupado com um trabalho intelectual que não pôde terminar, continuará esse trabalho durante o sono; e freqüentemente achará, sob forma dramatizada, a solução que procura. Uma boca estranha dar-lhe-á resposta à questão. É que a solução emerge do inconsciente e nossos sonhos dramatizados acham-se na fronteira entre o consciente e o inconsciente. Em tais circunstâncias sentimo-nos habitualmente muito confusos ao observar que o inconsciente, isto é, a força dramatizada, o pensador estranho, mostra-se mais avisado e inteligente do que o somos; suas respostas nos causam admiração e espanto. É que a consciência transcendental dispõe de faculdades de percepção mais extensas que as concedidas à consciência cerebral.

Quando uma auto-sugestão monoidéica se concentra numa ação a realizar, o adormecido torna-se sonâmbulo e traduz em ação o sonho. Acontece também que o pensamento e a ação se vêem estimulados ao mesmo tempo; observamos isso no sonâmbulo natural, que se levanta de noite para escrever um poema ou um discurso que havia concebido para o dia seguinte; e ainda naquele que rabisca um esboço ou que, ao despertar pela manhã, acha sobre a mesa, absolutamente pronta, a solução de um problema que o havia atormentado antes de adormecer. Exemplos desses casos são extremamente numerosos.

Em tais casos de possessão monoidéica as faculdades normais superexcitadas conservam-se em faculdades ocultas, que obser-

vamos nos sonâmbulos; também podem manifestar-se e isso sempre acontece quando não conseguimos realizar a sugestão pelos meios ordinários e insistimos em realizá-la a qualquer preço. A sugestão terapêutica, a mais freqüente, revela-se o mais forte agente das faculdades ocultas; estas, que não residem nem em nossa consciência nem em nossa vontade, conseguem dominar e dirigir a nossa vida orgânica quando estamos sob uma influência monoidéica.

Passemos agora aos espíritos – e veremos que também eles estão submetidos às mesmas leis psicológicas. Frequentemente acontece que um moribundo se acha monoideizado por um pensamento que leva consigo para o Além, onde esse pensamento conserva a sua força dominante. Todos nós sabemos de inúmeras narrativas sobre aparições em lugares onde um crime foi cometido e a voz do povo nos diz que o criminoso encadeia-se ao lugar do crime, como que para expiação. Mas a verdadeira explicação nada tem de metafísica: é psicológica.

A morte é para nós, mais ou menos, um salto nas trevas; e o criminoso moribundo, de consciência pesada e temerosa, talvez, do “fogo eterno”, monoideiza-se no mais alto grau e, depois de entrar no Além, transmite ao seu fantasma as sensações que experimenta. Pode muito bem suceder, portanto, que ele fique preso ao lugar do crime – não por ordem da “polícia transcendental”, mas simplesmente pela força psicológica da auto-sugestão. Isso em nada mudaria o fato se, por exemplo, o fantasma, tendo morrido com idéias metafísicas especiais, fizesse escrever numa sessão, pela mão do médium, que está sofrendo tortura como pena do seu crime. Essas comunicações são muita freqüentes, e nossos espíritos, não educados na Psicologia transcendental, baseiam-se nas confissões do fantasma como se fossem as verdades objetivas.

Os criminosos modernos, os anarquistas, por exemplo, não receiam nem o Além, nem o inferno; só tremem diante da justiça terrena. Mas o ocultismo lhes ensinará que os efeitos seguem-se à causa, e que suas ações terão conseqüências inevitáveis; porque, mesmo quando o criminoso moribundo não esteja monoideizado pelo remorso ou pela voz da consciência, inevitavelmen-

te encantara a vítima no Além – a que ele mesmo monoideizou –, despertando nela sentimentos de ódio e vingança; estes, reforçados pelas faculdades ocultas, serão mobilizados para perseguir o malfeitor – o que por certo será um castigo infernal. Do exemplo que citei noutra lugar e referi nas memórias de meu pai, vê-se o quanto esse castigo pode ser longo. Kerner conta o caso de um fantasma encadeado ao lugar onde havia enganado uns órfãos por alguns vinténs.

Podemos tirar deduções metafísicas desses fatos, reveladores de que até mesmo pequenas faltas, se na hora da morte forem vivamente sentidas, transformam-se em idéias monoidéicas no Além. Certa moça, que dormia num quarto mal-assombrado, viu o fantasma de uma mulher idosa a inclinar-se sobre ela como quem fizesse esforço para falar. Meses depois essa moça esteve numa sessão espírita, em que se manifestou o espírito de uma mulher de nome Sarah Clarke, outrora criada em casa de uma sua tia. Esse espírito confessou que em vão tentara comunicar-se com ela no quarto mal-assombrado, a fim de confessar os furtos que cometera em casa de sua tia, os quais descreveu com pormenores, e também lhe pedir a intercessão perante a tia para que a perdoasse. Em consequência dessas revelações a vítima dos furtos perdoou sinceramente as faltas de Sarah. Desde então, nunca mais houve manifestação nenhuma no quarto mal-assombrado.

Admitamos que um desencarnado peça que se digam missas pelo “repouso” de sua alma. O católico, presente à sessão, considera a comunicação como autêntica, pois que nela vê uma confirmação de sua fé, a qual lhe diz que as missas para os mortos, afora o valor indiscutível que têm para os cofres da Igreja, significam ainda uma vantagem metafísica para o defunto. O livre-pensador presente à mesma sessão, e que se ri das missas, encara a comunicação como falsa, e nela só vê a obra do médium. Os dois se enganam. A comunicação pode, perfeitamente, ser autêntica, não obstante o estranho desejo que exprime. Pode-se dar muito bem que o moribundo, presa do temor no momento de deixar a terra, tenha pensado nas missas a rezarem-se pelo repouso de sua alma e com essa auto-sugestão se foi para o

Além. Conta Eusébio que a mártir Portamiana apareceu depois da morte a vários pagãos e exortou-os a se converterem. Como não se pode imaginar um mártir sem um profundo monoideísmo, admito de boa mente a veracidade da história – mas evitarei tirar conclusões teológicas.

Chardel conta de um fantasma que a bem de sua alma pediu que se fizesse uma peregrinação que ele outrora prometera e não pudera executar. Pouco tempo depois exigiu que se dissessem missas pelo repouso de sua alma; indicou o lugar onde se acharia o dinheiro, onde de fato foi este encontrado. Stilling cita que o fantasma, quando vivo, havia tomado de empréstimo chapas de lanterna mágica, e não pudera devolver. Exigia agora que as entregassem ao proprietário. Temos de explicar todos esses casos psicologicamente, porque nada têm que ver com o regime do além. Os espíritas que, baseando-se nas revelações dos fantasmas, arranjam e pintam o Além de acordo com essas comunicações, faz dele um lugar tão lamentável que se torna preferível o Céu pintado pelos capuchinhos. Há, certamente, casos em que o remorso que os defuntos levam para o Além corresponde à importância do crime cometido; o que prova que a voz da consciência é bem a voz do nosso *eu transcendental*. Kant já o disse.

Muitos relatos sobre almas do outro mundo nos dariam uma idéia totalmente errônea do Além, se nós os não analisássemos psicologicamente. Gorres observou que as histórias de almas do outro mundo se referiam com muita freqüência a acontecimentos ocorridos no instante da morte; e daí concluiu sobre a existência de uma relação entre o momento da morte e a causa da manifestação.

É justamente o que acontece quando pessoas morrem asoberbadas por monoideísmos de que não puderam desembaraçar-se. Gorres conta o caso da criada de má conduta que havia injuriado o padre da aldeia e antes de morrer quisera pedir-lhe perdão, mas morreu antes disso. Logo depois de sua morte a casa do padre ficou mal-assombrada, com fenômenos extraordinários que se deram por três meses. Outro caso desse gênero aconteceu com a vidente de Prévorst. Um fantasma apareceu e mostrou uma folha de papel coberta de números e – o que é extraordiná-

rio – a vidente explicou o fenômeno psicologicamente como um monoideísmo que o defunto levava consigo ao morrer. O defunto desejava conversar com sua mulher a respeito daquelas notas, mas como não esperava morrer tão subitamente, levou-a com a alma ao morrer, como se fosse parte do seu corpo. Morreu com a idéia fixa na folha de papel, levou este pensamento para o Além – e é isso que ainda o prende a este mundo e não lhe dá repouso. A vidente não vira, nem conhecera o defunto, mas o pintou tão exatamente que o tornou reconhecível. Durante o sono magnético a vidente transportou-se para o lugar onde a folha devia achar-se e onde de fato foi encontrá-la.

Paracelso já dissera que as almas penadas eram pessoas mortas em fortes agitações causadas por ódio ou pela sede de vingança. Essas paixões facilmente produzem um monoideísmo que evolui e causa a aparição das almas penadas. Um certo Peraud fora o responsável por uma mulher perder a casa; no momento da morte essa mulher desejou vingar-se atormentando o novo proprietário, e a casa, com efeito, ficou mal-assombrada. Goethe conta caso análogo na Palestra dos emigrados. O que diz sobre a cantora italiana Antonelli é real, mas a verdadeira heroína foi a célebre atriz francesa Clairon, que, morta em 1803, citou o fato em suas Memórias. Clairon tinha um adorador de quem não gostava, e recusou-se a ir vê-lo no momento da morte. A criatura morreu exclamando num acesso de desespero: “Bárbaro! Hei de persegui-la depois da minha morte com tanta insistência como em vida!” Essas perseguições duraram dois anos, o tempo que havia durado as relações entre ambos. Às vezes era um grito penetrante que ela ouvia e que também era ouvido pelos íntimos; outras vezes, estrondo semelhante a disparos de arma de fogo; ou então aplausos como os que o defunto ouvira no teatro quando Clairon representava; e, finalmente, sons como o eco da voz que o enlevara outrora.

Os freqüentes casos em que as vítimas voltam para revelar o crime têm explicação idêntica. É que o terror, o ódio e a vingança dão lugar a verdadeiros monoideísmos. Há o caso do juiz De Ségur, de Toulouse. Certa vez, voltando de Paris, se viu obrigado a pousar num albergue de aldeia. Durante a noite apareceu-lhe

um fantasma coberto de sangue, contando que o seu próprio filho o matara, cortara-o em pedaços e enterrara-o no campo.

E pediu ao juiz que desse ao assassino o castigo adequado. Feita a investigação, foi verificada a realidade dos fatos e o criminoso recebeu a punição. Poderão alegar que não se trata aqui de um caso de espiritismo, mas simplesmente dramatização de um sonho retrospectivo. O prosseguimento da história prova o contrário. A vítima apareceu de novo ao juiz, perguntando de que maneira podia demonstrar-lhe a sua gratidão. “Avisando-me da hora da minha morte, para que possa preparar-me”, respondeu o juiz.

O fantasma prometeu avisá-lo com oito dias de antecedência. Anos depois alguém bateu de noite à porta do juiz, com veemência, mas não foi visto ninguém. Depois de novas pancadas, De Ségur em pessoa atendeu e viu o fantasma, o qual lhe anunciou a morte dentro de oito dias. Efetivamente, o juiz foi morto em sua própria residência por um amante da criada, que o confundiu com um rival.

A história das almas penadas com freqüência menciona fantasmas às voltas com tesouros enterrados. Os tesouros têm, de fato, muita força para fascinar os últimos pensamentos de um moribundo. Stilling nos conta do fantasma que aparecia a um moço, conjurando-o a cavar o chão em certo ponto, num prado, pois que lá havia dinheiro. Neste caso é o próprio fantasma que aplica a teoria do monoideísmo, dizendo não ter repouso por ter estado preso a esse pensamento na hora de morrer. Outro aspecto interessante é o do fantasma comportar-se, com referência aos seus eflúvios ódicos, como o faria um vivo. O rapaz resistiu-lhe à suplica, e diante disso “o fantasma fez jorrar fogo da ponta dos seus dedos”. Exatamente o que Reichenbach observou com os sensitivos vivamente emocionados. Pequenos detalhes característicos, como esses, confirmam, para o conhecedor, a verdade do relato – ao passo que para o cético significam apenas acessórios filhos da imaginação fantasista.

É, portanto, verdade que os monoideísmos concebidos no momento da morte e levados para o novo estado do Além lá se traduzem em ações da mesma forma que os monoideísmos

artificiais sugeridos por um hipnotizador como ordem pós-hipnótica. O paciente, que recebe essa ordem durante o sono hipnótico, tudo ignora, absolutamente, ao despertar; mas quando chega a hora fixada para a execução da ordem, executa-a como um autômato, sem lembrar-se do motivo que o faz agir. A mesma coisa deve acontecer com o defunto. Prossegue no impulso recebido do seu monoideísmo, sem que isso influa no seu modo de existência no Além. O fenômeno explica o estado sonhador e sonolento que observamos na atitude dos monoideizados, quer se trate de um sonâmbulo natural, de um hipnotizado, de um duplo exteriorizado ou do fantasma de um desencarnado. Podemos dizer, psicologicamente falando, que o mais importante para um moribundo não é passar da vida para a morte, como não é, para o hipnotizado passar do sono para o despertar. Só a nossa ignorância provoca o terror inspirado pela morte.

Citemos um exemplo: um tal Son Stromberg morreu em New-Stockholm, Canadá, a 31 de março de 1890, deixando mulher e três filhos. Suas últimas palavras ao padre que o assistiu foram pedindo que advertisse à esposa para comunicar sua morte aos parentes que ele tinha em Jemtland, na Suécia. Por falta de endereços, entretanto, a viúva nada fez – e o defunto comportou-se como era de esperar, em vista do monoideísmo com que se fora para o outro mundo. Três dias depois do falecimento, a 3 de abril de 1890, uma senhora em casa de Mr. Fiedler, em Gotemburgo, na Suécia, escreveu automaticamente estas palavras: “Son Stromberg.” Mr. Fiedler achava-se então na Inglaterra e só teve conhecimento do fato a 2 de junho. Dias depois promoveu em sua casa uma sessão espírita em que tomaram parte Aksakof, Butleroff, o general Galiano, o dr. Eliot e Mr. Fiedler, mais a família. Enquanto conversavam sobre fotografias espíritas, ocorreu automaticamente a seguinte comunicação, de um espírito que dizia ter-se desencarnado na América: “Stromberg pede que comuniquem à sua família que ele morreu a 13 de março – não, está errado, no Wisconsin – não, creio que também está errado. Esqueci-me de declarar que ele falou ter vivido em Jemtland – não! não é isso. Há nesta terra algum lugar que se denomine assim? Em suma ele morreu em qualquer parte e

deixou meia dúzia de filhos – está errado – e uma mulher, todos vivendo na América.” Os assistentes pediram ao manifestante que lhes desse o endereço da viúva de Stromberg – e a comunicação prosseguiu: “Não, ele morreu na América, mas seus pais vivem em qualquer ponto aqui nesta terra. Não guardei o endereço, vou procurar amanhã. Não pensei nisso.” Os assistentes voltaram ao assunto das fotografias e estavam a debater quando foram interrompidos por outra comunicação na qual se pedia para se reunirem no dia seguinte, pois o próprio Stromberg iria aparecer.

No dia seguinte, quando no decorrer da sessão foi descortinada a cabina, os assistentes viram com muita nitidez, ao clarão do magnésio, o médium sentado em transe e, por trás dele, a cabeça e os ombros de um homem estranho. Pela escrita automática soube-se que o desconhecido era Stromberg, e os erros da comunicação precedente foram corrigidos. Nessa nova comunicação Stromberg declarou que não nascera no Wisconsin, mas em New-Stockholm; que não morrera a 13 de março, mas a 31; que seus pais não se achavam em Jemtland, mas em Jemtland é que ele tinha três filhos.

Reportando-me ao relatório de Mr. Fiedler, tenho ainda de frisar que as informações tomadas confirmaram a exatidão das comunicações, e que a fotografia do fantasma de Stromberg, enviada para a América, foi reconhecida como muito semelhante. Apenas Stromberg não usava a barba ao modo da fotografia. Esta observação é de muita importância para o estudo das materializações. Numa amputação o paciente tem o sentimento da integridade do membro amputado; o sonâmbulo, presente à amputação, vê o membro intacto depois da operação; e o magnetizador pode agir sobre o membro fluídico. No presente caso vemos que a barba, cortada por Stromberg enquanto vivo, existia, de qualquer forma, no seu estado astral. Todos esses fenômenos provam que o corpo astral é o verdadeiro portador da força vital, e que não se ressentem da perda de um membro mais do que da perda do corpo inteiro. Notemos ainda, no caso mencionado, o quanto o espírito comunicante se revela terreno. Permanece embrulhado como em vida e a morte nada muda no seu caráter.

No segundo dia ele trouxe Stromberg, o qual continua sob a impressão da idéia fixa que o assoberbava antes de morrer. Como a passagem da vida para a morte parece insignificante e como a vida no Além se assemelha à nossa!

Acabo de frisar, linhas acima, que o sonâmbulo procura converter idéias em ação, quando é impressionado pela forte auto-sugestão que o atormenta. Se, portanto, a passagem da vida para a morte é de tão pouca importância, seria perfeitamente natural admitir que um semelhante monoideísmo não pode ser anulado nem mesmo pela morte. O caso seguinte tende a prová-lo. Um operário sem instrução, de nome James, residente na América, que só freqüentara escola até a idade de 13 anos, observou, por acaso, em 1872 que possuía notável dom para a escrita automática. No mês de outubro do mesmo ano escreveu uma comunicação dirigida a si mesmo e pretensamente advinda de Charles Dickens, morto na Inglaterra em 1870; Dickens pedia-lhe para dedicar todo o seu tempo, a partir de 15 de outubro, ao recebimento de um seu romance inacabado, "*The mystery of Edwin Drood*". Esse romance, assim completado por meio da escrita automática de um homem sem instrução, foi impresso em Brateborough, em 1873. Um dos grandes jornais de Nova York abriu um inquérito sobre o livro, no qual foi constatado que quanto às figuras típicas, ao estilo, ao meneio característico das frases, até mesmo quanto à ortografia, bem como à descrição minuciosa dos logradouros de Londres, tudo se casava perfeitamente com a primeira parte da obra de Dickens, feita em vida. Outras notaram diferença no estilo – mas nada há de extraordinário em que as produções inspiradas sejam de leve tingidas pelo espírito do médium. Quanto a mim, pessoalmente, não posso emitir opinião; a edição do livro está esgotada; não pude obtê-lo. Mas quando julgo psicologicamente o caso, levo minha atenção para o fato de que Dickens, tendo trabalhado na obra até duas horas antes da morte, muito provavelmente levou esse monoideísmo para o Além; porque as poucas horas que separam um estado do outro e a ínfima importância que representa a passagem da vida para a morte não teriam podido influenciar o seu operoso espírito mais do que o faria o simples descanso de uma noite terrestre.

As condições em que os monoideísmos, as auto-sugestões e as sugestões estranhas ocorrem são, portanto, idênticas para os sonâmbulos e os fantasmas. Se eu der a um hipnotizado ordem pós-hipnótica para vir visitar-me dentro de oito dias, ele o fará sem perceber a causa que o leva a agir. Se, igualmente, eu suggestionar um moribundo a mostrar-se dentro de certo prazo num lugar determinado, ele levará consigo a sugestão e a realizará. Não foi tentada ainda essa experiência nos numerosos casos de amigos que vieram mutuamente mostrar-se depois da morte; em muitos desses casos a promessa foi cumprida. Vários casos assim encontram-se nos *Fantasmas dos Vivos*. O mais freqüente, é que não se realizem, mas as exceções confirmam a regra. Porque tais promessas só podem tornar-se monoidéicas se forem feitas no leito de morte ou, pelo menos, se forem recordadas pela memória nesse momento supremo. Isso é raro, porque no momento de deixar a Terra, em geral nos preocupamos de coisas muito diferentes.

Quando Estela, esposa de Livermoore, em Nova York, sentiu-se prestes a morrer, diante da dor do marido exprimiu o desejo ardente de aparecer-lhe depois da morte. Nem um nem outro admitiam o espiritismo – e pois consideravam a separação como eterna. O médico da família tocou no espiritismo para Livermoore, que não lhe deu atenção. Como, todavia, tinha esse médico em grande conta, decidiu-se um dia a acompanhá-lo à casa da médium Kate Fox, tão celebrizada mais tarde pelas experiências feitas com Willian Crookes. As sessões realizaram-se em quatro casas diferentes, com Livermoore quase sempre a sós com a médium. Durante uma das sessões, uma série de pancadinhas ditou estas palavras: “Aqui estou presente, como prometi.” Em seguida uma bola de fogo apareceu, crepitante, e logo tomou a forma de uma cabeça coberta de véu; em seguida a forma toda de Estela fez-se visível. Livermoore não largou as mãos da médium durante todo o tempo da transformação. O fantasma apoiou a cabeça nos seus ombros, com os cabelos a lhe cobrirem o rosto. Permaneceu visível por meia hora. Passou diante de um espelho e foi vista a sua imagem refletir-se nele; não podia, portanto, ser caso de alucinação. Tendo desabado uma chuva forte, o fantasma

de Estela declarou que não podia persistir em vista da mudança do tempo. Livermoore tomou parte em 388 sessões, no decurso de seis anos, e por 16 vezes viu a forma de Estela.

Schlichtergroll, em sua necrologia do ano de 1795, nos conta um caso interessante, que prova poderem os fantasmas provocar sonhos artificiais, exatamente como o fazem os vivos por meio das forças ocultas. Um tal Klockenbring perdeu, em Hanover, no ano de 1776, seu amigo Strube. Eles haviam conversado com freqüência sobre a vida no Além e prometeu-se mutuamente que o primeiro a morrer apareceria ao sobrevivente. Logo depois da morte de Strube, Klockenbring sonhou que lhe entregavam uma carta de Strube em que lhe dizia: “Caro Klockenbring, há, efetivamente uma vida depois da morte; mas é complementemente outra e bem melhor do que a que imaginamos. Adeus!” Mais abaixo, em *post-scriptum*: “Não creia que é um sonho que está tendo; eu prometi dar notícias depois de minha morte e este é o único meio de que disponho para comunicar-me”.

Lorde Brougham conta em suas memórias que ele havia feito um pacto semelhante com um dos seus colegas de Universidade. Mas o amigo partiu para as Índias e Brougham o esqueceu completamente. Certo dia, quando tomava banho, apareceu-lhe a fantasma do amigo, e Brougham desmaiou. De volta a Edimburgo, recebeu carta anunciando a morte desse amigo, ocorrida no dia em que Lorde Brougham viu o seu fantasma. É evidente que no instante da morte o amigo se recordara da promessa. Os casos dessa ordem são ainda relativamente raros; não, talvez, porque os moribundos não se recordem das promessas, mas porque as condições de visibilidade são difíceis de obter.

Se, portanto, vemos as auto-sugestões dos moribundos se realizarem depois da morte é que há, sem dúvida nenhuma, uma força tendente a manifestar-se, inerente a cada pensamento, como observamos ao estudar as forças psíquicas dos vivos. Isso não prova, todavia, que o estado psicológico do defunto se reduza exclusivamente a obedecer ao seu monoideísmo. Este não passa de um fenômeno acessório, como a execução de uma sugestão pós-hipnótica no decorrer da vida quotidiana. É mesmo duvidoso que a consciência do defunto tome parte na realização

do monoideísmo, da mesma forma por que um sonâmbulo natural não tem consciência do trabalho que executa durante o sono. O monoideísmo de uma pessoa pode conduzi-la ao Além durante o sono normal, isto é, podem libertar-lhe as faculdades ocultas sem que a consciência cerebral disso tenha noção; assim como o monoideísmo de um “espírito” pode conduzi-lo à terra sem que a consciência tome conhecimento de tal coisa. A realização de um monoideísmo póstumo não passa, talvez, de um sonho do espírito.

O estado psicológico dos defuntos não pode tornar-se para nós um fato experimental – ao menos no presente –, uma vez que os pensamentos dos defuntos não estão destacados da Terra e para lá se voltam algumas vezes. Mas muitas coisas ocorrem na alma do defunto, das quais não temos nenhum conhecimento. Não podemos, nessas condições, tirar conclusões definitivas sobre a sua sorte, nem sobre o seu gênero de vida no Além, com base nas observações defeituosas de que dispomos. Nisso reside o erro mais grave dos espíritas. Em lugar de ter o espiritismo como um ramo do ocultismo, eles estudam unicamente esse ramo e suas opiniões sobre o Além se baseiam exclusivamente nos ensinamentos assim adquiridos. Mas esse ramo não basta nem mesmo para explicar os chamados “fenômenos físicos”; porque um fantasma que regressa a um meio que não mais responde à sua natureza acha-se limitado nos seus movimentos pelas leis físicas reinantes nesse meio. Não possuímos, portanto, um espiritismo que nos dê a chave do Além; temos apenas um espiritismo que nos informa sobre os fenômenos que interligam os dois mundos.

O filósofo Hartmann também cometeu o erro de querer explicar o Além exclusivamente pelo espiritismo. É que só conhecia esse ramo do ocultismo – no qual, entretanto, nunca tentou experiências pessoais.

No opúsculo em que trata da questão, Hartmann pinta um quadro horrível do Além, tal como seria se os fenômenos espíritas fossem o resultado de manifestações dos espíritos, e atribui depois ao espiritismo a fantasmagoria que ele próprio criou. Mas tal conclusão é exclusivamente de Hartmann. Ele parte do prin-

cipio errôneo de que os seres do Além podem comportar-se em nossa esfera tão livremente como na deles, e considera as idéias que ainda os prendem à Terra como sendo toda a sua vida consciente. De acordo com a lógica de Hartmann, devíamos também admitir que as pancadinhas são os únicos meios de comunicação dos espíritos, mesmo no Além, ao passo que, na realidade, elas são apenas um meio rudimentar utilizado pelos espíritos para entrarem em relação com este mundo, no início das manifestações. Se aplicarmos essa lógica aos nossos meios de comunicação terrestre, os europeus teriam de considerar os americanos como mudos, pois que estes empregam apenas leves toques elétricos para se comunicarem conosco através do oceano. A fim de termos idéia da língua real do Além, cumpre-nos consultar outros ramos do ocultismo, e veremos logo a transmissão do pensamento entre os homens dotados de faculdades ocultas. Seria essa, sim, uma linguagem digna dos fatos. O mesmo se dá com todas as conclusões que Hartmann tira do espiritismo; são falsas porque se baseiam na maior ignorância do assunto.

É provável que no mundo dos espíritos existam gradações intelectuais e morais, como vemos na Terra, porque a morte não nos transforma em santos ou gênios. A probabilidade é de haver espíritos ignorantes e sábios; os que conheçam as forças do seu elemento e os que as desconheçam, tal como entre nós na Terra. Não podemos, portanto, esperar vê-los informados por inspiração, sobre as condições que lhes permitam agir em nossa esfera. Aqui mostrar-se-ão tão desajeitados como os sonâmbulos que se servem de suas faculdades ocultas. É certo que podemos transportar-nos para Além, pois que somos espíritos, mesmo quando ainda em condição terrena, mas como espíritos que não têm consciência de tal coisa, nem sabemos nos servir dessas faculdades.

No fundo, os dois mundos ainda estão absolutamente separados. Eis porque o espiritismo atual tem tanto de indefinido, de defeituoso, de obscuro, de confuso. Podemos considerá-lo um ensaio elementar do que há de servir de começo para a união final dos dois mundos. O progresso deve ser favorecido dos dois lados, com os espíritos a trabalharem na tarefa tanto quanto nós.

Mas até agora ainda não foi feito nenhum grande esforço nesse sentido, nem cá, nem lá.

Os cépticos erram, todavia, em pretender que os espíritos se comportam ingenuamente. Esses cavalheiros começam por negar a existência dos espíritos, depois nos dizem como eles deveriam ser, se existissem. Desse modo qualificam o não ser! Para julgar os espíritos é forçoso lembrarmo-nos de que eles se acham restringidos em seus movimentos por leis físicas que os impedem de ampliar o campo de ação. Quanto às ingenuidades intelectuais das comunicações, efetivamente muito comuns, nisso apenas vejo prova de que são o produto de mortais desencarnados, já que a tolice é ainda o que prevalece neste mundo.

Enquanto o espiritismo permanecer em tentames, as mentalidades sérias evitarão tirar conclusões como as de Hartmann. Para julgar o quanto tais conclusões podem ser errôneas, basta considerar os fenômenos tão enganosos, e tão freqüentes, que formam o que se denominou o “teatro das almas penadas”. São cenas da vida de um espírito que se repetem sempre sob o mesmo aspecto e sempre com os mesmos personagens.

Admitamos que uma infanticida apareça por várias vezes no lugar do crime, trazendo o filho morto nos braços. Segundo a teoria espírita de Hartmann, a assassina estaria encadeada ao lugar do crime; mas por que também o filho inocente?

O espírita razoável diria que a culpada, tendo morrido com o monoideísmo do crime, faz com que essa idéia fixa tome formas póstumas e se repita com todos os pormenores que se gravaram em sua consciência, entre os quais a criança teria, naturalmente, o primeiro lugar.

Encaremos um caso mais complexo. Um castelo mal-assombrado no Saxe, que pertencera ao conde de Goldstein, possuía um velho apêndice onde, segundo repetidos relatos, cenas trágicas se apresentavam automaticamente – um fidalgo que surpreendia a filha com o amante e os apunhalou. De acordo com a lógica de Hartmann, o espírita seria obrigado a admitir que esses tais personagens estavam condenados a representar aquela cena, naquele lugar, durante séculos consecutivos. A

explicação racional é mais simples. Basta que um só agente tenha conservado a lembrança da cena e, pelas suas faculdades ocultas, que tendem a realizar as impressões monoideizadas, elas reproduzam as reminiscências, ainda e sempre sob forma dramatizada. Na magia, tanto entre os fantasmas como entre os vivos, é sempre o espírito que tem o primado.

A melhor prova de que é bem essa a boa explicação sobre a causa do “teatro das almas penadas” está no análogo da magia operada pelos vivos, quando, por exemplo, um homem que se afoga aparece aos parentes todo a escorrer água, e estes ouvem o bramir do furacão – rumor que ficou gravado na consciência do moribundo.

Encontramos ainda em Daumer um caso desse gênero. Uma senhora planejou uma viagem em companhia de uma parenta, que viria procurá-la de carro às 4 horas da manhã. A senhora esperava a companheira, quando de repente ouviu o tropel de cavalos e o rodar de um veículo que parava diante de sua casa. Ouviu a porta abrir-se, os passos da parenta e o roçar do vestido. A criatura entra-lhe no quarto, mas permanece silenciosa, não a saúda, não responde a nenhuma pergunta, e desaparece. Uma vista d’olhos à rua revela nenhum sinal da carruagem. Ao nascer do dia chega um mensageiro com carta dessa parenta, escusando-se de não ter vindo. Temos aqui um bom caso de telepatia, favorecido pelo estado do espírito da receptora, tensa pela expectativa, no qual se mostra uma pessoa a dramatizar suas idéias, a lhes dar forma plástica, acompanhada de manifestações físicas. O mesmo acontece no “teatro das almas penadas”. As cenas só têm realidade na consciência do agente, e por isso esses fenômenos nada provam quanto à vida futura. As conclusões de Hartmann são completamente ilógicas.

Ainda aqui podemos constatar, comparando dois fenômenos, que as faculdades dos vivos e dos defuntos são idênticas. É por isso que o homem, quando se utilizam as faculdades ocultas, não age com o seu corpo físico, e sim com o astral – e assim nos dois casos. Daí a dificuldade de discernir entre os casos anímicos e os espíritas. Mas ainda uma vez repito que, mesmo no caso de darmos a maior amplitude ao animismo, não podemos dispensar

o espiritismo. Ainda admitindo que as experiências ocultas se possam explicar pelo animismo, aconteceria que a *anima*, tal como a concebem os nossos fisiologistas, não as explicaria. A *anima* que fosse capaz de no-las explicar seria um espírito – e poderíamos, então, tirar as conclusões sobre a vida futura estudando-lhe o funcionamento.

Os fenômenos anímicos só podem produzir-se por meio de uma alma dotada de forças mágicas, capaz de separar-se do corpo e, por conseguinte, que sobrevive ao corpo. Seria, portanto, imortal. Dessa maneira o espiritismo transcendental existiria mesmo que dele não tivéssemos prova nenhuma. Mas é muito provável que possamos tê-las; porque as funções ocultas dos vivos, produzidas pelo corpo astral, são tanto mais intensas quanto mais a vida física se suprime; e quando a supressão é completa, no momento da morte, é lógico que o corpo astral ganhe a máxima liberdade de ação. Essa é a razão dos fatos espíritas terem sido observados em todos os tempos e em todas as nações.

Quem admite a realidade do animismo – como é o caso de Hartmann, está obrigado, logicamente, a admitir a individualidade metafísica. Isso nos liberta inteiramente do materialismo – e Hartmann poderia, no máximo, trocá-lo por um panteísmo “doublé” de individualismo. Impelido pelas concessões que se viu forçado a fazer, Hartmann destruiu o seu próprio sistema, e sua tentativa para colocar a animismo no lugar do espiritismo abortou. Podemos, com efeito, dizer que o animismo, isto é, as manifestações das faculdades ocultas do corpo astral exteriorizado, já é espiritismo. Tal conceito já era admitido por Confúcio, o qual reconhecendo o monoideísmo como a alavanca das faculdades ocultas, disse: “Aquele que emprega a sua vontade sem distração, torna-se espírito pela concentração.”. Eis porque o animismo não cessa com a morte, nem com ela começa o espiritismo; ambos são um e outro, ora cá em baixo, ora no Além.

Mas é tempo de que o espiritismo saia do período das simples representações para entrar no da experimentação científica, da qual nós mesmos comporemos o programa. Se pessoas sem nenhuma noção da Física entrassem num laboratório para fazer

experiências, é claro que a Física poucos frutos tiraria. O resultado não será mais favorável se simples curiosos se reúnem para assistir a uma sessão espírita, limitando-se a constatar os fenômenos. Esses fenômenos podem ser de alto interesse, mas, não tendo estudos a respeito, os assistentes não sabem como explicá-los.

Em nenhum ramo da Ciência, simples observações bastam. É preciso, pelo contrário, que experimentalmente dirijamos perguntas à natureza forçando-a a responder. No caso vertente a experimentação exige, logo de início, um estudo comparado do sonambulismo e do espiritismo; encontrar-se-á um paralelismo de fenômenos, mas ainda com muitas brechas, porque dos dois lados há um excedente de fenômenos que não se enquadram na série. É difícil imaginar a razão de haver um excedente de forças na série do animismo, revelando aos sonâmbulos faculdades que os espíritos não possuem. Uma vez que a morte não nos priva das faculdades ocultas e, muito pelo contrário, as acresce, o excedente das forças deveria estar do lado espírita. As soluções virão um dia, quando pudermos experimentar a qualquer tempo, mediante a exteriorização artificial do corpo astral. O corpo astral constitui o agente dos dois lados; poderemos, portanto, preencher a lacuna de um dos lados pelo excedente do outro. Se encontramos no sonambulismo funções nunca observadas nas sessões espíritas e vemos no espiritismo fenômenos nunca observados nos sonâmbulos, é porque os experimentadores nunca tentaram verificar o ponto. Se nossa Psicologia transcendental estivesse adiantada e se estivesse completo o nosso material espírita, então verificaríamos que os fenômenos se correspondem dos dois lados e apresentam uma riqueza susceptível de esclarecer as trevas ainda reinantes sobre a vida futura.

Não apenas a Psicologia, mas todas as ciências naturais lucrariam com essa maneira de experimentar. As inteligências do Além, seja qual for a sua natureza, só podem manifestar-se em nosso mundo físico de acordo com as leis físicas – e estamos longe de conhecer todas essas leis.

A palavra “impossível”, que hoje nos disparam quando falamos em experiências espíritas, mostra apenas que as leis conhe-

cidas não bastam para explicá-las: Tais experiências, portanto, dependem de leis que ainda ignoramos. Mas como não há nada impossível fora das matemáticas puras, a palavra “impossível” não existe para um fisiologista, que tudo faz depender exclusivamente da experiência. O fisiologista só pode criticar os métodos de investigação. Assim que constate um ato, não tem mais o direito de usar da crítica: terá, pelo contrário, de confessar que se acha diante de uma lei nova, a qual originou um fenômeno real e, portanto, possível.

Na boca de um fisiologista a palavra “impossível” torna-se um vício intelectual; ele pode apenas admitir que o fenômeno foi mal observado, ou desnaturado na apresentação. Se os casos não encontram explicação, ele deve ter o ânimo de capitular diante do fato, o que não lhe será difícil se é homem sem a pretensão da onisciência. Mas sob esse aspecto o Papa, infelizmente, tem muitos colegas entre os sábios...

O espírita que não se baseia na Ciência e na soberania da lei de causalidade escorrega para a superstição; e o fisiologista que nega *a priori* descamba para a incredulidade intransigente, da qual são sabidas as funestas conseqüências na história do pensamento humano.

O fisiologista deve reconhecer que o mais inacreditável fenômeno precisa, de qualquer maneira, basear-se numa lei da natureza, porque seu dever número um é ser inimigo declarado do milagre – razão para que os fisiologistas, se tivessem consciência da missão que lhes incumbe, fossem os mais assíduos freqüentadores das sessões espíritas. Os fenômenos nela observados não podem ser milagres; logo, devem caber dentro de uma Física que não conhecemos. Essas sessões, portanto, deviam interessar-lhes no mais alto grau. Poderiam lá estudar enorme massa de fenômenos, com que enriqueceriam os seus conhecimentos e ampliariam a sua visão científica. O fisiologista que se abstém de freqüentar essas sessões empaca na entrada de um domínio que é seu.

Os fatos são tanto mais instrutivos quanto menos se enquadram nas nossas teorias. O espiritismo não se enquadra nelas; mais uma razão, pois, para estudá-lo. Temê-lo constitui erro

grave. Não é o sobrenatural o que lá acharemos; sim, apenas, o transcendente; não depararemos milagres, mas tão somente causalidades desconhecidas; nada de misticismo, somente o inexplorado. E em vez, mesmo, de metafísica, teremos metapsíquica.

O desenvolvimento histórico da questão da imortalidade mostra-nos que os povos civilizados, partindo de uma profunda convicção religiosa, chegaram, em nossos dias, à incredulidade quase geral. Isso demonstra que não foi satisfatória a solução do problema. Enquanto a humanidade se contentava com a Religião que a Igreja ensina, razão havia necessidade de provas; os dogmas bastavam.

A Ciência, porém, desenvolveu-se e entrou em conflito com a Religião; alguns séculos bastaram, como Draper o demonstrou, para a queda do dogma e o triunfo da Ciência. Mas diante desses problemas a Ciência tem um dever que absolutamente não provoca conflito. Ela sustenta que o dogma não tem cabimento porque a verdade não é para ser crida, sim para ser provada. É certo que a Igreja nega à inteligência humana capacidade para conceber os mistérios cristãos, colocando-se no ponto de vista de Tertuliano, relativo à ressurreição de Cristo: impossível, portanto certa – *Certum guia impossibile*. Mas a humanidade foi pouco a pouco se habituando à alimentação mais substancial que a Ciência lhe dá, e não mais se contenta com o *Credo quia absurdum*. O homem pede hoje conhecimentos exatos, mesmo que seja preciso sacrificar o que temos como verdade; e entra num desses períodos de transição em que o dogma é repelido antes que a Ciência lhe dê substituto.

Nisto estamos em nossos dias: O tio que, despedindo-se do sobrinho, matriculado em Teologia, lhe diz: “ Quando tiveres encontrado uma certeza absoluta, manda-me sem tardança” deu numa frase a opinião do homem moderno sobre a Teologia.

Respeitamos a elevada moral do Evangelho; mas já não nos interessamos por questões teológicas, nem pelas sutilezas debatidas nos Concílios durante séculos – e causa de tanto derrame de sangue. Agimos bem desinteressando-nos disso, porque essas questões eram coisas sem nenhum liame com a verdadeira

Religião. Achamos muito sintomático que num dos mais velhos livros sobre Fausto, Mefistófeles o proíba de ler a Bíblia, e em compensação lhe permita debater questões religiosas – o purgatório, os concílios, as missas, as cerimônias, etc. Mefisto quer preservá-lo da piedade, mas não da Teologia. Nesse ponto está de acordo com o papa Celestino, a quem se atribui esta frase: “Quando leio o Evangelho, não compreendo mais a Teologia, e quando estudo a Teologia, não compreendo mais o Evangelho.” Abalaram-se os suportes teológicos da moral, mas não com prejuízo da moral, porque todos sentem a necessidade de acudi-la com suportes mais sólidos.

A imortalidade – sem a qual poderíamos conceber a moral, mas não lhe poderíamos dar base – é um desses suportes. A humanidade não se inclina à cega admissão da imortalidade; mas se pudéssemos oferecer-lhe uma crença baseada em provas científicas, ela a acolheria como uma felicidade. Essa prova, entretanto, só seria completa se pudéssemos demonstrar que a imortalidade e o “como” da vida futura se baseiam nas mesmas premissas.

Nada mais compreensível do que a incredulidade dos nossos tempos; porque a Igreja não dá provas da imortalidade e é obscura na definição da outra vida. Ao contrário da Ciência, a Igreja ainda não se libertou do erro geo e antropocêntrico; coloca a salvação universal na humanidade terrestre; apenas concede ao homem, entre todas as criaturas do universo, a natureza metafísica. Esse modo de ver não mais se justifica diante dos conceitos da evolução e da psicologia animal.

Os seres inferiores também terão, com o correr do tempo, a sua Psicologia transcendental; porque sendo a natureza um todo completo, tudo na natureza tem dois lados: o metafísico e o físico.

Comete ainda a Igreja o grande erro de não se contentar com a sua finalidade ideal; ao contrário disso, procura expandir o seu poder de tempos em tempos, com mira na dominação.

O interesse da moral exige, além disso, que o bem estar na vida do Além dependa de nosso próprio esforço moral, ao passo

que os sacerdotes de todas as religiões sempre se bateram para permanecer como os intermediários entre Deus e o homem. Para o sacerdote a obediência à Igreja é de mais valor do que a moral – e a salvação eterna depende das graças concedidas pela Igreja. É verdade que já muitos deles reconhecem o mal que fez a Igreja à Religião e à moral, e a radical reforma que se prepara sob o lema de “Abaixo Roma”, se desenvolverá quando for tempo. A Igreja, entretanto, continua a sustentar pretensões contrárias a Religião e à moral.

Vi há algumas semanas um documento interessante desse gênero, decorando a parede de um quarto. Era a fotografia do Papa, de pé sob um manto, de tríplice coroa na cabeça e mão em gesto de abençoar. E em caracteres impressos: “Ó Santo Padre! Eu vos suplico, humildemente ajoelhado aos pés de Vossa Santidade, que me concedais vossa bênção apostólica e indulgências completas na hora da morte, para mim e todos os meus parentes, até o terceiro grau inclusive.” O selo papal se achava aposto à súplica, assim como, em língua latina, a sanção da súplica: “*Ex aedibus Vaticanis*, 4 de dezembro de 1874.” A assinatura era ilegível, mas vinha sob a palavra: “*Episcopus*”. Vi tempos atrás um documento semelhante pendurado em casa de um burguês de Munich. Não sei quanto custou; mas sei que me veria às voltas com a polícia se lançasse no comércio documentos deste tipo – embora valessem tanto como os fabricado em Roma.

Vê-se, pois, que o comércio das “indulgências”, que desapareceu durante a Reforma, apenas mudou de estilo – e continua. A salvação no além ainda depende das intercessões e graças venais da Igreja. Se a esses “sinais dos tempos” juntamos o fato da catadupa de milhões, que sob o pretexto de “dinheiro de São Pedro” corre para Roma, teremos realmente o direito de dizer que, o cristianismo perdeu o traço ideal do seu caráter primitivo, e isso em consequência do desenvolvimento dos poderes temporais da Igreja. O “sucessor de Cristo” tornou-se o “Diretor do Banco do Vaticano”. Não se diz mais: “Dá de pastar aos meus carneiros”, mas sim: “Tosquia as minhas as ovelhas!”

Dadas estas circunstâncias, a tendência de separar do dogma a questão da imortalidade constitui um esforço salutar, e a moral

ganha, ao mesmo tempo, base mais sólida. A Filosofia encarregou-se desse trabalho, sem entretanto romper completamente com o dogma – que para a escolástica da Idade Média era um “*Noli me tangere*”. Na *Teodicéia* de Leibniz vemos o quanto é perigoso subordinar a razão à fé. A Filosofia emancipou-se, mas não conseguiu popularizar a crença na imortalidade. E não o conseguirá enquanto permanecer sob a nefasta influência da teoria de Descartes, que na alma só vê uma entidade pensante; porque se a alma é só isso, teremos sempre diante de nós um enigma insolúvel: de que maneira essa substância metafísica pode unir-se a um corpo físico para formar um só ser?

O único caminho a trilhar para atingir o fim é o escolhido: a experimentação científica. Os que procuram a alma por meio da análise da consciência cerebral estão expostos à dúvida do raciocínio materialista. Impossível descobrir o olho analisando as lunetas; também impossível achar a alma analisando a consciência cerebral – que é sua luneta terrestre. A consciência muda segundo o organismo. Depende, no seu conjunto, do número e da natureza dos sentidos, bem como do cérebro. É por conseguinte, uma função corporal. A consciência não é para a alma outra coisa mais do que uma potência negativa. Não podemos imaginar qual seja o conteúdo dessa consciência no Além; mas é certo, mesmo quando tivéssemos uma resposta a essa pergunta, que uma abstração pensante – como cabeça alada de anjo sem corpo – seria incapaz de agir.

A doutrina em condições de satisfazer as exigências da Ciência deve eliminar todos esses embaraços. É o que faz o ocultismo. O próprio fisiologista pode familiarizar-se com um Além que tão de perto toca o nosso mundo atual e apenas se acha adiante das barreiras levantadas pelos nossos sentidos; um Além onde não penetraremos de maneira misteriosa, mas no qual nos acharemos quando depois da morte; nossa participação inconsciente no Grande Todo se tornará para nós um fato consciente. Esse fisiologista pode simpatizar-se com um Além ao qual não temos necessidade de nos adaptar, porque a ele já nos achamos inconscientemente ligados enquanto vivos. Pode familiarizar-se com a existência dos espíritos que a morte não muda e nada

adquirem de novo; que mais não fazem além de conservar o que já possuíam em vida, isto é, o corpo astral, a consciência transcendental, as faculdades ocultas. Esse fisiologista pode e deve concordar em que o nosso estado no Além dependerá do uso que tenhamos feito de nossa existência terrena, porque a lei de conservação da força não pode ser aniquilada pela morte.

Seria uma doutrina psicológica capaz de preencher todas as lacunas das precedentes. Em primeiro lugar, a união da alma com o corpo não é mais uma caixa arbitrária quando o corpo físico molda-se pelo astral e a alma funciona como princípio organizador do corpo. A alma não surge por ocasião do nascimento do corpo; apenas se incorpora; não é destruída pela morte, apenas se desencarna. Não é por um efeito de ótica que nós desaparecemos para os amigos na hora da morte. Esta doutrina demonstra que a realidade da imortalidade e o estado da vida futura se baseiam nas mesmas premissas. O corpo astral deixa o corpo físico por ocasião da morte e, libertado dos entraves da matéria, livremente dispõe de suas faculdades ocultas, que durante a vida terrestre permaneciam latentes e reprimidas.

Jacob Bohme estuda a magia como um ensaio do homem para pôr-se em relação com a essência da natureza sem empregar nenhum meio físico: Ora, tal coisa só pode efetuar-se por meio da essência do homem, isto é, o seu corpo astral.

A magia é, portanto, uma antecipação do estado futuro no Além. O uso ilimitado das faculdades ocultas garante-nos uma vida futura bem superior, em capacidades e gozo, à nossa vida terrestre. Heráclito tinha razão de dizer: “Quando vivemos a nossa vida atual a alma está morta e enterrada no corpo; mas quando morremos é o contrário: a alma renasce para a vida real.” Os sonâmbulos exprimem exatamente a mesma coisa, e o juízo deles tem valor porque os sonâmbulos acham-se num estado antecipador da vida futura.

Uma das sonâmbulas de Kerner dizia: “O sono magnético em nada se parece com o sono comum; é, pelo contrário, a lucidez mais completa”. Acontece no sono magnético, aproximada e passageiramente, o que acontece definitivamente no momento da morte: a vida concentra-se no corpo astral, ao mesmo tempo em

que a vida física se suprime. Em princípio é um estado idêntico à morte – e justamente porque sabem disso, os sonâmbulos não temem a morte; muito pelo contrário, quando ela se apresenta todo o seu ser exprime êxtase. A Igreja não pode, de maneira nenhuma, opor as suas doutrinas abstratas às provas palpáveis que o ocultismo apresenta. O Além da Igreja é um lugar imaginário, um Céu quimérico; ela nada pode nos dizer sobre o estado da vida futura, e se arrisca uma definição, é uma que não satisfaz nem à nossa inteligência, nem às nossas aspirações morais. As concepções da Igreja são absolutamente incapazes de desenvolver-se, ao passo que a doutrina ocultista, baseada toda em experiências, mostra-se apta a progredir, porque cada nova descoberta, cada nova experiência no domínio do sonambulismo, da magia, do espiritismo ou das exteriorizações ódicas, contribui para informar-nos e esclarecer-nos sobre os problemas da imortalidade e da vida futura.

Do alto desses píncaros para onde nos conduziu a doutrina ocultista da alma, vemos dissipar-se as trevas que até aqui envolveram a questão do futuro do Universo e do destino futuro do homem. Em lugar do mundo criado do nada, a Ciência mostra-nos o desenvolvimento progressivo das coisas. Poderá ela deter-se um momento para adotar as opiniões dos místicos, segundo as quais o estado primitivo do Universo era diferente do atual – e o nosso físico um produto material de um mundo transcendental – e o homem uma simples forma passageira, ou materialização de um ser transcendental. Se encararmos os tempos a virem, parece que a idéia mais elevada que possamos conceber da evolução é a lei do progresso, baseada na conservação da força, abrangendo não só a natureza terrestre e física, como também a transcendental. É o que Spencer desenvolveu numa das suas melhores obras. A natureza transcendental e o lado transcendental do homem seriam, portanto, destinados a fundir-se pouco a pouco com a natureza física e material. Os progressos da Ciência devem insensivelmente atingir as profundidades ocultas da natureza; e a consciência humana, progredindo, se enriquecerá com as forças ocultas do inconsciente. Dois mundos separados – o Aqui e o

Além – devem, no decurso da evolução, fundir-se num só Universo.

Observamos que a natureza e a consciência transcendentais do homem ainda permanecem separadas da sua natureza física e da sua consciência cerebral; e que um dos lados só pode manifestar-se à custa do outro – o que sucede pela alternância do nascimento e da morte. A existência oculta e suas funções paralisam-se pelo processo de materialização a que chamamos nascimento; a morte as ressuscita, mas sacrificando o corpo físico. Esse estado de coisas deverá transformar-se insensivelmente, se a evolução abranger os dois lados do nosso ser e tender a fundilos num todo completo. Ora, é isto que já observamos. O desenvolvimento biológico do homem foi uma lenta gradação do organismo, com o surto dos sentidos e o concomitante aperfeiçoar-se da consciência. Certos aspectos de sua vida inconsciente, pelas quais o homem se une à natureza universal, fazem parte de sua consciência cerebral e por meio deles o homem cada vez mais se liga ao inundo transcendental – que desse modo se transforma, para ele, em mundo físico. Vemos, portanto, do ponto de vista biológico, o Aqui e o Além se transformarem insensivelmente e se fundirem um no outro. Já hoje levamos vida comum com a natureza universal, embora a consciência cerebral só tenha noção de parte disso. Nossa essência oculta já está unida à natureza oculta universal, e já pertencemos, embora de modo inconsciente, ao mundo dos Espíritos. À evolução compete desenvolver o processo biológico até tornar-nos conscientes dessa inconsciente união com o universo – até que o Aqui e o Além definitivamente se entrelacem um no outro.

Houve eras em que os homens, divididos em raças e separados pelos oceanos, estagnavam-se nas diversas partes do mundo. O progresso histórico trouxe a aproximação dos países e seus habitantes por meio das vias de comunicação. A humanidade do futuro levará vida comum. Tempo virá em que entraremos em relações com os habitantes dos planetas vizinhos e, finalmente, conseguiremos, pela progressão de nossa vida física e absorção desta na existência transcendental, produzir uma fusão das duas

existências, de sorte que o homem do futuro viverá em comum com os habitantes do Além.

Fala-se muito, em nossos dias, no “super-homem”; é esse, com efeito, o objetivo que biológica e historicamente a natureza se propõe atingir. Não será o super-homem de Nietzsche que, pelo contrário, suprime e nega a sua natureza transcendental. O mundo não tardará a reconhecer no super-homem de Nietzsche um aborto do espírito humano. O culto de um “filósofo” que não exprimiu nenhuma verdade nova não pode ser de longa duração. Nietzsche soube dar a reconhecidos lugares comuns aparências de profundidade, reformulando-os em alto estilo. No fundo, o delírio nietzschiano só constitui matéria para o estudo dos psiquiatras.

O verdadeiro “super homem” será o que reunir na mesma pessoa o ser transcendental e o ser físico, e para o qual não haja mais mudanças, estados transitórios, o que triunfe do nascimento e da morte. Podemos, desde o presente, compartilhar do estado de espírito do futuro super-homem aprofundando o problema da imortalidade até ao ponto de reconhecer a morte como a máxima benfeitora da humanidade. Aquele que atingiu esse grau de sabedoria poderá dizer com o poeta:

*Ille metus omnes et inexorabile fatum
Subjecit Pedibus.*

Quanto ao que o progresso ainda nos reserva; quanto ao estado definitivo a que o progresso nos levará; quanto ao “por que” esse estado não começou já do começo; quanto à necessidade de termos de sofrer neste mundo demoníaco em que os seres se debatem em tão profundas trevas metafísicas e se sobrecarregam de males e sofrimentos de todos os gêneros, e onde não podemos subsistir sem o extermínio mútuo; quanto ao “por que” existe “qualquer coisa” e não existe o “nada” – perguntas são estas que só se animam a responder os que admitem que criaturas elementares, recém-saídas do reino animal, já possam estar habilitadas a solver o grande enigma do Universo.

Quanto a mim, renuncio a tão ingênua empresa. Não quero tornar-me um Ícaro filosófico – sorte comum a todos os que

tiveram a temeridade de abordar o problema das causas finais da existência.

Epílogo

Em meu livro *Física Mágica* tratei da “Física mágica” e da “Psicologia mágica”. Depois disso, logicamente, cumpria-me escrever a Magia Espírita. Mas não me atrevi a tanto, nem a prometé-lo para mais tarde. Embora nesse domínio eu possua mais experiência que todos os críticos juntos, não considero suficiente o meu acervo experimental e só poderia pôr mãos à obra se me encontrasse na situação de um William Crookes, o qual teve a chance de, durante quatro anos, dispor de uma médium excepcional. Como é duvidoso que me aconteça o mesmo, limito-me a tirar da magia as conclusões referentes à questão primacial para o homem: a imortalidade.

Foi o que fiz nesta obra. O leitor verá que a magia constitui a base científica do espiritismo, porque o agente mágico é justamente o homem oculto – o homem astral –, isto é, a parte que subsistirá de nós depois da morte. O problema da magia, portanto, é, no fundo, o mesmo da imortalidade. Ambos se submetem à mesma condição, à exteriorização do homem oculto – o psíquico a liberar-se do físico. Essa separação se dá, parcial e provisoriamente, por meio da magia; e total e definitivamente, por meia da morte.

A última palavra da magia – o corpo astral –, torna-se a primeira palavra da imortalidade e do espiritismo. O corpo astral, com a sua consciência transcendental, é, nos dois casos, o agente – tanto nas funções ocultas dos vivos como no caso normal dos fantasmas espíritas. Na magia dos vivos essas funções se operam sem o concurso do corpo físico, e no espiritismo se efetuam sem a posse de um corpo terrestre. As forças psíquicas do homem são, por consequência, idênticas às dos fantasmas espíritas – e submetidas às mesmas leis e condições.

Estas analogias provam, mais do que tudo, que não podemos chegar a nenhum resultado satisfatório, nem compreender o espiritismo, se o estudamos isoladamente. Por isso, se o espiritismo pretende tornar-se um ramo da antropologia, deverá ter

sempre em vista estas analogias. E quem tenha a intenção de seguir este conselho deverá começar pelo estudo da magia.

Biblioteca de Estudos Psíquicos

O grande desenvolvimento que tomaram nos países mais adiantados do mundo, como Inglaterra e Estados Unidos, os estudos do que Charles Richet denominou metapsíquica, ainda não se refletiu no Brasil. A iniciativa da Sociedade Metapsíquica de São Paulo tem por fim atenuar essa falta – e certamente que o fará, se a acolhida do público às primeiras obras publicadas por iniciativa desse grêmio for animadora.

Durante muito tempo os fenômenos metapsíquicos foram sistematicamente negados pela Ciência positiva. Ficara assente que só existia o que fosse perceptível pelos nossos sentidos, – sentidos que a Fisiologia reconhece serem, além de reduzidíssimos, muito rudimentares. Ora, essa atitude é anticientífica e muito pouco filosófica. Se a Ciência admite e prova que os sentidos foram aparecendo gradualmente, e se desenvolvendo no curso da evolução, tem que admitir que não há razão nenhuma para que permaneçam nos cinco que temos hoje. Se já chegaram a cinco, havendo partido inicialmente do sentido táctil das amebas, por que não chegarão a dez ou cinquenta?

Muitas formas de vida revelam sentidos que o homem nem sequer pode compreender. Os insetos possuem-nos em maior quantidade que os vertebrados. Os próprios pombos revelam o sentido da orientação que não conseguimos explicar. Ora, se nessas formas de vida surgiram esses novos instintos, por que não surgirão igualmente nos homens? Havemos que contar com isso, porque a evolução é um fato e sua marcha é indefinida.

Hoje, em muitas criaturas, já começa a denunciar-se um novo sentido, o sexto, a que poderemos denominar sentido psíquico, qual seja o de pôr-nos em relação com o que Du Prel chama o mundo transcendental. Esse sentido terá que se generalizar e tornar-se tão normal como já o são os cinco de que hoje todos nós nos beneficiamos. Só então os atuais fenômenos metapsíquicos serão estudados e levados em conta como o são hoje os fenômenos físicos que caem sob a percepção dos nossos cinco sentidos.

Quer isto dizer que os atuais estudiosos da metapsíquica não passam de pioneiros – de homens de visão mais aguda que os demais. Precursores, sim, antecipadores de um conhecimento que um dia será tão novo como o da química ou o da botânica.

Os obstáculos a vencer são muitos. Há a resistência passiva da rotina, da idéia consagrada, do *status quo* dos conhecimentos oficiais; mas a história da marcha do pensamento humano nos mostra que esses obstáculos sempre existiram e não são inexpugnáveis.

Por séculos e séculos a humanidade admitiu que era a Terra o centro do Universo, fixa no espaço e com tudo a girar em torno dela. E muito pioneiro foi sacrificado em fogueiras por haver negado essa “verdade” oficial. Mas veio Copérnico e a verdade passou a ser justamente o contrário. Em Atenas, no século de Péricles, um homem foi expulso da cidade por afirmar que o sol era quase do tamanho do Peloponeso. Na Atenas de hoje não há ninguém de mediana cultura que não saiba que a Terra é milhares de vezes menor que o sol.

O mesmo se dá com os fenômenos psíquicos, ou, melhor, metapsíquicos. A Ciência oficial nega-os. A generalidade da opinião sorri dos que começam a estudá-los, mas é assim que se formam todas as ciências. Os pioneiros insistem, vão alargando as suas conquistas e acabam vencedores. Foi da rudimentaríssima astrologia que surgiu a astronomia. E foi da alquimia que veio a química. Do “espiritismo” de hoje, esse esforço empírico das almas simples, é que vai sair a Ciência nova da metapsíquica, a qual, no futuro, se assentará normalmente ao lado das suas irmãs já consagradas e terá suas cadeiras nas mesmas universidades que hoje a repelem.

Tudo caminha passo a passo – e outra coisa não faz a metapsíquica. O simples fato de um grande cérebro como Richet haver-lhe dado um nome, já significa muita coisa. Equivaleu a retirá-la das mãos dos leigos e depô-la no colo dos homens dotados do verdadeiro espírito científico.

Podemos considerar os trabalhos de Richet como fundamentais para a fase nova que se abriu para a entronização da nova

Ciência. O seu grande tratado, A Metapsíquica, causou forte abalo no mundo dos sábios e induziu inúmeros colegas a iniciarem-se no estudo da Ciência nova. Há ainda os trabalhos de Albert de Rochas, que são importantíssimos porque não passam de experiências de laboratórios conduzidas com o mesmo rigor adotado para as ciências físicas.

Temos de conhecer essas obras. Temos de dá-las ao público em boas traduções e a preços acessíveis. São pedras angulares, são alicerces indispensáveis – e não podemos admitir que todos os países civilizados já as tenham integrado em seu acervo de obras básicas e nós só as possamos ler em línguas alheias. A tradução e vulgarização de Charles Richet e Albert de Rochas no Brasil já está tardando.

E a seguir temos de lançar inúmeras outras obras de pioneiros que se dedicaram a prosseguir nos passos dados pelo eminente Richet. Só assim o estudo do espiritualismo no Brasil sairá da fase elementaríssima em que se acha para entrar em fase verdadeiramente científica.

A iniciativa da Sociedade Metapsíquica de São Paulo está destinada a criar uma era nova para o espiritualismo no Brasil – mas tudo depende da acolhida do público. Tal seja ela, tal será a marcha do lançamento das grandes obras que os países supercivilizados já incorporaram ao seu acervo e nós nem de nome conhecemos.

FIM

Notas:

¹ É importante lembrarmos que os Espíritos são seres livres e, como nós, têm sua vontade, seus compromissos, seu descanso mental e suas conveniências. Evocar os espíritos regulando as suas aparições poderia ser entendido como submetê-los aos nossos desejos, pura e simplesmente, o que seria um erro. Da

mesma forma que nós, encarnados, temos a liberdade de aceitar ou não um convite, também os seres do mundo espiritual têm a liberdade de se manifestar ou não mediunicamente. (Nota do revisor.)

² *Ecolalia* – é a tendência do autômato para: 1) repetir automaticamente sons ou palavras ouvidas; 2) aconsoantar as palavras, isto é, escrever suprimindo nestas as vogais. (Dicionário Aurélio Século XXI.)